

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

Cristiane Tenani Pomeranz

Arteterapia nas paisagens das velhices: Método PREAMAR de Intervenção

Mestrado em Gerontologia

São Paulo
2017

Cristiane Tenani Pomeranz

Arteterapia nas paisagens das velhices: Método PREAMAR de Intervenção

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Gerontologia, inserida na área de concentração Gerontologia Social, linha de pesquisa Gerontologia : Processos Político-Institucionais e Práticas Sociais, do Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia, vinculado à FACHS-Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Profa Dra Beltrina Côrte

São Paulo

2017

À Elisa e Zuzima

Mulheres que mudaram, para sempre, a paisagem de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos especiais onde pude perceber-me fazendo parte de um novo cenário, propício a modificar para sempre minha própria paisagem. Ganhei amigos, fortaleci laços e me envolvi intensamente nesta nova proposta de vida que havia escolhido. Optei por viver uma vida interessante e envelhecer envolta em saberes que me impulsionariam sempre adiante.

Foi um caminhar, que de tão especial se faz necessário agradecer. Ser acolhida e instigada pela orientadora Beltrina Côrte foi fundamental na importância destes anos. Beltrina esteve de mãos dadas comigo o tempo todo, mas soube, muitas vezes, me lançar em voos, onde lá de cima pude vislumbrar a possibilidade de um viver engrandecedor. Muito mais do que orientadora, ela soube fazer-se presente e tornar-se parte constante de todas minhas paisagens futuras.

Meu muito obrigada aos professores da Gerontologia Social que me fizeram ver o mundo sob uma nova ótica. Professor Canineu, professora Silvana, professora Nádia, professora Beth, professora Suzana, professora Salma, professora Ruth, entre outros, saibam que saía das aulas, transtornada, no melhor sentido que um transtorno pode ter. Cada aula foi especial e modificadora.

Meu agradecimento especial à professora Fernanda Gouveia por me contagiar com sua energia modificadora de vidas. Com ela aprendi que é possível concretizar sonhos e torná-los coletivos.

Meu agradecimento carinhoso à psicóloga Maria Célia de Abreu que me mostrou a velhice como paisagem.

À Naira Dutra Lemos pelos esforços em mostrar novas maneiras de intervir nas velhices. Obrigada pelo apoio e por suas aulas interessantes durante este meu percurso.

Às professoras da Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae por continuarem presentes em meu caminhar.

Carinho especial à Ana Alice Francisquetti por nunca ter medido esforços em transmitir seus saberes com a seriedade necessária sem perder a beleza da Arte. A você devo muito da profissional que sou.

À amiga Tânia Freire por ter puxado a fila do mestrado.

Agradeço a minha amiga Margherita Cássia por ter se tornado minha companheira de devaneios gerontológicos. Vamos envelhecer juntas e filosofando.

À Rachel Katz por me mostrar, na prática, atitudes que favorecem velhices esquecidas.

Aos profissionais do Museu Brasileiro da Escultura, MuBE, por abrirem as portas para as velhices renegadas. Carinho especial a Jorge Landmann e Maria Lúcia pelo constante apoio.

Meu muito obrigada à Gabi e Carol, filhas da Elisa, por dividirem essa mãe e sua história tão especial comigo.

Amigo que a Gerontologia me deu, Walter e a amiga Juliana, companheira de sonhos realizados e de tantos outros. Obrigada pela torcida e apoio. Carinho à Marie Claire, minha velha amiga potente e a Marcelo Fúria pelo criativo apoio odontológico nos projetos modificadores de sorrisos.

Às minhas cachorras, obrigada pela companhia durante a escrita da dissertação e por me divertirem quando estava estressada.

Agradeço de todo coração à minha amiga irmã Maria Rita, sem a qual minha vida não faria o menor sentido. Obrigada por me segurar em cada tropeço e obrigada pelas leituras dos textos e pelo carinhoso apoio.

O meu amor total aos meus pais pelos valores transmitidos e por me mostrarem a velhice como potência de vida. Sem o apoio e o carinho de vocês, eu não conseguiria ter dado esse passo.

Meu irmão pelos conselhos e pela empolgante e comovente torcida. Você esteve docemente perto durante todo meu mestrado e isso me fortaleceu de uma maneira que talvez você não imagine.

Aos meus filhos, Yuri, Bruno e Larissa, obrigada pelo entusiasmo que vocês demonstraram desde o início deste caminho e obrigada mil vezes por me ouvirem falar de velhice com tanta atenção. Por vocês tento ser o melhor que posso.

Ao meu marido e amor, obrigada pela paciência e carinho. Tenho consciência de ter extrapolado, muitas vezes.

Ao meu tio José Roberto Petrone e meu bisavô Cesare Marchisio por me transmitirem o gosto pela Arte.

À CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual essa pesquisa não teria sido realizada.

Aos idosos que cruzam meu caminho e transformam constantemente as paisagens da minha vida. Aos artistas, músicos, filósofos e poetas por tornarem a vida e a existência possíveis de serem vividas.

Gratidão por constatar a força da Zuzima que pulsa em mim.

“Temos a Arte para não morrer de verdade”

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Aproximar a Arte da velhice, com o olhar interdisciplinar da Gerontologia é o método de trabalho utilizado nesta pesquisa documental. A pesquisa também tem um caráter retrospectivo, descritivo e qualitativo que tem como eixo principal a história de uma bailarina chamada Elisa, cujo nome artístico era Zuzima. Após o derrame, ao fazer reabilitação, ela é exposta à Arteterapia, onde encontra maneiras de resgatar a potência de vida perdida em meio à patologia. A pesquisa está fundamentada em autores de diversas áreas do saber, como Geertz, Tótorá, Ciornai, Francisquetti, Carrière, Messy, Beauvoir, Foucault, Nietzsche entre outros, e apresenta um método de intervenção arteterapêutica nomeado PREAMAR. O método, composto de sete passos - percepção, reconhecimento, estratégia, afeto, mão na massa, análise de resultado e refinamento, foi desenvolvido durante o envolvimento profissional com Elisa. Mais do que uma metodologia, Elisa revelou a fragilidade humana eminente, como condição, capaz de abafar a potência de vida existente nos velhos, e tornou-se o que o sociólogo Max Weber chamou de “tipo ideal”, instrumento de pesquisa do saber sociológico, uma construção mental do pesquisador, que enfatiza aspectos que deseja analisar do objeto de estudo. Elisa permitiu que selecionássemos uma série de observações construindo assim um “tipo ideal” que pode ser percebido em casos práticos de Arteterapia. Estas intervenções foram feitas com idosos de uma Instituição de Longa Permanência e de grande porte na cidade de São Paulo, com idosos do Atelier de Arte&Inclusão e demenciados do projeto Faça Memórias, com idosos em situação de vulnerabilidade social que frequentam um Centro-dia público, e outros idosos atendidos individualmente pela pesquisadora, apontando um movimento interno desenvolvido a favor do sujeito velho que percebe possibilidades de viver a velhice. Observou-se que a Arteterapia é uma ferramenta facilitadora para a compreensão das velhices, assim como uma prática a favor das condutas de significação da vida para os velhos. Ao serem envolvidos neste método, os idosos podem encontrar meios de interpretar o mundo, para existir inserido no tempo presente, em que a compreensão dos fatos, da vida e da velhice pode clarificar-se em meio ao cenário atual. O método PREAMAR, aprendido e replicado, mostra-se eficaz na transformação das paisagens que, em muitas velhices, são desprovidas de encantamento. Para as velhices fragilizadas, esta pesquisa propõe uma Arteterapia que busca, na força da Arte e no método PREAMAR as condições de resgatar as Zuzimas oprimidas pelo Nilismo encontrado nas mais diversas maneiras de envelhecer.

Palavras-chave: método PREAMAR, velhices fragilizadas, Arte Terapia, Gerontologia, potência de vida

ABSTRACT

To approach Art and Old Age, with the interdisciplinary view of Gerontology, is the working method used in this documental research. The research is also retrospective, descriptive and qualitative in character and has its main axis in the story of a ballerina named Elisa, whose stage name was Zuzima. After the stroke, and during rehabilitation, she is exposed to Art Therapy, where she finds ways to rescue the potential of life that was lost to the pathology. This research is based on authors from various fields of knowledge, such as Geertz, Tótorá, Ciornai, Francisquetti, Carrière, Messy, Beauvoir, Foucault, Nietzsche among others, and features a method of art-therapeutic intervention named PREAMAR. The method consists of seven steps -perception, recognition, strategy, affection, hands-on, result analysis and refinement, and was developed during the professional involvement with Elisa. More than a methodology, Elisa revealed the imminent human frailty, as a condition that is able to stifle the potency of existing life in the elderly, and became what the sociologist Max Weber termed an “ideal type”, an instrument for researching sociological knowledge, a mental construction of the researcher which emphasizes the aspects to analyze in the object of study. Elisa allowed the selection of a series of interventions, building in this manner an “ideal type” that can be perceived in the practical cases of Art Therapy. These interventions were made with elderly people in a large institution of Long-permanence in the city of São Paulo, with elders from the Atelier of Art & Inclusion and Dementia of the project Make Memories, with socially vulnerable elders who attended a public day-Center, and other elders that were attended individually by the researcher, pointing towards an internal movement that was developed in favor of those elders who perceive the possibilities of living the old age. It was observed that Art Therapy is a facilitating tool for the understanding of elderliness, as well as a practice favoring conducts of meaning-of-life for the elderly. By being involved in this method, the elderly can find ways of interpreting the world, to exist inserted in the present time, in which the understanding of facts, of life and of elderliness can be clarified in the midst of the current scenario. The PREAMAR method, learned and replicated, shows to be effective in the transformation of landscapes that, in many old-ages, are devoid of enchantments. For the fragile old-ages, this study proposes an Art Therapy that seeks, in the force of Art and in the PREAMAR method, the conditions to rescue the Zuzimas oppressed by the Nihilism that is found in the most diverse forms of growing old.

Key-word: Method PREAMAR. Fragile Old age. Art Therapy. Gerontology. Life power

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Zuzima na menina Elisa	21
Figura 2 – As duas Fridas	30
Figura 3 – Ponta	31
Figura 4 – Zuzima com Caetano Veloso	37
Figura 5 – A Grande Onda de Kanagawa	38
Figura 6 – Zuzima: O Eu Ideal	43
Figura 7 – Braços abertos - O Pousos	46
Figura 8 – Zuzima para todas as velhices	53
Figura 9 – Escrito de Elisa	55
Figura 10 – Ensaio	56
Figura 11 – Tear de pregos adaptado	60
Figura 12 – Com Elenco	61
Figura 13 – Álbum Elas	66
Figura 14 – Show da Rodhia - Estampa do Vestido	67
Figura 15 – Interferência apenas nas bordas. Fotos do passado continuavam intactas	67
Figura 16 – Sandra Cinto - "Sem Título" 1997/1998	69
Figura 17 – Sandra Cinto como inspiração	70
Figura 18 – Navegar	70
Figura 19 – Cobra	71
Figura 20 – Folhagem	71
Figura 21 – Última Dança	75
Figura 22 – Elisa	77
Figura 23 – Fonte - Duchamp	80
Figura 24 – Fotos conceituais de Vera Holtz serviram como inspiração para o projeto com os idosos de Centro Dia Público.	85
Figura 25 – Infantilização	85
Figura 26 – Estereótipos da Velhice	86
Figura 27 – Direito a voz	87
Figura 28 – Só é pipoca quem passa pelo fogo	88
Figura 29 – Viva o Presente	89
Figura 30 – Compreender o mundo que envelhece	90
Figura 31 – Idosos Desejantes	90
Figura 32 – Meu nome é Maria	91
Figura 33 – Direito a Moradia	92
Figura 34 – Não ao isolamento!	94

Figura 35 – Braços Abertos	95
Figura 36 – A Lua de Leminski como inspiração	100
Figura 37 – miniaturas	109
Figura 38 – Medalha	110
Figura 39 – Idosas em Atelier de Arteterapia	113

CAMINHO

	BELVEDERE: PAISAGEM PESSOAL	12
1	PRIMEIRA PAISAGEM: HISTÓRICA	21
1.1	Arteterapia no Brasil	25
1.2	Arteterapia: Conceitos e Intervenções	28
2	SEGUNDA PAISAGEM: A FRAGILIDADE DO CAMINHANTE	31
2.1	Arteterapia para Idosos em sua Real Condição	35
2.2	Arteterapia e o Espelho Quebrado	39
3	O POUSO COMO TERCEIRA PAISAGEM	46
3.1	Filosofia Como Fundamento	51
3.2	Zuzima no Âmago de Toda e Qualquer Velhice	53
4	QUARTA PAISAGEM: PREAMAR - METODOLOGIA COMPOSTA DE SETE PASSOS PARA APLICAÇÃO DA ARTETERAPIA PARA IDOSOS	56
4.1	Percepção	57
4.2	Reconhecimento	59
4.3	Estratégia	60
4.4	Afeto	61
4.5	Mão Na Massa	62
4.5.1	Escolha dos Materiais	62
4.5.2	Entusiasmo como motivação	63
4.5.3	Criatividade em atelier	66
4.5.4	A História da Arte	68
4.6	ANÁLISE DE RESULTADO	72
4.7	REFINAMENTO	73
5	QUINTA PAISAGEM: VELHICE E ARTETERAPIA NA TEIA DE SIG- NIFICADOS	77
5.1	Arte Conceitual: A Velhice como Conceito	79
5.2	Método PREAMAR Aplicado a Idosos em Situação de Vulnerabi- lidade Social	93
6	SEXTA PAISAGEM: O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	95
6.1	Faça memórias: Intervenções Inovadoras a favor dos Idosos com Alzheimer e Outras Demências	96
6.2	O Idoso como Cidadão	98

6.3	Arteterapia para Florescer Paisagens	99
6.4	Método PREAMAR aplicado nas demências:	105
6.5	Cenários futuros: Josés, Marias e Elisas	107
6.6	Faça memórias: Intervenções Inovadoras a favor dos Idosos com Alzheimer e Outras Demências	110
	ÚLTIMA PAISAGEM: A VELHICE COMO CENÁRIO	113
	Amar a Si em Meio às Rugas e às Dores	114
	REFERÊNCIAS:	118

LA VISPA TEREZA¹

La vispa Tereza,
Avrà fra la erbeta,
al volo sorpresa,
gentil farfaletta.
E tutta giolina, stringendole la vita
gridava sorpresa: l'ò ho presa, l'ò ho presa!
A lei sospirando l'inseto parlò: vivendo e volando che male ti fo?
Tu sì che me fai male, me stringe le ali
L'asciami anch io sono figlia di Dio.
Tereza pentita arrosi .
Dischiudera le dita e l'inseto fugi.

¹ La Vispa Teresa é uma poesia italiana, escrita por Luigi Sailer e lançada em 1850. Tornou-se uma canção de ninar muito conhecida na Itália, disponível em [https://it.wikipedia.org/wiki/La_vispa_Teresa_\(Sailer\)](https://it.wikipedia.org/wiki/La_vispa_Teresa_(Sailer))

BELVEDERE: PAISAGEM PESSOAL

Não. Não sei nada de italiano, mas a melodia e a gesticulação da minha bisavó declamando esses versos me encantavam e, ao ouvir o poema, se desenhava no meu pensamento as cenas que ela narrava. Eu era pequena, mas me recordo o quanto era aflitivo imaginar a borboleta com as asas presas na mão da menina.

Aflicção que durava pequenos versos e que tinha um desfecho final mágico e libertador, pois a menina compreendia seu ato e soltava o inseto numa cena deliciosa de ver minha bisavó representar com seus braços enrugados e já flácidos pelo tempo.

Após o aprisionamento, a borboleta volta a voar. Ganha novamente os céus e a liberdade espalhando sua alegria para a menina do poema, para minha bisavó de oitenta e poucos anos e para aquela garotinha sonhadora que um dia eu fui.

A vida me mostrou caminhos que eu não imaginava trilhar.

Foi assim com a Gerontologia que veio como consequência de um percurso que procurei seguir buscando proporcionar, através da Arte, a oportunidade de libertar as pessoas aprisionadas pelos contratempos da vida.

Como na poesia da minha bisavó, somos todos merecedores de novos voos.

A minha escolha foi a Arte. Todo o resto me parecia entediante e apenas nas atividades criativas eu encontrava uma alegria bem semelhante a que eu sentia, quando criança, ao explorar um mundo cheio de fantasia e fértil na imaginação.

Sempre fui interessada nas pessoas. Crianças, jovens e velhos: Pessoas. De todos os tipos e idades.

Minha bisavó me contava histórias do seu amor pelo meu bisavô Cesare Marchisio, que era pintor, arquiteto e matemático. Enfim, um homem a frente do seu tempo e eu me sentia muito próxima a ele mesmo sem tê-lo conhecido. Ela, a quem eu chamava de Bis do Mar, por ter vivido em Santos, foi marcante em minha vida. Viveu muito. Ficou viúva cedo e manteve sua autonomia mesmo depois de velha. Morou sozinha em Santos até seus 90 anos quando precisou voltar para São Paulo por problemas de saúde para morar com minha avó.

As duas tinham um gênio difícil e brigavam muito. Eu era garota e quando minha Bis do Mar ficou com demência, a família achou que morar em um residencial de Cotia seria a melhor opção. Não tive estrutura de vê-la naquela situação. Eu, com meus dezessete anos, dizia não tolerar vê-la naquele corpo e não reconhecê-la. Nunca fui visitá-la e por ironia do destino, hoje, não só tolero como transformo o olhar para o sofrimento causado por esse tipo de ausência.

Peço perdão a ela todos os dias e ofereço todo carinho que dedico às minhas participantes à minha querida Bis do Mar. É o meu pedido de desculpas por não ter

tido condições psíquicas de me despedir dela aos poucos. Uma despedida diária de alguém que vai nos deixando e morrendo lentamente bem na frente de nossos olhos.

Ela ficou muito tempo no residencial e só saiu de lá morta e foi aí que tive a atitude mais sem sentido de toda minha vida: Fui vê-la, sem vida, para me despedir. Era como se a morte fosse permitida, mas a demência não.

A morte é natural. A demência é cruel.

E se eu não tivesse vivido tamanha crueldade justamente com alguém que me era tão especial, provavelmente a minha história não teria tomado o rumo que tomou.

Depois, anos se passaram e veio a demência fulminante do meu avô.

Desta vez fui poupada pela vida. Minha relação com meu avô era muito forte e justamente quando ele ficou mal, fora de si, eu morava fora do Brasil. Não o vi na ausência.

Algumas pessoas fazem Gerontologia, pois a vida apresenta situações e convivem com idosos em todo seu percurso.

Comigo não foi assim. A vida me livrou, ou por um motivo, ou por outro, de vivenciar a demência de pessoas que eu amava até eu ter a estrutura que, aos poucos, fui adquirindo com meu trabalho.

Ainda me revolto e penso em desistir de tudo muitas vezes, mas respiro fundo e me agarro no que acredito ser uma saída para o sufoco. E como diz Friedrich Nietzsche em seus "Fragmentos póstumos (1993)": Temos a Arte para não morrer de Verdade.

Sigo em frente com um trabalho que estou certa que faz a diferença.

E é a certeza deste trabalho que me fez procurar o conhecimento científico que busco nos estudos da Gerontologia Social, uma área que tem me fascinado já que entender o envelhecimento é compreender a vida em si, com todo o seu caminhar, abrangente e natural.

Quanto a Bis do Mar, sei que ela segue comigo neste percurso e é no coração que ela me ajuda a libertar todas aquelas borboletas aprisionadas. São dedos que apertam as asas por não entenderem que segurar com força e impedir o voo, não amenizará a doença.

É preciso deixar voar. Estudo Gerontologia para aprender a conduzir esses voos e ajudar as borboletas a preservarem a liberdade até o fim da existência.

Essa é a minha maneira de pensar a vida. Conhecer para voar. E voar cada vez mais alto enquanto envelheço e envelhecemos.

Eu e minhas borboletas.

Voos altos fazem parte de um viver interessante que encontramos nas escolhas dos percursos que trilhamos, consciente de que no caminho as paisagens vão se modificando ao longo do trajeto.

Fatos e encontros modificam cada passo rumo a um não saber que desafia e impulsiona a seguir em frente.

Não há dúvidas que o caminho da Arteterapia é a Arte.

Ao iniciar os estudos na área, a aflição ao imaginar que a potência da Arteterapia poderia estar em algum outro lugar desconhecido e distante ao universo artístico familiar, era uma constante.

A professora Maria Alice do Val Barcellos foi fundamental ao mostrar a força da Arte neste caminho. Artista Plástica, ceramista e Arteterapeuta, Val soube ensinar a importância de mergulhar na Arte de cabeça trazendo todo conhecimento artístico para o contexto terapêutico. Quanto maior o aprofundamento nas Artes, mais o conceito da Arteterapia tornava-se claro.

Ao longo desse processo, quanto mais usufruímos do universo entregue pela Arte, mais Arteterapia se faz. Visível é ver satisfação entregue a quem participa de ateliers Arteterapêuticos, com a possibilidade de envolver-se no processo criativo e artístico.

Selma Ciornai (2004), no seu escrito sobre a Arteterapia Gestáltica, cita a artista e pensadora Fayga Ostrower que define esse processo.

Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade do nosso fazer seja poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer, e, em vez de substituir a realidade, é a realidade, é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência cada vez mais elevados e mais complexos. Somos nós a realidade nova. Daí o sentimento de essencial e necessário no criar: o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida. (OSTROWER, 1977, p. 28 citado por CIORNAI, 2004, p.69).

Portanto, é através do processo criativo que a oportunidade de ressignificação da vida acontece, mesmo quando a complexidade do viver se faz presente.

Ao entender a grandeza deste processo, faz-se necessário construir meios para que a criatividade do outro possa ser explorada em toda sua força. Trata-se de um ato extremamente afetivo entre o Arteterapeuta e o participante. É através da criatividade das propostas oferecidas e da criatividade como linguagem artística que se faz o contato e se fortalece o vínculo. Elisa, sujeito tipo ideal deste trabalho, aponta e ensina condutas eficazes.

O encontro com Elisa foi um divisor de águas. Em maio de 2007, no atelier de Arte de um grande centro de Reabilitação da cidade de São Paulo, Elisa Elvira Turano Vaz Guimarães², pseudônimo artístico de Zuzima, torna-se participante de um grupo de adultos em processo de reabilitação. A partir da Arteterapia um vínculo afetivo foi criado com tamanha força que, a relação transbordou de novos significados nossas vidas. Experiência que foi um mergulho, de cabeça e de coração numa proposta que transformaria para sempre nossos caminhos. Elisa estará presente, eternamente, em todas as paisagens.

Dona de um viver poético e grandioso, Elisa tornou-se o eixo central desta dissertação e dos caminhos profissionais trilhados.

Esta pesquisa aponta um método de trabalho descoberto durante aquela vivência e que se demonstrou eficaz para todos os velhos que, posteriormente, cruzaram o caminho. Mais do que uma metodologia, Elisa revelou a fragilidade humana eminente, como forte condição, capaz de abafar a potência de vida existente em todos os velhos. Tornou-se o que o sociólogo Max Weber chamou de “tipo ideal”.

Elisa permitiu que seleccionássemos uma série de intervenções e desta maneira, velhos e velhas que passaram a fazer parte de nossa paisagem, puderam se favorecer dos ensinamentos vislumbrados através de sua história. A compreensão dos fatos, da vida e da velhice pode clarificar-se em meio ao cenário atual.

A metodologia aprendida e replicada mostra-se eficaz na transformação das paisagens que em muitas velhices são desprovidas de encantamento.

Anos se passaram e o aprendizado daquela época continua vivo e atual. A presença da Elisa e da Zuzima ainda pulsa no viver e no coração com uma energia intensa e imensa capaz de fazer forte e sagaz o caminhar a favor da vida, mesmo quando esta está sob ameaça. E tem sido assim. Vidas ameaçadas e fragilizadas cruzam o caminho e a vivência de uma época rica em construção e aprendizado fornece condições possíveis de transformar, através da Arte, vidas diminuídas pelas circuns-

² O trabalho realizado tem autorização, por parte das filhas, de ser mostrado e divulgado em estudos acadêmicos, aulas e palestras que favoreçam a compreensão da velhice assim como a importância da Arteterapia como intervenção não medicamentosa a favor da longevidade.

tâncias desfavoráveis, em um viver capaz de oferecer a todo e qualquer idoso o poder de transformação e a flexibilidade para adaptar-se às novas paisagens apresentadas durante o caminhar e o envelhecer.

Esta dissertação de mestrado revela, por meio da Arte e da Arteterapia, novas maneiras de viver cada novo horizonte oferecido no percurso da vida. Aos idosos que fazem parte do caminho, ofereço uma possível condição de vislumbrar novas maneiras de estar inserido neste cenário oferecido pela velhice com a certeza de que os caminhos irão, em determinado momento, se fundir e a própria paisagem não sairá ilesa a esse contato.

As ideias da psicóloga Maria Celia de Abreu, sobre a velhice como paisagem ajudaram a estruturar esta dissertação. Ela afirma a importância de criarmos uma imagem mental para resignificar o sentido do envelhecimento.

“Não gosto nem um pouco da imagem bastante difundida de que a vida consiste em nascer ao sopé da montanha, ir subindo, subindo, subindo até chegar ao topo, no auge da vida adulta, e depois começar a descer, descer, descer. . . até encontrar o fim da jornada em algum ponto imprevisto” (2017, p. 44) , diz a autora sobre essa ideia que nos remete a um caminho repleto de derrotas.

Pensar na vida como um caminho que nos é oferecido a percorrer com diversas paisagens parece mais interessante.

Como regra, sabemos que neste trajeto não é possível voltar atrás e caminhar é o fazer que nos cabe, sem contestação. E desta forma vamos vivendo a vida encontrando paisagens que ao longo do percurso vão se transformando em novas realidades. “Haverá ladeiras íngremes a ser galgadas ou descidas penosamente; haverá trechos desérticos, sob sol escaldante, coberto por pedregulhos pontiagudos; haverá trechos sob árvores frondosas, que fornecerão sombra e frutos; ou nossa estrada atravessará paisagens com campos floridos, riachos de águas cristalinas, lindos lagos serenos” (p. 47).

Se fizermos uma analogia com os diversos tipos de paisagens da História da Arte, podemos entender a loucura do viver que ora nos acolhe ora nos amedronta.

O fato é que as paisagens de nossa vida, assim como as que nos foram contadas pelos grandes artistas, modificam-se ao longo dos períodos e se não tivermos flexibilidade para aderir cada nova situação apresentada, não conseguiremos pertencer ao tempo atual. Por meio da Arte é possível situar o envelhecer em seu tempo e em sua paisagem. A História da Arte nos ensina e nos ajuda a refletir sobre a vida.

Ao pensarmos no Barroco Francês, movimento que aconteceu durante o século XVII cuja característica era criar um efeito avassalador por meio da fusão de várias Artes, percorremos uma paisagem de total deslumbramento. E de tão deslumbrados, não

sabemos para onde olhar. Seguimos o percurso nos perdendo em meio a tanta beleza. O Palácio de Versalhes é um exemplo deste tipo de Arte que une a arquitetura, pintura, escultura e jardinagem em uma fusão que conjuga harmonia como resultado. Caminhar por seus jardins assemelha-se aos momentos em que precisamos nos perder para enfim prosseguir. Labirintos muitas vezes desenham o caminho do viver e compõem nossas vidas com seus percursos intrincados, mas “perder-se também é caminho”, como já dizia Clarice Lispector (1949).

O percurso não para de se modificar e nossa vida também não. Do Barroco seguimos adiante até o Realismo, movimento que emergiu na França no início da revolução de 1848 como uma reação ao Romantismo, que por volta de 1800, mostrava, através da Arte, um mundo de beleza que propunha elevar os sentimentos acima dos pensamentos, o que se assemelha aos momentos cuja dificuldade de racionalizar a própria vida se faz presente. Com o Realismo combatia-se essa ideia romântica de ver o mundo. Suas paisagens retratam a vida tal qual ela se apresenta de maneira pragmática, afinal a realidade deve ser maior do que a sensação.

Nos momentos de viver as paisagens reais, nos endurecemos como humanos e muitas vezes perdemos de vista nossa condição de contemplar o entorno.

A ideia da velhice como mais uma paisagem muito agrada. Da paisagem de agora, imagino um tempo futuro, onde se possa viver a explosão colorida dos Fovistas que entre 1905 e 1907 revolucionaram a Arte com cores violentas pintadas de forma arbitrária. Desejo um viver, para mim e para os idosos que cruzam o caminho, que seja capaz de transformar toda e qualquer realidade em uma paisagem a nossa própria vontade. A Arte nos ajuda a perceber, na velhice, a possibilidade de se transformar, assim como a oportunidade de usar o fazer artístico para desrespeitar as regras impostas com a propriedade, característica da longevidade. Quem sabe assim, o que expressamos na Arte feita e compreendida, não possa ser aplicada na própria vida?

Paisagens diversas para um único caminho.

Das de Monet com suas paisagens turvas à força das que foram retratadas pelos expressionistas, uma vida rica é aquela que nos coloca a prova para aprendermos a sair do conforto. Tem outro jeito de existir? Para os que pensam na velhice como paisagens apagadas, a Arte possibilita ascender os holofotes e modificar a paleta de cores.

O caminho é o mesmo. O viajante segue os passos com a única e certa incumbência de caminhar.

A passos lentos, muitas vezes trêmulos, mas passos certos rumo ao desejo de existência que se faz presente em todas as paisagens do nosso caminho.

Através desta dissertação de mestrado, revela-se um caminho profissional, cujo

trajeto foi consolidado pela existência e influência de alguém que soube pavimentar o caminho para que os passos pudessem ser dados na direção de um florescer que favoreça o viver e o compartilhar, com todas as fragilidades em forma de velhice que aparecem no trajeto.

Elisa e a Arte da Zuzima tornaram-se o próprio caminho e é através da potência dessa experiência que os cenários apresentados são transformados em algo possível de ser vivido e compartilhado com os velhos e velhas que habitam e modificam as paisagens.

A Arteterapia atrelada a Gerontologia torna-se um meio potente de construir novos cenários, mais interessantes e belos, para os velhos poderem, enfim, perceber que com o longeviver existe a possibilidade de transformar paisagens em um contexto representativo, capaz de apontar belezas no final do caminho.

Caminho percorrido chegará a hora de se libertar para voar.

Que lá do alto, em pleno voo, possamos ver cada paisagem por nós construída. Que durante o tal voo à constatação de que o caminho possa ter valido à pena se faça certeza.

Borboletas libertas, voos altos e potentes para desenhar, quem sabe, em algum outro caminho, outra nova paisagem.

PERCURSO

Esta dissertação pretende apresentar a Arteterapia aplicada aos idosos que fazem parte da paisagem atual. Arteterapia esta que explora a Arte em sua mais alta potência para transformar e inserir os velhos e as velhas em suas paisagens ofertadas pela velhice.

Através desta dissertação a fragilidade, evocada como condição humana, pretende mostrar por meio da história da bailarina Zuzima, a transformação ocorrida na vida e nos rumos profissionais de quem, um dia, teve a sorte de viver de forma intensa e criativa a oportunidade de ter essa grande mulher ao lado.

Para a compreensão do percurso, diversas paisagens serão apresentadas ao leitor que encontrará, através do caminho pavimentado pela história de Elisa, um método de aplicação de Arteterapia.

A primeira paisagem é a histórica que retrata o momento que propiciou o florescer desta nova área do saber capaz de modificar as condutas a favor do autoconhecimento e da elaboração da velhice.

É pelo exemplo de Frida Khalo que o leitor poderá perceber a manifestação

artística como produto de conteúdos internos que exigem a elaboração do sujeito. É como um facilitador desta condição que o profissional de Arteterapia atua.

Na segunda paisagem, o conceito descrito por Jean Claude-Carrière pretende revelar a fragilidade do sujeito, independente do fator tempo e das patologias envolvidas. O Olhar médico dará lugar à fragilidade que é pertencente à condição humana e que merece um olhar atento sobre ela.

A apresentação da Elisa como fragilidade revelada pela ruptura da sua constituição como sujeito ideal será apresentada nesta paisagem.

A terceira paisagem está inserida em um caminho que segue adiante, mas neste momento, o caminhar exige uma pausa para acomodar sensações, o tempo e o aprendizado vivido e analisado. O método de pesquisa será aqui apresentado ao preparar o trajeto a ser trilhado na quarta paisagem, onde durante o pouso, o leitor será apresentado ao método PREAMAR, composto de sete passos que irão favorecer bons resultados na aplicação da Arteterapia.

Mais uma vez é Elisa, sujeito ideal desta pesquisa, quem irá ater o olhar do leitor para desenhar novas atitudes de condutas arteterapêuticas.

Durante a quinta paisagem, a metodologia apresentada, será exemplificada através de um trabalho realizado em Centro Dia Público com idosos em situação de vulnerabilidade social, por meio de uma proposta de trabalho que explora a condição humana de sermos pessoas à procura de significados.

A sexta paisagem apresentará o Projeto Faça Memórias que, tendo como alicerce os pilares do Marco Político do envelhecimento Ativo, coloca o idoso com demência na condição de ser socialmente atuante capaz de continuar exercendo a cidadania. Nesta paisagem o método PREAMAR comprova-se eficaz para favorecer os idosos com demência.

Ao finalizar esta pesquisa, a velhice como cenário será apresentada ao leitor que encontrará na filosofia de Nietzsche fundamentos à intervenção da Arteterapia como meio de potencializar diversas velhices capazes de desenhar novas paisagens para o caminho percorrido no longeviver

1 PRIMEIRA PAISAGEM: HISTÓRICA



Figura 1 – Zuzima na menina Elisa

Conhecer o universo da Arteterapia e da Gerontologia se faz necessário para que esta maneira de intervenção possa ser usada para reorganizar os corpos fragmentados e fragilizados pela vida durante o longeviver. Este é um trabalho cuja essência é a Arte e o indivíduo velho com suas teorias, técnicas, história, percepção, estética entre outros. E se a Arte é o caminho para desenhar paisagens nas velhices, faz-se necessário olhar para o Expressionismo Abstrato¹, movimento americano que, na década de 40, coloca pela primeira vez os Estados Unidos como importante centro cultural. O modernismo europeu, ganha então novos olhares e novas soluções estabelecidas por artistas americanos como Pollock, Kooning, entre outros, que se beneficiaram do amplo repertório disponível a partir do pensamento de Carl Jung e do existencialismo de Paul Sartre para modificar a maneira de se fazer Arte, onde o pós-guerra nos mostra a desilusão pelas verdades absolutas do pensamento cartesiano². Gestos espontâneos são mais relevantes do que gestos meticulosamente pensados pelos artistas. O viver é muito maior do que a existência já conhecida.

Foi em 1903 que o envelhecimento começou a ser desenhado como paisagem, e seu principal desenhista foi Elie Metchnikoff³, que entrega ao caminho um novo contexto, apresentando uma ciência que estuda o envelhecer principalmente em suas dimensões biológica e psicológica. Mas foi depois dos anos 40, paralelamente ao expressionismo de Pollock, que apareceram as primeiras teorias sociológicas que impulsionaram a pesquisa gerontológica internacional, explicado em parte pelo significado civilizacional dos acréscimos de anos ganhos pela humanidade, dando lugar a um conjunto de preocupações de outras áreas que não as biológicas. O momento era inovador ao exigir uma paisagem mais espontânea para o caminho. A Arte era o reflexo deste período de mudanças, constatado pelo modo de pintar dos pintores expressionistas abstratos e pela nova maneira de olhar a velhice.

Materiais inovadores como areia, vidro moído e novos pigmentos passam a constituir a obra de Arte. Na área do saber, o olhar médico para a velhice mostra-se

¹ A recusa dos estilos e técnicas artísticas tradicionais, assim como a postura crítica em relação à sociedade e ao *establishment* americano, aproxima um grupo bastante heterogêneo de pintores e escultores, entre os quais Jackson Pollock (1912 - 1956), Mark Rothko (1903 - 1970), Adolph Gottlieb (1903 - 1974), Willem de Kooning (1904 - 1997), Ad Reinhardt (1913 - 1967), D. Smith, Isamu Noguchi (1904 - 1988). Ver: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3785/expressionismo-abstrato>

² O racionalismo cartesiano é um pensamento estabelecido por Descartes em suas obras o “Discurso do Método” (1637) e “Meditações Metafísicas” (1641), onde expressa sua preocupação com o problema do conhecimento. O ponto de partida é a busca de uma verdade primeira que não possa ser posta em dúvida. Por isso, converte sua dúvida em método para se bem conduzir a Razão e procurar a verdade nas Ciências.

³ Em 1903, que Elie Metchnikoff, sucessor de Pasteur, e em 1909, Nascher, deram início ao estudo sistemático, respectivamente, da gerontologia e da geriatria. Assim, instituiu-se a nova especialidade - a gerontologia, denominação obtida pelas expressões gero (velhice) e logia (estudo). Metchnikoff previa que esta área de estudo seria uma das mais importantes áreas da ciência, devido às modificações no curso do último período da vida humana (PAPALÉO NETTO, 2007). Citado em: <http://www.periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/127/368>

insuficiente quando sozinho e o envelhecimento precisa ser compreendido por meio de um olhar mais amplo. Assim como a Arte busca novos materiais de expressão, os estudos sobre o longeviver despertam novas formas de compreender as velhices.

A pintura americana rompe com o pintar em cavalete, elegendo a parede e o chão como novos suportes, capazes de acolher a expressão ousada e impetuosa dos artistas que, por não alcançarem o meio do trabalho, passam a “estar dentro da obra” para exercer a ação.

Desta maneira, percebemos a década de 40 como um período modificador, inclusive para os longevos, que passam a fazer parte dos estudos das grandes teorias sociológicas⁴ que impulsionaram o reconhecimento acadêmico da Gerontologia, disciplina científica multi e interprofissional que tem o objetivo de estudar as pessoas idosas em sua plenitude na perspectiva de uma visão biopsicossocial.

Temos a Arte ganhando novas expressões num período que favorece o aparecimento de condutas inovadoras nas mais diversas áreas. É neste cenário que Viktor Lowenfeld, educador austríaco, desponta-se como figura essencial para a construção de uma nova paisagem. Em 1947, Lowenfeld lança um livro que revolucionaria o conceito de criatividade mostrando, através de sua obra, que priorizar a Arte na educação é a maneira mais correta de estimular o desenvolvimento do pensar: *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*, livro revolucionário ao afirmar que por meio da Arte é possível desenvolver todos os tipos de inteligência e sensibilidade. A importância de Viktor Lowenfeld é incontestável para que o estudo da Arteterapia ganhasse força. Seu pensamento inovador contribuiu para o que viria a seguir e a Arteterapia revela, nesta década, uma nova condição de atingir a subjetividade enquanto a Gerontologia, como área de saber, mostra-se fundamental para favorecer a compreensão deste viver que envelhece.

Anos cruciais para estabelecer novos saberes. A Gerontologia desenhada por Elie Metchnikoff transforma-se em paisagem pintada pelo expressionismo abstrato e pincelada por Lowenfeld. Neste mesmo período, estudos da americana Margareth Naumburg insere a Arteterapia neste contexto como primeiro passo rumo a um campo de atuação que iria, a partir de então, modificar condutas de intervenção a favor da vida.

⁴ A teoria da atividade, a teoria do desengajamento e a teoria da modernização impulsionaram a pesquisa gerontológica internacional. Apesar de históricas, estas teorias influenciam até hoje a pesquisa e, principalmente, o trabalho prático com pessoas idosas. Citado em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4977/2846>.

Margareth Naumburg nasceu em 1890, em Nova York. Tornou-se educadora, estudando na Europa com Maria Montessori que amplia e fundamenta a educação. Montessori estudou o desenvolvimento da criança, criando um método educacional que a valoriza como agente da aprendizagem. Ao estudar com liberdade e responsabilidade, a criança desenvolve condições de instruir-se com a satisfação necessária para um desenvolvimento sadio e prazeroso. Após ter estudado na Europa, Naumburg regressa ao seu país inaugurando a Escola Walden em 1915. A escola de Naumburg defendia a expressão dos conteúdos e motivações inconscientes para a educação e o desenvolvimento da personalidade inovando, desta maneira, os currículos escolares tradicionais da época, implementando atividades livres e a prática da expressão artística espontânea em sua metodologia educacional (CIORNAI, 2004, p.24).

“Um grande número de escritores, artistas e professores, assim como alguns psicanalistas famosos [...] enviavam seus filhos para Walden apoiando seus objetivos” (NAUMBURG, 1966, p.30 citado por CIORNAI, 2004, p.24). Ensino com liberdade através da Arte e a favor do desenvolvimento integrado das áreas cognitivas, afetivas, motoras e criativas fazia parte da metodologia.

Sua experiência passa a ser difundida e aplicada com a convicção de que a expressão espontânea na Arte poderia também ser a base de um tratamento psicoterápico. A partir de então, a Arte, aplicada por Margareth Naumburg, começa a se expandir na educação, na psicologia e na psiquiatria, ganhando força na década de 40 e tornando-se assim, a “Mãe” da Arteterapia. Quando, em 1969 a Associação Americana de Arteterapia (AATA) é fundada, Margareth Naumburg⁵ foi escolhida como a primeira Arteterapeuta homenageada (CIORNAI, 2004, p. 27).

No mesmo momento em que o Expressionismo Abstrato transforma a Arte e o fazer artístico em um fazer da expressão humana a Arteterapia traz o exercício da criatividade como um caminho nítido e repleto de significados simbólicos das imagens produzidas. Enquanto a Arte rompe padrões e passa a ser vista como ferramenta educacional de extrema importância, o seu valor terapêutico inova sua função a favor do avanço e da compreensão de um viver moderno. A base para a mudança tornava-se real para os envolvidos nesta prática que potencializa as existências enquanto as velhices começam a ser vistas e estudadas com a amplitude de um viver múltiplo e que demonstra na heterogeneidade a necessidade de incorporar saberes diversos para a compreensão do longeviver.

Após Naumburg, Edith Kramer destaca-se como segunda perscrutora. A Arteterapia estava plantada na América.

⁵ Margareth Naumburg recebeu o título de *Honorary Life Member* (membro honorário vitalício) da Instituição Americana de Arteterapia.

Ao pensar no Expressionismo abstrato de Pollock e na revolução proposta para o uso da Arte dada por Margareth Naumburg, temos a espontaneidade da manifestação interna como fator relevante tanto para uma obra de Arte, quanto para uma Vida com Estética. Ao olhar para a velhice como algo heterogêneo que exige a multi e a interprofissionalidade, encontramos a espontaneidade do viver e do envelhecer. Portanto, a Arte, atrelada ao saber da Gerontologia e da Arteterapia, torna-se um meio potente de construir novas paisagens a favor do envelhecimento.

1.1 Arteterapia no Brasil

A paisagem tropical começa a ser elaborada na década de 20 quando o médico psiquiatra Osório César, casado então com Tarsila do Amaral, dá o primeiro passo rumo à construção de um novo cenário do saber. Seu casamento, certamente colaborou para que sua visão fosse expandida para unir a Arte com a saúde. Médico, violinista e colecionador de quadros, Osório César⁶, em 1920, passa a ser o primeiro psiquiatra brasileiro a estudar os efeitos das Artes nos hospitais psiquiátricos. Ao abrir uma escola de Artes, lança seu estudo sobre a “Expressão dos Alienados”. O solo brasileiro, com a terra arada, está pronto para ser semeado, gerar frutos futuros e modificar paisagens.

Em 1950, o trabalho de Nise da Silveira⁷ teve início e com ele a Arte passa a ser instrumento usado como tratamento para os doentes mentais.

Aluna de Carl Jung, Dra. Nise, médica psiquiátrica, troca os tratamentos agressivos oferecidos aos loucos pela Arte. Foi uma desbravadora e a única mulher de uma turma de 157 homens a se formar, em 1926, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Enquanto Nise lutava para mostrar uma nova possibilidade de tratamento, os profissionais envolvidos relutavam em aceitar esta nova paisagem proposta por ela. Neste momento, os velhos de nosso país, também eram vistos como uma ala da população digna de descaso. Assim como os loucos de Nise da Silveira, a velhice neste momento era desprezada e marginalizada. Todo trabalho realizado com velhos no Brasil era feito por caridade e filantropia. Foi a partir dos anos 70, quando começa a surgir no país um grande número de pessoas com mais de 60 anos, que um despertar da área

⁶ Dr. Osório César, médico psiquiatra com relações com a arte paulistana das primeiras décadas do século XX, iniciou um trabalho de pesquisa articulando o ensino da arte como possibilidade de tratamento. Em 1929, publicou sua principal obra: *Expressão Artística dos Alienados: Estudos dos Símbolos na Arte*. Remeteu um exemplar a Sigmund Freud que lhe enviou uma carta, em que comentava sua satisfação pelo interesse do estudo da psicanálise no Brasil. Citado em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/164693/expressao-artistica-dos-alienados-a-obra-pioneira-d-e-osorio-cesar-e-sua-importancia-para-a-reforma/>

⁷ Nise foi pioneira na terapia ocupacional, introduzindo este método no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro e, segundo suas próprias palavras, entrara na Psiquiatria “pela via de atalho da ocupação terapêutica, método então considerado pouco importante para os padrões oficiais”. Em: <http://www.polbr.med.br/ano02/wal0902.php>

governamental para a questão do envelhecimento começa a modificar o contexto das velhices. Em 1961 é fundada no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Geriatria, SBG, com um grupo de 40 médicos dispostos a compreender o tema.

Um longo tempo se passou até que em 1976 é lançado o primeiro livro de Arteterapia no país: *A Espiral do Símbolo*⁸. Uma relíquia para os interessados na profissão. A ideia de uma nova proposta de intervenção terapêutica possibilitou uma tentativa de mudar a paisagem que ganha, paralelamente, um novo cenário em relação aos idosos, quando no mesmo ano, o então Ministro da Previdência, Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva, chama a Brasília Marcelo Antônio Salgado⁹, assistente social e gerontólogo para tomar conhecimento do que acontecia no Brasil em relação à velhice.

Enquanto Nise modificava as paisagens dos doentes psiquiátricos, Marcelo Antônio Salgado propunha um novo cenário para os velhos.

Em 1978, pela primeira vez, fala-se da Arte como conduta na Conferência Internacional sobre cuidados Primários de Saúde. Enquanto buscava-se uma nova maneira de promover saúde, a Sociedade Brasileira de Geriatria, SBG, transforma-se em Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, SBGG, e passa a ter o objetivo de congregar médicos e outros profissionais de nível superior que se interessem pela velhice.

Solo fertilizado e cultivado, passamos então a perceber os brotos que passam a modificar a paisagem e que se fortalecem com o intercâmbio de viajantes que vão para o exterior aprender, assim como os que vêm ao Brasil ensinar.

Selma Ciornai foi uma dessas viajantes desbravadoras.

Em 1978, com muita sabedoria na bagagem, Selma Ciornai¹⁰ volta de Israel. Em seguida, escolhe a Califórnia para fazer seu Mestrado nesta nova área do saber. Nos anos 80 ela retorna ao Brasil e começam assim os primeiros grupos de estudos em Arteterapia. Enquanto esta nova área era apresentada aos interessados em novas condutas de trabalho terapêutico, o Serviço Social do Comércio, (SESC) revela-se um grande parceiro a favor das velhices, propondo em 1982 o Primeiro Encontro Nacional do SESC reunindo idosos que buscavam a valia de seus direitos. Nos próximos encontros, um número cada vez maior de idosos participariam do evento. É na década de 80 que associações de idosos mobilizaram-se para trabalhar na Constituição que estava sendo elaborada.

Em 1989, Selma Ciornai dá início ao curso de Expansão em Arteterapia no Instituto Sedes Sapientiae na cidade de São Paulo e com ele nomes importantes

⁸ Livro escrito por Regina de Castro Chagas Pereira, lançado pela Editora Vozes

⁹ Atuava na ocasião no Serviço Social do Comércio, SESC, São Paulo

¹⁰ Mestrado em Arteterapia - California State University (1980)

e revolucionários da área se sobressaem ao mostrar a Arte como possibilidade de engrandecimento pessoal e como meio de tratar diversas patologias.

Ana Alice Francisquetti, ao tornar-se Arteterapeuta pelo Sedes Sapientiae, revoluciona a maneira de se trabalhar na Reabilitação de crianças com deficiência. Ela implanta um setor de Arte-Reabilitação dentro de uma grande instituição de saúde e com ela aprendemos a importância de fundamentar os saberes com a seriedade necessária.

Enquanto a Arteterapia lutava por espaço de atuação por meio de condutas a favor da vida, foi na década de 90, com o então presidente Fernando Collor que o governo começa a se interessar pela questão do idoso. Collor cria no seu governo uma comissão interministerial para estudar a problemática da velhice para que fosse publicada a Política Nacional do Idoso (Lei nº8.842, de 4 de janeiro de 1994). Hoje em dia, a Arteterapia tem conquistado espaços. Uma profissão em contínua expansão com 12 Associações espalhadas pelo Brasil além da União Brasileira das Associações de Arteterapia, (UBAAT). Profissão que intervém positivamente no olhar para o outro e para o entorno. No âmbito da velhice, a luta pelo respeito à vida e a dignidade dos velhos continua a mobilizar profissionais, idosos e uma parcela da sociedade que entende a velhice como um problema de todos.

A Arteterapia atrelada a Gerontologia é capaz de transformar as paisagens das velhices, pois é um meio possível de resignificar vidas, aprender a conduzir os próprios passos e a transformar pessoas e grupos em algo melhor e maior. Pode reabilitar e tratar pessoas e velhos em sofrimento físico e emocional levando, por meio das propostas, uma maneira de suavizar a dor e velhices e elaborá-las com criatividade e emoção a partir de um resultado plástico que colabora com a estima pessoal aniquilada pelos problemas apresentados pelas paisagens.

Nas velhices, é uma maneira eficaz de clarear o estranhamento que ocorre, em todos os níveis do viver e do longeviver.

Solo cultivado, sementes plantadas, brotos em crescimento pleno.

Faz-se momento de caminhar em busca da colheita. Com seriedade e num caminho próprio repleto de cores, imagens e símbolos em forma de frutos que desabrocham da nossa maneira singular de existir e de viver.

Os passos são dados com firmeza rumo a um envelhecer mais digno com os trabalhos de mestrado em Gerontologia dos Arteterapeutas Fabietti (2003), Arcuri (2009), Sperling (2006), Moreira (2008), Gonçalves (2006), Polati (2012), Lopes (2011), entre outros, permitindo que as velhices, pela sua heterogeneidade, possam favorecer-se deste caminhar.

E se envelhecer é difícil, talvez seja este o momento propício de fazer uso da

Arteterapia a fim de fazer desta experiência, algo modificador. Viver é modificar-se o tempo todo. A velhice é inquieta e pulsa em sua força modificadora. A Arte é um caminho. Aliás, é o caminho já apontado pelo pensamento de Nietzsche desde sua primeira grande obra, O nascimento da tragédia, até seus últimos escritos onde o filósofo afirma a Arte como o grande estímulo para a vida.

Portanto viver pode ser mais. Não deveria ser menos.

A Arteterapia nas velhices tem a função de modificar o envelhecimento para algo possível de ser experimentado de uma maneira única, capaz de engrandecer o sujeito velho a sua mais alta potência de viver.

Assim como Osório Cesar, Nise da Silveira, Selma Ciornai, Ana Alice Francisquetti, Ângela Philippini, desbravadores da Arte como terapia, somos todos desbravadores do nosso próprio mundo.

Na velhice, nossos solos já foram remexidos e semeados. Algumas sementes geraram frutos, outras não foram adiante. Apropriar-se das nossas plantações é uma maneira de apoderar-se da vida construída ao longo de nossa existência.

A Arteterapia nas velhices é uma maneira de concretizar a certeza de tudo o que foi plantado e elaborar as sementes não germinadas. É desta maneira que existimos na essência do viver e do envelhecer, com Arte e Estética onde nós, velhos, poderemos, finalmente, ser a própria obra de Arte.

1.2 Arteterapia: Conceitos e Intervenções

Segundo a definição da American Art Therapy Association (AATA), fundada em 1969: “Arteterapia é uma profissão assistencial ao ser humano”. Ela oferece oportunidades de exploração de problemas e de potencialidades pessoais por meio da expressão verbal e não verbal e do desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais, bem como a aprendizagem de habilidades, por meio de experiências terapêuticas com linguagens artísticas variadas (CARVALHO, 1995).

Ainda que as formas visuais de expressão tenham sido básicas na sociedade desde que existe história registrada, a terapia por meio de expressões artísticas reconhece tanto os processos artísticos como as formas, os conteúdos e as associações, como reflexos de desenvolvimento, habilidades, personalidade, interesse e preocupação do paciente. “O uso da Arte como terapia implica que processo criativo pode ser um meio tanto de reconciliar conflitos emocionais, como de facilitar a auto percepção e o desenvolvimento pessoal” (CARVALHO, 1995, p. 24).

Ao trabalhar com imagens, facilitamos a fala sobre aquilo que foi produzido sem nos darmos conta de que a produção artística nada mais é do que um fiel reflexo

do seu produtor. Não deixa de ser um espelho onde o reflexo é dado em símbolos e cores. O trabalho artístico ameniza o relato daquilo que se vê e se percebe e por horas chegamos a pensar que não estamos falando de nós mesmos. Ao refletir sobre o processo artístico, a percepção de sensações e daquilo que somos, chega a um nível fácil de ser acessado e compreendido facilitando assim uma possível elaboração dos fatos.

Mesmo sem nunca ter usado o recurso artístico no processo terapêutico, foi através dos estudos de Freud que começamos a entender o que, um dia, se tornaria a base da Arteterapia:

A partir das observações de Freud de que o inconsciente fala mais por meio de imagens do que por palavras e que as imagens escapam com mais facilidade da censura da mente, começou a ser percebida a possibilidade de as imagens servirem como comunicação simbólica entre o paciente e o terapeuta, além de terem uma função catártica quando liberadas. (CARVALHO, 1995, p, 23)

O trabalho feito em atelier de Arteterapia deve ser, antes de tudo, desprovido de padrões estéticos convencionais. O processo do fazer artístico com todas suas etapas é de fundamental importância para a percepção do que será mobilizado pelo trabalho realizado.

Para entendermos um pouco da sensação que se vive durante este processo em atelier Arteterapêutico podemos pensar nos homens das cavernas que pintavam nas paredes uma tentativa de dominar e elaborar seu mundo e seus medos ou, então, ao refletir sobre as pinturas de Frida Kahlo, percebemos o quanto a Arte desta pintora mexicana, era um bálsamo para tanto sofrimento contido em uma só vida. Apaixonada por Diego Rivera com quem viveu um amor turbulento e repleto de dor, foi através da sua Arte que a artista pode encontrar forças para viver uma vida enfraquecida por dores físicas e emocionais.

A relação da pintora com sua expressão artística pode ser percebida por nós, espectadores e por críticos e estudiosos de Arte.

O historiador norte-americano Mackinley Helm descreve o encontro que teve com a artista no dia que chegavam os papéis do divórcio com Diego Rivera e estava em vias de concluir aquela que é provavelmente a sua mais famosa obra: As duas Fridas.

Na biografia da artista ele conta que em dezembro de 1939 ao tomar chá com Frida Khalo:

ela recebeu em seu estúdio a papelada anunciando a conclusão de seu divórcio com Rivera. Frida ficou definitivamente melancólica. Não fora ela que determinara a dissolução do casamento, ela disse; o próprio Rivera tinha insistido na questão. Ele dissera a ela que a separação seria melhor para os dois, e a tinha persuadido a deixá-lo. Mas de maneira alguma ele a tinha convencido de que ela seria feliz, ou de que sua carreira prosperaria longe dele.

Ela estava trabalhando em seu primeiro grande auto-retrato, uma enorme tela chamada *Las dos Fridas*. (...) São dois auto-retratos de corpo inteiro. Um deles é a Frida que Diego tinha amado (...) A segunda é a mulher que Diego não amava mais. Entre elas há uma artéria rompida. A Frida desprezada tenta estancar momentaneamente o jorro de sangue com uma pinça cirúrgica. Quando os papéis do divórcio chegaram, enquanto contemplávamos a tela, supus que ela pegaria e arremessaria do outro lado do estúdio o instrumento gotejando de sangue. (MACKINLEY citado por HERRERA, 2011, p. 337)



Figura 2 – As duas Fridas

2 SEGUNDA PAISAGEM: A FRAGILIDADE DO CAMINHANTE



Figura 3 – Ponta

O conceito da palavra fragilidade, tema de reflexão desta dissertação, aponta para a importância da compreensão dos significados que constituem algo que denomina um estado de existência.

Este trabalho trata da fragilidade na velhice, segundo os conceitos de Jean-Claude Carrière (2007), que a define de maneira poética, filosófica e coerente com o viver e o envelhecer contemporâneo, a fragilidade como real condição de todo e qualquer ser: enfraquecido na sua essência e fortalecido na sua aparência. Portanto, somos todos frágeis e deveríamos ser criados, desde sempre, cientes desta nossa natureza.

Mas o que se afirma e se aprende é justamente o contrário: A vida é para os fortes e para fazer jus a tal afirmação vestimos máscaras diversas, capazes, todas elas, de esconder nossas fraquezas. Desta forma aprendemos a crescer. Adaptamos nossos disfarces à vida que exige força.

Ao contrário do que supomos, o dramaturgo Jean-Claude Carrière afirma que “nossa essência é feita de vidro. Está perpetuamente ameaçada e quebra-se ao menor choque” (2007, p. 23). Em um mundo repleto de injustiças e cobranças, nossas preces ficaram sem respostas. A desilusão cresce e transforma-se em amargura e a angústia em vulnerabilidade. Sempre disfarçadas e “nada revela mais nossa fraqueza do que uma aparência de força” (p. 26).

No mundo atual, quando a aparência de força se esvai, fragilidade humana fica sendo característica dos velhos. O mais jovem não a quer para si, afinal, a vida precisa seguir seu rumo num faz de conta insuportável. Ao observar um idoso acamado sentimos nele nossa própria fragilidade. Impossível desvirtuar o olhar da debilidade refletida.

A lágrima que escorre diante da delicadeza da nossa história, nos faz pensar no quanto inventamos a vida e criamos subterfúgios para vivê-la. Mesmo que seja na mentira que elaboramos para aparentar força e coragem, somos fracos e essa é a verdade por mais que tentamos escondê-la.

Carrière afirma que o que fazemos é aparentar certezas e posturas tão grandiosas que chegamos a convencer a nós mesmos daquilo que é inexistente e mesmo assim tão almejado.

Na História da Arte, as cidades medievais mostravam força e poder a partir das riquezas de suas catedrais. Mais do que um lugar divino, criavam-se verdadeiros espaços sagrados na crença de que era o poder econômico e político que garantia a felicidade de um povo. Era preciso mostrá-lo.

Riquezas ostentadas enquanto a fragilidade do povo era disfarçada em meio a folhas de ouro e ornamentos preciosos. Tudo era belo o suficiente para encobrir

os limites de sua gente. Como exemplo citamos a Catedral de Chartres, patrimônio mundial da UNESCO, localizada a 78 km de Paris. O exemplar gótico mais conservado da França, apesar de seus 800 anos, a igreja é um centro de peregrinação cristã. Em uma de suas capelas fica a relíquia conhecida como Santo Véu, que segundo a crença católica trata-se do véu usado por Maria no momento da Anunciação.

A Idade Média não teve, em nenhum lugar, uma relíquia tão poética quanto esta capaz de proporcionar à cidade inteira a certeza de bênçãos pairadas sobre o povo. O Manto de Maria foi doado por Carlos, o Calvo¹, e teria sido o motivo da construção da catedral, que teve início em 1145 e que depois de 1194 foi reestruturada e reconstruída após um incêndio que teria destruído, entre muitas coisas, o manto de Maria.

O povo então se sentiu perdido pela destruição tendo sua maior preciosidade queimada. Com as chamas a fragilidade de toda uma sociedade foi exposta e escancarada. Curiosamente, como que em um milagre, o manto reaparece e a população que se sentia demolida, ganha novamente a certeza de força e soberania.²

Assim como nas catedrais medievais repletas de tesouros e vitrais preciosos, escondemos nossa fragilidade na modernidade de uma vida que encobre tristezas e angústias em frascos de comprimidos.

Os vitrais azuis da Catedral de Chartres refletem uma luz única que nós na modernidade a substituímos por telas de computadores, tablets e celulares. Os vidros da igreja refletem narrativas de histórias fabulosas em vidros coloridos. Histórias que transmitem fé e fortalecem seus visitantes.

Ao envelhecer perdemos a capacidade de fingir e deturpar nossas sensações. Ser frágil passa a ser percebido com uma verdade antes não vista. O velho é frágil. Sim, somos todos.

Como o manto de Nossa Senhora que reaparece sem levantar questionamentos, a fragilidade da velhice como percepção surge quando a imagem do fim torna-se mais nítida e mais densa, conforme afirma Carrière:

Contudo, a imagem do fim, sua presença, sua insistência, a medida que avançamos pelo caminho, vai se fazendo mais precisa e mais densa. Impossível escapar, ao menos que esteja fora de si. A partir de uma certa idade, a morte se torna uma companhia familiar. Ela desperta todas

¹ Carlos II, o Calvo, foi Rei da França Ocidental entre os anos de 843 e 877, Rei de Itália (875-877) e Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, de 875 a 877. Depois de uma série de guerras civis, que começaram durante o reinado de seu pai, Luís, o Piedoso, Carlos sucedido pelo Tratado de Verdun (843) adquiriu o terço ocidental do Império Carolíngio que corresponde com o que hoje é a França e parte da Espanha.

² Anotações feitas em aula de História da Arte do professor Douglas Tufano do Centro de Educação e Lazer para a Melhor Idade, CELMI, na cidade de Jundiaí/SP

as manhãs junto conosco, caminha do nosso lado, não nos deixa mais. A cada segundo ela pode dizer: paremos por aqui. Esse sentimento da morte inevitável, clichê dos clichês, objeto de tantas lamentações e exorcismos inúteis, está evidentemente no centro de nossa fragilidade essencial. Levantemos essa máscara: somos indivíduos provisórios, perpetuamente ameaçados. Essa situação passageira, este estado efêmero, é a condição mesma do ser. Não somos mais do que um momento antes de desaparecer, corpo e bens, no escuro, para sempre. Nós só somos porque um dia não seremos mais. (2007, p. 31)

A certeza de nossa fragilidade deveria ser vista o quanto antes, como um alicerce para a construção de nossas próprias catedrais e das paisagens da nossa velhice.

Passamos a vida a disfarçar nossa real natureza humana.

Carrière aponta para o fato de sermos frágeis, condição esta que nos acompanha desde o nascimento. Por viver em uma sociedade em que a fraqueza é sinal de fracasso, aprendemos então a ostentar trajes que vão além da vestimenta. Disfarces que nos trazem status comprados em lojas de grife e que apontam poder para aqueles que desfilam sua potência em um motor de carro de luxo.

Perde-se o sentido da força que vem do aprendizado que alimenta a mente e o espírito, garantindo assim o verdadeiro crescimento. É o saber e o conhecimento que nos fortalece. Indiscutível.

Mas a fragilidade é como o refrão de uma música que não para de tocar. Somos frágeis. Quer queira, quer não. E isso perpetua em uma certeza única que não nos deixa fingir em paz.

Precisamos ter aparente tranquilidade para demonstrar a força que não possuímos. Serenidade em forma de frieza para convencer, quem quer que seja, do nosso poder de suposta força.

Ao atingir a vida adulta o fardo ficará árduo e as estruturas serão facilmente abaladas caso não tenhamos condições emocionais para fingir e é preciso fingir o tempo todo. As máscaras passam, então, a fazer parte do que somos. E passamos a vida numa tentativa de enganar a si e aos outros. Somos fingidamente fortes e é esse o coro que ressoa como estribilho.

Mas com o envelhecimento, adquirimos um novo rótulo. Tão peculiar à idade avançada: Frágil.

Aos idosos que vivem uma velhice ativa, torna-se preciso aprender a lutar contra a dualidade que se instala neste momento da vida. Finalmente, é permitido apartar as máscaras que ora foram grudadas, formando aquilo que, um dia, pensamos ser.

A velhice como potência no seu saber, nesta altura da vida, comprova que não precisa relacionar sua energia à força alguma, e sim a esta fragilidade assumida como real condição.

Envelhecer é um processo que nos acompanha desde que nascemos, mas ao tornar-se velho, a presença do fim passa a ser amiga constante. Somos finitos e sempre soubemos disso, mas é na velhice que a percepção deste fato ganha holofotes.

Perguntas buscam respostas e explicações e o velho tenta encontrar algo que justifique toda uma vida fantasiada em falsas impressões de força. Agora na velhice é preciso resignificar uma vida inteira para poder estar na paisagem que essa parte do caminho nos oferece.

Foi assim com Elisa. A vida a distanciou da alegria de Zuzima, escancarando sua fragilidade e amargurando seu viver. Era necessário resignificar a vida. Com urgência.

A Arteterapia pode ser uma aliada para a compreensão do sujeito que, assim como Elisa, envelheceu e percebeu suas máscaras de força esfarelarem-se ao vento. Por meio de atividades significativas, o idoso entra em contato com questões pessoais vividas e percebidas, agora, como quem olha para a vida com a real percepção da condição humana: Somos frágeis. E somos todos.

2.1 Arteterapia para Idosos em sua Real Condição

A velhice é heterogênea. Velhos vivem as suas velhices de maneiras múltiplas, mas o que todos almejam é uma velhice com leveza de existência. Alguns garantem a continuidade de uma vida interessante, cercada de relações sociais e aprendizado. Outros vivem suas velhices com a finitude e a televisão como únicas companhias. Idosos em condições de fragilidade social e física adoecem, sem estímulo à vida.

Em comum, todos eles têm a presença constante da morte que os torna ainda mais frágeis em sua condição de velho. Viver fica pesado e sustentar essa existência, que se opõe a realidade almejada, torna-se um fardo, como cita o filósofo francês Gilles Lipovetsky, ao mencionar a necessidade atual de uma existência mais leve, mais equilibrada e menos conflituosa. Como ficam os velhos perante esse desejo de leveza?

Hoje, no mundo da leveza, tudo está aberto, nada é fixo, tudo está por construir. E, como tudo está por construir, tudo é extremamente difícil. Em entrevista dada Lipovetsky ressalta que depressão e outros distúrbios de ansiedade são as doenças desse século. Elas expressam a insatisfação e o medo em relação ao presente e ao futuro.

Para os velhos, o medo do fim que se aproxima, da percepção de que somos

finitos e do afastamento social imposto e da própria fragilidade, torna a velhice um período difícil de ser vivido. A leveza desejada, dificilmente será alcançada, mas uma tentativa, segundo análise de Lipovetsky, está na busca por atividades capazes de aliviar o peso da vida e da velhice. A Arte é uma delas, por tratar-se de uma maneira eficaz de empoderamento do sujeito envelhecido.

Ao ser encorajado a tomar as rédeas de sua vida e perceber essa possibilidade como algo real em meio ao fazer artístico, repleto de decisões e planejamentos a favor da realização de uma proposta, o idoso tem a chance de notar suas escolhas repercutindo a favor de uma realização que o fortaleça para gerir sua própria velhice. Em seu livro sobre Vulnerabilidade Humana e Envelhecimento: o que temos a ver com isso, Anna Cruz de Araújo Pereira e Silva descreve a vulnerabilidade como um produto social, uma cicatriz da desigualdade, do desamparo público, da ausência estatal, que criam riscos e desarmam defesas (2015, p.23), podendo ser o resultado de processos graduais de uma vida inteira (p.24).

Tal como define Kleba & Wendausen, o empoderamento é tido como:

... um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e condutuais. Significa aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social. Dá-se um contexto de mudança social e desenvolvimento político, que promove equidade e qualidade de vida através de suporte mútuo, cooperação, autogestão e participação em movimentos sociais autônomos. Envolve práticas não tradicionais de aprendizagem e ensino que desenvolvam uma consciência crítica. (2009, p.736)

Elisa vivia uma vulnerabilidade apresentada por meio da medicina que fazia esforços para reabilitar o sujeito apagado pelo Acidente Vascular Cerebral, AVC. A indicação à Arteterapia era uma tentativa da equipe multidisciplinar do centro de reabilitação, de oferecer a ela, condições necessárias de resgatar o apoderamento perdido em meio a sequelas causadas pelo derrame.

Aluna do Municipal, bailarina de Lane Dale, coreógrafa, professora da academia de dança de Ismael Guiser e manequim requisitada, viveu uma vida independente e com muita liberdade.

Viajava pela Europa em companhia de diversos artistas e lá apresentava shows de dança que marcaram uma época. Mesmo vivendo uma vida agitada, em dezembro de 1971, casa-se com Luiz Arthur que se tornaria seu companheiro de toda vida e pessoa fundamental no processo de reabilitação.



Figura 4 – Zuzima com Caetano Veloso

Tiveram duas filhas e a estrutura familiar sempre foi prioridade na vida desta mulher. E tudo andava bem, até que em 2001 sofre um derrame que paralisaria todo o lado esquerdo do seu corpo.

Em um primeiro instante, a fala ficou comprometida e Elisa foi parar em uma cadeira-de-rodas. Seu braço esquerdo que se movimentava com leveza e agilidade tranca-se rígido, dobrado com a mão quase no pescoço. A alegria da Zuzima fica perdida no passado e a revolta toma o lugar do presente.

Começa então a luta pela reabilitação que envolveria muita fisioterapia, fono, terapia ocupacional, hidroterapia, psicologia, dança e Arte.

Na dança terapia, Elisa sente-se frustrada afinal seu perfeccionismo não admitia as reais dificuldades. O corpo não mais obedecia e a dança não era mais feita com a perfeição da exigente Zuzima.

Não havia escolha. Elisa continuava viva, mesmo que se sentindo morta, ador-

meçada. A vida antes vivida com euforia passa a ser arrastada com uma pulsão de morte muito maior do que a de vida.

E assim os anos após o AVC foram se passando com Zuzima sufocada dentro do corpo de Elisa. Havia apenas uma maneira de mudar o curso desta história e seria através da Arte.

Começou então um envolvimento inexplicável, intenso que se transformaria em um encontro de almas. Encontro proporcionado por muita confiança, criatividade, cumplicidade e afeto em que a vulnerabilidade física precisou, por meio da Arte, dar lugar a compreensão da fragilidade do sujeito.

Na xilogravura “A Grande Onda” do artista japonês Katsushika Hokusai, podemos pensar na fragilidade humana representada na imagem que faz parte da série “Trinta e seis vistas do monte Fuji”. Produzida entre 1829 e 1833, a obra está no Museu Metropolitano de Nova York e encanta os olhos de quem a observa, não pela fragilidade de seus minúsculos barcos engolidos pela onda, mas sim pela força com que ela é retratada, com garras no lugar da espuma.

Ao fundo, o Monte Fuji é mero espectador de toda essa situação.

Com a velhice, a compreensão de que viver nada mais é do que um mar de turbulências. Aprendemos a remar nossos barcos, frágeis e pequenos em condições adversas, mas, sempre com o intuito de mantermo-nos navegantes. Marinheiros deste mar de incertezas.



Figura 5 – A Grande Onda de Kanagawa

Velhices fragilizadas pela sua natureza. Olhar as paredes e visualizar a tristeza no lugar do branco é a sua condição. Não se sabe mais chorar e ser velho é estar perdido no vazio.

Somos frágeis e podemos quebrar a qualquer momento. Mas é preciso viver a fragilidade e continuar inteiro. Estamos vivos. Ainda. E não há morte interna que modifique este fato. Respiramos. Mesmo que com dificuldade.

Pela Arte, é possível construir estratégias que permitam erguer novos alicerces para nossa sustentação até o término do caminho. Seguimos em frente entre cores e possibilidades de mudança.

Temas oferecidos enriquecem, culturalmente, a vida dos idosos que se envolvem com a Arteterapia. Novas maneiras de perceber a realidade podem ser deslumbradas e foi assim com Elisa que teve as perdas, comuns em todas as fases da vida, deixadas de serem vividas como um meio de viver novas aquisições.

Perdas que deprimem podem resultar em uma pulsão de morte, superior à pulsão de vida. Vemos então nosso sofrimento psíquico destruir aquilo que somos. A finitude passa a ser percebida como questão e com ela a difícil tarefa subjetiva de elaborar que somos finitos.

A Arteterapia foi oferecida à Elisa como oportunidade de “recolher os cacos” e transformar a nova imagem vista em continuidade de uma existência e não como uma ruptura dela. A alegria da Zuzima precisava reviver naquele corpo que envelhecia com as sequelas físicas e emocionais deixadas pelo AVC.

2.2 Arteterapia e o Espelho Quebrado

A Fragilidade aqui tratada como condição humana, é frequentemente ignorada quando unificada à fragilidade patológica. O indivíduo envolto no tormento de ver o seu viver esmigalhar-se, encontra na Arteterapia uma possibilidade de elaboração e resignificação de sua vida.

Fragilidade é a característica do que é frágil e “pode ter diferentes significados como, por exemplo, facilmente quebrável ou destrutível; com probabilidade de falhar ou morrer rapidamente, mais suscetível a doenças ou agravos; fraco e/ou muito magro” (DUARTE e LEBRÃO, 2016, p. 1287). É aquilo que possui uma tendência natural para quebrar e demonstrar fraqueza. Palavra que se opõe a tudo aquilo que é forte e necessário para que uma existência seja potente e capaz de sustentar qualquer lampejo de sofrimento, físico ou emocional apresentado pela vida. E quem nunca se sentiu vulnerável ao ponto de perceber-se em cacos tamanha fragilidade sentida?

Sob o olhar da Geriatria, “o ciclo de fragilidade corresponde a um espiral de declínio e de vulnerabilidade fisiológica básica causada pela desregulação de múltiplos sistemas” (FRIED *et al.*, 2009; WALSTON, 2005 citado por DUARTE e LEBRÃO, 2016,

p.1295).

Em uma sociedade totalmente medicalizada, verdades indubitáveis fortalecem o discurso biomédico e a fragilidade que é inerente ao sujeito é camuflada pela fragilidade patológica. Segundo Duarte e Lebrão (2016), “fragilidade é um estado clínico em que há um aumento da vulnerabilidade e/ou mortalidade quando exposto a um estressor” (p.1288). Estes autores explicitam o termo:

- Fragilidade é uma síndrome decorrente da interação de múltiplos fatores ao longo do curso de vida e pode ser precocemente identificada.
- Representa um continuum resultante do impacto de déficits em múltiplos sistemas, principalmente nos sistemas neuroendócrino, imunológicos e musculoesquelético, provocando alterações na homeostase e desencadeando efeitos adversos (declínios da capacidade funcional, institucionalização, incapacidade e óbito).
- É considerada um fenômeno clínico e que há forte associação com a idade.
- Não é um fenômeno uniforme no envelhecimento.
- É uma condição progressiva, porém com forte potencial para prevenção e tratamento dos sintomas, o que pode resultar em reversibilidade do quadro. (DUARTE e LEBRÃO, 2016, p.1299)

Na ótica biomédica, a fragilidade é entendida como uma condição que ameaça a vida dos idosos que buscam na medicina algo que fortaleça seu viver para combater essa ameaça. Mas o sujeito deve ser visto como um todo e a fragilidade médica precisa abrir espaço para a fragilidade humana.

Interferências não medicamentosas, quando bem aplicadas, favorecem a compreensão da fragilidade do sujeito velho e encontra na Arteterapia uma potente intervenção para amenizar angústias e os pesares vividos pelas pessoas que vivenciam uma ruptura da imagem de um eu ideal.

A visão psicanalítica sobre o envelhecimento apresentada por Jack Messy no livro “A Pessoa Idosa Não Existe” (1999) fundamenta toda prática e entendimento da situação vivida, pela Arteterapeuta e Elisa, que na época era participante de um grupo de Arte-Reabilitação, sob a orientação da Arteterapeuta e supervisão de Ana Alice Francisquetti, percursora da Arte-Reabilitação no Brasil. Elisa foi enviada ao setor de Arte pela equipe multiprofissional com o intuito de encontrar na Arteterapia uma maneira de salvar aquela vida bruta e interrompida pelo Acidente Vascular Encefálico.

Ao referir-se ao conceito de Lacan sobre o “Espelho Quebrado”, Jack Messy iluminou o saber vindo de uma prática vivida, tão intensamente, que despertou, na Arteterapeuta, a essência da profissão que escolheu para fazer parte da sua subjetividade.

A Arteterapia e o Espelho Quebrado conta a história desta pesquisadora como profissional através destas mulheres, Elisa e Zuzima, que rompem o passado para continuarem presentes em sua vida e em seu caminhar.

Entre tantas coisas que elas ensinaram, está o aprender a olhar para qualquer sujeito que cruza o caminho a partir de toda singularidade daquele corpo.

Elisa teve um derrame que a fez viver a impossibilidade de sustentar seu ideal de eu. Ao ver seu espelho quebrado, ela perde-se de Zuzima, nome artístico usado por ela quando exercia a profissão de bailarina. Seu corpo, que outrora era leve, flexível e exuberante, passa a ser pesado e mostrar, repentinamente, uma velhice indesejada e repudiada instalada no seu existir.

Viver passa então a ser um fardo deprimente, já que a constituição do sujeito Elisa era carregada de investimento libidinal feito pelo seu lado artístico, criativo e pulsante, como explica Messy:

Quando uma pessoa desaparece ou morre, a relação do ego com o objeto é marcada pelo luto, sendo vivenciada pelo sujeito como perda. A libido investida no objeto se retira. A dor é uma decorrência da volta da imagem investida, e, aspecto capital, essa imagem fica desprovida do suporte da realidade do outro. Digo do outro, mas bem que poderia dizer do objeto. Não se trata do outro na inteireza, mas da perda desta parte do outro que constituía um aspecto do meu ego. É precisamente por isso que, quando há ruptura de um vínculo, cria-se no ego um vácuo, uma depressão vivida dolorosamente pelo sujeito. (MESSY, 1999, p. 21)

O envelhecimento é o tempo da vida que avança. É um processo vivido por todos e que se faz ao longo da vida, ou seja, é um processo natural e dinâmico e que nada tem a ver com a velhice que é um momento do próprio envelhecimento e que pode ou não acontecer.

A velhice não é dita pela idade e sim pela percepção do Eu que nos constitui como seres vivos e ativos.

Neste processo a aceitação da condição atual, sem deixar de lado toda beleza que Elisa continua carregando com ela, a beleza fora do comum de Zuzima e o estranhamento do processo de envelhecimento foi descrito pela psicanalista Goldfarb que assinala:

Na velhice, período de perdas de objetos significativos e de lugares de reconhecimento simbólico, falha frequentemente a função reguladora do Ideal do Eu: então, no confronto entre o Eu Ideal e a realidade corporal, presentifica-se a incompletude, que como uma avalanche arrasta todas as imagens narcísicas que foram constituintes do Eu. Abrem-se assim buracos por onde se filtram as fantasias inconscientes de castração e aniquilamento ligadas a um Eu fortemente desvalorizado. Perde-se a beleza física padronizada pelos modelos atuais, a saúde plena, o trabalho, os colegas de tantos anos, os amigos, a família, o bem-estar econômico e, fundamentalmente, a extensão infinita do futuro; e embora a qualidade de vida seja preservada não pode ser evitado o sentimento de finitude que inexoravelmente se instala. (1998, p. 29)

É com esse corpo, agora envelhecido e acidentado, que Elisa precisava fazer as pazes. Era necessário entender e respeitar as atuais condições, pois uma reabilitação se faz quando barreiras são ultrapassadas, mas as novas condições são aceitas e respeitadas.

E se a vida é feita de perdas vividas para adquirirmos ganhos, a velhice se instala quando não mais conseguimos superar as perdas decorrentes desta fase. É o investimento afetivo de "si mesmo" lutando contra o "desinvestimento" que tem a finitude como certeza sentida.

Ao perder a autoestima, o indivíduo se instala na velhice que poderá acontecer de forma normal ou patológica a depender da redução do investimento narcísico, que poderá não mais fazer frente às tendências destrutivas e manter o equilíbrio, segundo Marli Piva Monteiro em seu estudo intitulado "O Tempo foracluído da psicanálise" (2011).

A autora explica em seu texto, que mesmo não tendo sido estudado por Freud e Lacan, o envelhecimento ganha o olhar dos psicanalistas contemporâneos que tentam descrever por meio das teorias psicanalíticas o envelhecer.

Na obra de Lacan, tampouco há referências de estudo sobre a velhice, porém, autores contemporâneos, aproveitando-se de alguns dados da teoria, fizeram incursões interessantes no sentido de compreender e aprofundar os conhecimentos desta fase tão crucial da vida humana. Jack Messy é um desses autores e extrapola o estádio do espelho para um novo estádio do espelho na velhice. Para ele, é como se houvesse um tempo do espelho quebrado, que consistiria na antecipação, no espelho, da imagem de outro mais velho, de sua própria imagem e da morte. (MONTEIRO, 2011, p. 42)



Figura 6 – Zuzima: O Eu Ideal

A dor de viver o Espelho Quebrado era visível no rosto de Elisa e no rosto de muitos idosos que cruzam o nosso caminho. Em seus olhos todo sofrimento causado por essa ruptura era perceptível. Elisa precisava tornar-se capaz de engendrar uma aquisição que sustentasse o viver. A paisagem oferecida em seu caminho era íngreme e repleta de precipícios. Despencar em abismo era quase que uma certeza.

A vida precisava ser preservada. Era preciso aprender a percorrer o trajeto sem ruir em declínio. A Arteterapia foi e sempre será um caminho potente para a resignificação das existências fragmentadas pelo sofrimento psíquico e pela dor de vivenciar esse espelho em cacos, como escreveu Iberê Camargo, citado por Francisquetti (2002, p. 30)

“Eu não nasci para brincar com a figura,
Fazer berloques
Enfeitar o mundo.
Eu pinto porque a vida dói”.

Uma pessoa não escolhe viver um processo de reabilitação, nem tão pouco mudar drasticamente sua vida sem qualquer intenção ou desejo. Pessoas que vivenciam esta questão estão fragilizadas ao extremo, pois neste momento seu espelho foi quebrado e o sujeito precisa aprender, além da reabilitação física, a resignificar a sua existência.

Quem sou eu agora? Quem é essa pessoa que não move um lado do corpo? Que chora à toa? Que se locomove com cadeira de rodas? Por que me tornei tão dependente? Onde estou que não me encontro?

Perguntas como estas não estão na voz, estão no olhar das pessoas que se encontram no processo de reabilitação depois de ver suas vidas modificadas por um acidente violento, injusto e que coloca suas vidas de pernas para o ar.

O processo de reabilitação é doloroso. É árduo, requer dedicação e exige vontade de pessoas que vivem um momento, em que a energia e a pulsão pela vida estão seriamente abaladas. A Arteterapia na reabilitação entra como uma potente intervenção, fundamental neste processo de estruturação de uma nova condição onde o sujeito se perde pelo acidente ou por alguma patologia degenerativa ou congênita. Mas é preciso ir além da causa clínica. É de fundamental importância olhar para a pessoa e não somente para a doença ou para a causa. Deixar de lado a força que sofremos por viver em uma sociedade medicalizada cuja patologia torna-se o ser, para poder suprir a falta do sujeito. É preciso enxergar esse sujeito descartado pelo processo

médico de cura e de reabilitação e olhar o sujeito que habita o corpo lesado, no psíquico assim como fisicamente, percebendo que, nele, a doença engole seus desejos.

A pulsão de morte aflige a pessoa que passa a viver a questão da sua finitude e de sua fragilidade. A Arteterapia é uma maneira de humanizar esse processo colocando o sujeito no centro da questão por meio de uma conduta compassiva do profissional envolvido.

Francisquetti, artista gravurista e Arteterapeuta, aponta a importância deste olhar diferenciado do profissional de Arteterapia:

O Arte-reabilitador deve ser sensível ao impacto do comprometimento físico na estrutura emocional e na autoestima dos pacientes, buscando estabelecer com eles um vínculo amoroso e acolhedor e estimulando-os a perceber, expressar e elaborar suas emoções. Até porque sabemos que a reabilitação se processa melhor quando o paciente está confiante e de bem com a vida. Em especial, cabe ao Arteterapeuta que trabalha com reabilitação ajudar o paciente a perceber que, apesar de seus comprometimentos, continua a ser uma pessoa que pode produzir e criar – o que é de extrema valia em momentos em que o paciente, por sua condição, se sente deprimido e inferiorizado. (2005, p. 242)

Depressão sentida e verbalizada por Elisa numa fala arrastada devido ao derrame. Com o espelho quebrado, o tempo se mostra o Senhor todo poderoso capaz de castigar corpos e enrugam a pele. Como um mosaico feito com os cacos de espelhos quebrados pela vida, o trabalho da Arteterapia com Elisa foi marcante, multiplicador de ações e saberes, mantendo-se pulsando, vivo e forte, por anos a fio.

3 O POUSO COMO TERCEIRA PAISAGEM



Figura 7 – Braços abertos - O Pouso

Situações compartilhadas e aprendidas com idosos de uma Instituição de Longa Permanência de grande porte na cidade de São Paulo, com os idosos do Atelier de Arte&Inclusão e do Faça Memórias, com os velhos acolhidos em um Centro Dia particular e público e, enfim, com os idosos que fazem parte do caminhar profissional, levaram a reflexão sobre as intervenções feitas a partir da Arteterapia a favor das velhices. Para fazer isso é necessário dar uma pausa, reorganizar o que passou para então prosseguir, observando a relação entre a transformação ocorrida na maneira de construir a velhice de cada idoso participante dos grupos de trabalho, com a maneira de aplicar a Arteterapia.

O modo de conduzir as propostas mostrava uma diferença na adesão à prática da Arteterapia e essa distinção no envolvimento, trouxe uma análise e forma de intervir a fim de favorecer o envelhecer.

Assim como o pouso do final de cada dia dos tropeiros^[1] foi extremamente importante para o descanso, o retomar de fôlego e energia para continuar a jornada, foi necessário fazer esta parada, esperando que assim como ao longo do tempo os principais pousos se transformaram em povoações, vilas e hoje cidades, este pouso também pudesse vir a brotar outros tantos trabalhos envolvendo a Arte com pessoas idosas em situação de fragilidade.

Neste pouso a pesquisa documental foi de suma importância para que um primeiro passo fosse dado a favor da construção de um método de trabalho eficaz. Como assinalam Laville e Dionne:

O documento pode ser algo mais do que um pergaminho poeirento: o termo designa toda fonte de informações já existentes. Pensa-se, é claro, nos documentos impressos, mas também em tudo que se pode extrair dos recursos audiovisuais e, em todo vestígio deixado pelo homem. Entre as fontes impressas, distinguem-se vários tipos de documentos, desde publicações de organismos que definem orientações, enunciam políticas, expõem projetos, prestam contas de realizações, até documentos pessoais, diários íntimos, correspondência e outros escritos em que as pessoas contam suas experiências, descrevem suas emoções, expressam a percepção que têm de si mesmas. (1999, p. 166)

Ao debruçar sobre os escritos e os materiais guardados desde 2006 e que descrevem o processo de aprendizado mútuo vivido por meio das intervenções propostas à Elisa, observamos uma maneira de usar a Arteterapia, cuja garantia de resultados positivos se faz predisposta por uma metodologia que, intuitivamente, foi apoderada e percebida. Portanto, Elisa tornou-se o que o sociólogo Max Weber chamou de “tipo

¹ [1] Ver <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tropeiro>.

ideal” cujo conceito é explicado por ele como uma generalização que funciona apenas como referência para se compreender uma realidade. Para Weber, o “tipo ideal” é um instrumento de pesquisa do saber sociológico, é uma construção mental do pesquisador, o qual enfatizará aspectos que deseja estudar daquele dado objeto (ou fenômeno) de estudo. Para o sociólogo, a construção de um tipo ideal contribui para precisar o conteúdo de diversos conceitos. E “somente desta maneira, partindo do tipo puro (ideal), pode-se realizar-se uma casuística sociológica.” (WEBER, 1999, p.12)

A hipótese de que ao propor uma Arteterapia exploradora da Arte na sua mais alta potência, os resultados iriam reverberar, mais facilmente na vida dos idosos, assim como reverberaram na vida da Elisa.

Aproximar a Arte da velhice com o olhar multidisciplinar da Gerontologia tornou-se o método de trabalho usado nesta pesquisa de caráter retrospectivo, descritivo e qualitativo, desenvolvida pelo estudo de autores de diversas áreas do saber, como Geertz, Tótorá, Ciornai, Francisquetti, Carrière, Messy, Beauvoir, entre outros. Autores que ajudaram a fundamentar esta dissertação que teve o tipo ideal, como importante método de construção de saberes.

Conhecer os idosos participantes dos diversos grupos de Arteterapia, como citados anteriormente, trouxe uma observação, não como busca ocasional, mas posta a serviço do objeto de pesquisa cuja maneira de intervir se dá a partir da prática influenciária, ou não, na resposta pessoal de cada um.

A observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas. Sem alongar inutilmente essa lista, convenhamos que, em nossas atividades cotidianas, não há quase exemplos que não deixem espaço à observação. (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 176)

Esta pesquisa contou com a participação de idosos do projeto Faça Memórias, um “curso especial” que atualmente acontece no Museu Brasileiro da Escultura, MuBE, na cidade de São Paulo, para idosos com perda de memória, que desde 2009 já acolheu 60 pessoas, sendo que todos os envolvidos têm problemas de esquecimento em diferentes níveis de comprometimento. Trinta idosos em situação de vulnerabilidade social que frequentam um Centro Dia público, também foram fundamentais na pesquisa que passou a receber fundamentos teóricos nos últimos dois anos. Os encontros eram semanais, o que garantiu o vínculo afetivo com os participantes, facilitando o caminhar acadêmico, em que o idoso como ser histórico e a multiplicidade das velhices tiveram fundamentais considerações.

A velhice heterogênea exigiu uma ampliação de olhar para que a observação pudesse ser feita na perspectiva do múltiplo envelhecer que revelava a particularidade

de cada idoso. O antropólogo Geertz (1989), ao escrever sobre o impacto do conceito de homem e o conceito de cultura, revela a importância de ver o um em meio aos muitos.

Alimentar a ideia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparência, de cenários e máscaras de comediantes, é também alimentar a ideia de que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão. E com essa reflexão começam a se afrouxar alguns ancoradouros filosóficos bem amarrados, iniciando-se uma jornada em águas bem perigosas. Perigosas, porque, se nos destacarmos da noção de que o Homem, com letra maiúscula, deve ser visto “por trás”, “debaixo”, ou “além” dos seus costumes, e se substituirmos pela noção de que o homem, sem maiúscula, deve ser visto “dentro” deles, corre-se o perigo de perder por completo a perspectiva do homem. (GEERTZ, 1989, p. 27)

Ao pensar na diversidade da velhice, podemos destacar o Velho, com letra maiúscula, que abrange todas as múltiplas velhices, e o velho com letra minúscula que traz a singularidade e a história de cada idoso.

Durante esta pesquisa, por meio de uma observação atenta, percebemos o essencial que só se faz visto pela particularidade. Ao trabalhar com idosos cuja característica comum a todos se faz ou na patologia, ou na condição de fragilidade social, é preciso observar o velho na sua condição de sujeito para perceber e descobrir o ser de cada um.

Geertz, ao analisar o valor do homem diz:

Se queremos descobrir quanto vale o homem, só poderemos descobri-lo naquilo que os homens são: e o que os homens são, acima de todas as outras coisas é variado. É na compreensão dessa variedade – seu alcance, sua natureza, sua base e suas implicações – que chegaremos a construir um conceito da natureza humana que contenha ao mesmo tempo substância e verdade, mais do que uma sombra estatística e menos do que o sonho de um primitivista.(...) Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. (1989, p. 37)

A individualidade de cada participante era explorada por meio de intervenções que favoreciam a produção da subjetividade e o apoderamento ético da própria velhice, ou seja, viver essa fase da vida com a amplitude oferecida pelo envelhecimento e percebida e elaborada com o objetivo de construir velhices vividas com estética.

Ao analisar a ética da velhice como estética da existência, a pesquisadora Silvana Tótora cita os estudos de Foucault e a problematização de Nietzsche da moral moderna, assinalando que:

(...) podemos pensar o envelhecimento como uma escolha ética ligada a uma estética da existência e de uma grande saúde, isto é, como uma dimensão da vida que não exclui a morte e a doença. Trata-se de apresentar algumas ideias que subsidiem um percurso de pesquisa histórica e cultural acerca da forma de produção do sujeito velho. E, também, construir novos modos de subjetivação que faça da potência expansiva da vida o único critério de avaliação. Por escolha ética entende-se, de acordo com Foucault, uma maneira de relação consigo, independente dos códigos morais de conduta formalizados ou não em leis prescritas por instâncias externas – religiosas ou civis – que assumem um caráter universal. Trata-se de um processo de constituição do próprio sujeito ético, pelas práticas de si. A ética como estética da existência – ou fazer de si mesmo uma obra de Arte – era uma prática (*Tékhne tou bíou* – Arte de viver) na Antiguidade greco-romana de poucos homens livres e cultivados, cujo objetivo era fornecer à vida muito mais intensidade e beleza. (FOUCAULT, 2004^a citado por TÓTORA, 2015, p. 51)

Na Arteterapia, a relação de cada idoso consigo pode ser fortalecida, já que por meio do envolvimento com as propostas e do produto final visto como resultado visual e concreto do ser de cada um, a vida pode mostrar-se acontecendo, ao mesmo tempo em que se relaciona com a história dos idosos envoltos nesta prática. Tótora considera que “envelhecer é um processo concreto, que pode nos trazer alegria ao estarmos de posse de nosso poder de agir” (2006, p. 44). Intervenções com Arteterapia podem favorecer esse poder de agir descrito pela autora.

Na revisão de literatura realizada para esta investigação, constatamos que as pesquisas apontam intervenções a esse público, cuja exploração da Arte revela-se existente, eficiente, porém, na maior parte, suavizada pelo olhar terapêutico.

Nossa proposta, comparada a uma pintura, tem a Arte explorada em toda sua extensão como elemento fundamental da composição. A Arteterapia é usada como um elo em que pinceladas sensíveis vinculam todos os elementos existentes favorecendo um resultado fortificado pela percepção subjetiva do próprio artista.

Temas enriquecedores, a História da Arte, movimentos artísticos, visitas a exposições e a escolha de um fazer que possa totalizar o sentido aos grupos, serviram como facilitadores do processo de transformação das paisagens das velhices dos idosos participantes deste caminho, expostos a uma Arteterapia que aborda uma conduta entusiasta e inovadora de se trabalhar as velhices.

Bons resultados da intervenção com Arteterapia acontecem quando métodos eficazes são usados. O aprendizado da profissão e a prática exercida a favor das

velhices, são conseqüências de estudos e dos ensinamentos obtidos na relação vivida com Elisa e com seu lado vivente e pulsante denominado Zuzima.

Por meio desta vivência, descobrimos de forma quase instintiva uma metodologia que norteia os trabalhos subsequentes. A partir deste aprendizado, foi desenvolvido um método de trabalho que tem como objetivo resgatar a “Zuzima” existente em todo e qualquer velho que cruza o caminho transformando as paisagens ofertadas pela vida.

Neste nosso pouso, olhar o idoso além da patologia e saber que ali está a vida e a experiência, os desejos e os anseios faz com que as aspirações a favor da vida tornem-se os objetivos principais de uma jornada que pressupõe que, dentro de cada ser habita uma Zuzima, pulsante e desejante. Através da Arteterapia e das suas intervenções, almeja-se a possibilidade de propiciar aos idosos perdidos em angústias, esquecimento e solidão, condições necessárias para resgatar algo que ainda viva e pulsa dentro de si.

3.1 Filosofia Como Fundamento

Ao analisar o caso Elisa/Zuzima e todas as outras intervenções que vieram depois, percebemos nosso trabalho como Arteterapeuta ser fundamentado a partir da filosofia Socrática. Filosofia é uma palavra grega que significa amor à sabedoria. Surge no momento em que o homem começa a pensar sobre questões relacionadas à existência humana e teve a Grécia Antiga como o berço dos pensadores.

Entrar em contato com os pensamentos dos filósofos, antigos ou modernos, faz com que o entendimento de nossas práticas possa ser ampliado. A Filosofia é um caminho para a compreensão dos nossos saberes. Ao estudar os pré-socráticos entramos em contato com um mundo a ser descoberto. A natureza precisava ser compreendida e por isso era observada e pensada.

Indiscutível o poder de observação e de busca de detalhes cruciais para explicar os fatos. O mundo era visto com inteligência e muita atenção. Debruçavam-se sobre ideias e pensamentos que geravam importantes descobertas. Um mundo complexo precisava ser desvendado e os pensadores aceitavam esse desafio.

Ao pensar no envelhecimento comprometido pelo esquecimento e tantas outras formas de envelhecer que não parecem sedutoras ao olhar de quem procura uma velhice ideal, podemos fazer uma analogia com o pensamento de Parmênides, filósofo Pré-Socrático que nos ensinaria a ver a essência como algo que não é aparente.

Relacionar-se com idosos com Alzheimer ou com fragilidade social e subjetiva, pessoalmente ou profissionalmente requer uma disponibilidade afetiva importante, que

nos ajuda a treinar o olhar para enxergar, muitas vezes, o que não se vê. O sujeito, modificado ora pela doença, ora por uma condição de sofrimento qualquer, cultiva algo no seu âmago que nos faz percebê-lo como um ser existente além da pouca memória ou da problemática vivida.

Seguindo adiante na Filosofia, as noções sobre o pensamento de Sócrates e Platão nos fazem refletir sobre o trabalho de Arteterapia como meio de resgatar idosos em padecimento. Textos de Platão nos contam sobre Sócrates, filósofo importante que não deixou nenhum registro escrito. Apaixonante por sua oratória que encantava jovens e muitos discípulos foi o pensamento Socrático que nos falou, pela primeira vez, sobre a noção de alma e sobre a importância do autoconhecimento, condição que aflora através da Arteterapia aqui proposta.

Para Sócrates, o conhecimento também pode desempenhar um papel na vida após a morte. Na *Apologia*, o Sócrates de Platão introduz sua famosa citação sobre uma vida irrefletida: “Digo-lhes que não deixem passar um dia sem falar da bondade e de todos os outros assuntos sobre os quais vocês me ouvem falar, e que investigar a mim e aos outros é realmente a melhor coisa que um homem pode fazer”.

Esse cultivo do conhecimento, em vez de riqueza e de status, seria o objetivo supremo da vida. Não uma questão de diversão ou curiosidade, mas a razão pela qual existimos. Além disso, conhecimento seria essencialmente autoconhecimento, porque define a pessoa que se é nesse mundo e fomenta o cuidado pela alma imortal.

Em *Fédon*, Sócrates diz que uma vida irrefletida leva a alma a ficar “confusa e aturdida como se estivesse bêbada”, enquanto uma alma sábia alcança a estabilidade e seu vagar chega ao fim. (KIM, 2011, p. 49)

Sócrates tocava as almas das pessoas através do método dialético onde partia do princípio de que nada sabia e que seu papel era, justamente, oferecer condições para que as pessoas, devidamente remexidas, questionadas e instigadas desprendesse num ato de coragem em busca do caminho da sabedoria. Essa era sua missão, conduzida por uma voz interior que o fazia fiel a essa certeza de que ensinar é mostrar a importância de manter os olhos abertos para assim ser capaz de questionar e debater os fatos. Filho de pai escultor e mãe parteira, Sócrates dizia ter o mesmo trabalho da mãe. Considerava-se um parteiro de almas.

Em um atelier de Artes para idosos, propostas são escolhidas com o intuito de estimular o pensamento perdido no vazio causado pelo esquecimento ou por angústias de um viver mal elaborado. A Arte é usada para vencer a apatia, a agressividade e muitas vezes a falta de cognição.

Estímulos chegam por meio de obras de Arte, de poesia e principalmente através da fala do profissional que busca ultrapassar a névoa que desconcentra a existência

mantendo o idoso perdido em sua velhice. Desta maneira, como apontam as reflexões instigadas pela professora Salma Tannus Muchail², assim como Sócrates que na sua busca de encontrar a essência do homem, não se ocupava de aspectos do homem, mas do homem todo, o idoso é preciso ser visto como alguém além do envelhecimento. Quando visto como um sujeito histórico e único pelo profissional de Arteterapia, é possível, então, trabalhar com aquilo que venha a ser o essencial de cada indivíduo velho.

Neste contexto de velhice, a Arte é a alavanca auxiliadora para “o parto de almas” acontecer em meio a suas histórias, poemas, cores e entrega. Quando o idoso é capaz de se posicionar como ser atuante, que vence barreiras e dificuldades impostas por velhices fragilizadas, cognitiva e emocionalmente, sua alma é então tocada e arrebatada como potência vital para a continuidade da vida.

3.2 Zuzima no Âmago de Toda e Qualquer Velhice



Figura 8 – Zuzima para todas as velhices

Para compreender os princípios básicos que regem este método de trabalho, faz-se necessário analisar escritos deixados por Elisa. A maneira que encontramos de trabalhar com esta mulher, foi descrita por ela, que pontuou de forma direta, as condições necessárias ao profissional para tornar-se um facilitador da recuperação

² Reflexões instigadas durante as aulas da disciplina “Temporalidade e Finitude”, primeiro semestre de 2016, durante o mestrado em Gerontologia - PUC-SP

da vida perdida pelos descontrolados caminhos do viver. Elisa foi intérprete de si mesma, reafirmando o que Geertz diz que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (1989, p. 39).

O que Elisa nos mostrou, permanece presente. Após sua morte, precisamos encontrar forças para resgatar a Zuzima existente em nós, já que por muitas vezes chegamos a pensar em desistir de tudo. Seu falecimento foi um duro golpe, mas pensar nas palavras de carinho ditas por ela, pensar na felicidade resgatada e na transformação que a Arteterapia pode oferecer a essa mulher, entendemos esta relação, Arteterapeuta-Participante com novos significados e olhares.

Por Elisa, por Zuzima, e por tantos que tem a morte subjetiva como parte de um viver embaçado, a vida seguiu seu rumo em que, em cada passo, em cada novo velho que cruza nosso caminho, em cada nova conduta a favor do viver, percebe-se Elisas procurando junto conosco as Zuzimas sufocadas em corpos envelhecidos e sofridos. Quando a chance de transformar em cores vidas apagadas nos é entregue, é a Arteterapia percebida como potência neste processo vivido por Elisas que atuam a favor das existências. Com método próprio, eficaz, pulsante e estimulante.

Portanto, foi a partir de um escrito de Elisa e Zuzima que destaca, sob a ótica de quem renasceu por meio da Arteterapia, características essenciais para o profissional da área, dando pistas do método que era utilizado, mas que todavia não era percebido como tal pela Arteterapeuta. Neste pouso, o tempo e o conhecimento gerontológico adquirido nestes últimos anos pela pesquisadora foram essenciais para a sistematização e descrição do processo metodológico descrito a seguir, chamado de PREAMAR. Portanto, a próxima paisagem irá expor um método que, ora trilhado de mãos dadas com Elisa, mostrou-se eficaz quando percorrido mediante seus sete passos. Passo a passo, o caminho é desbravado a favor das paisagens que podem ter seus cenários modificados na velhice, por meio desta conduta aqui proposta.

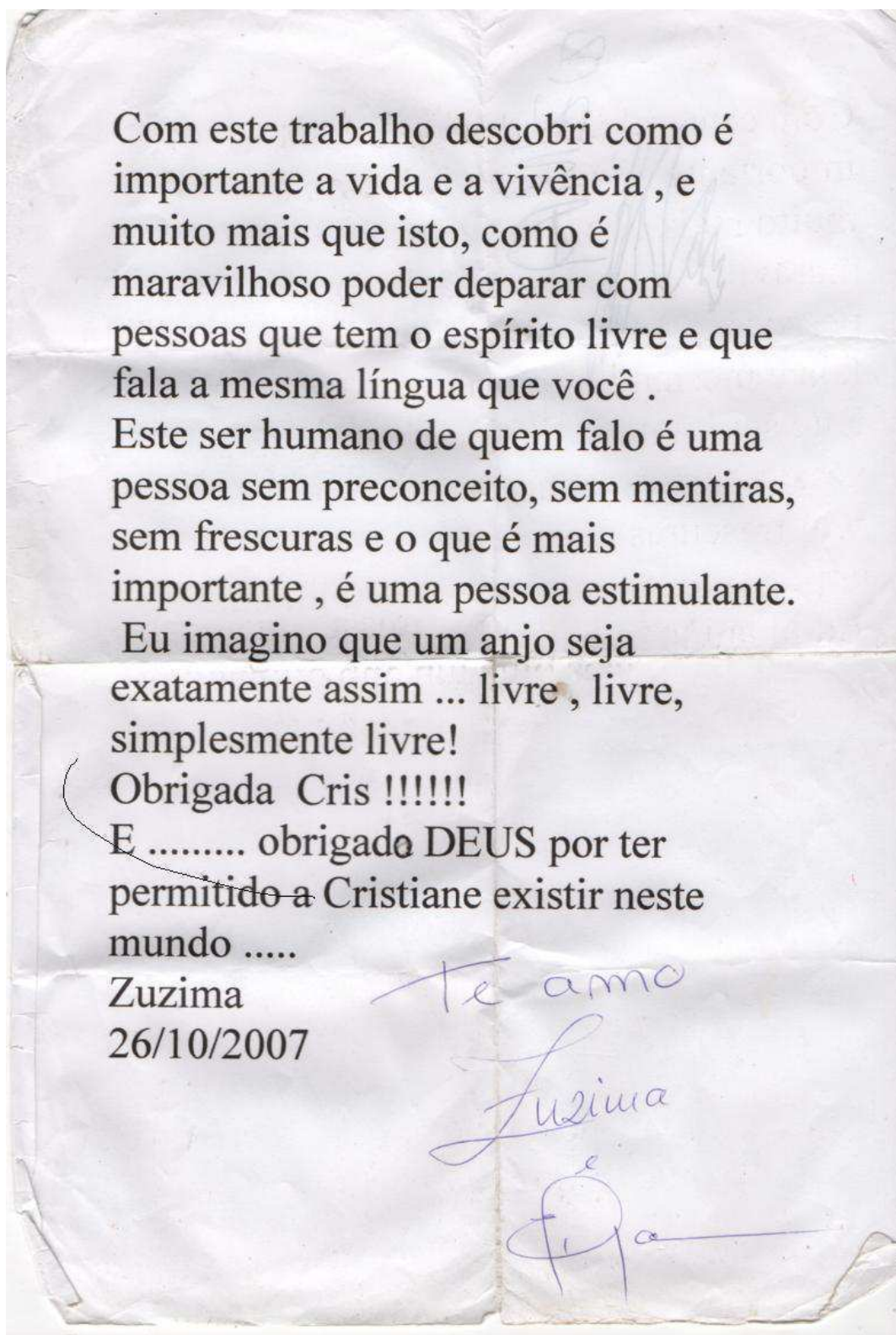


Figura 9 – Escrito de Elisa

4 QUARTA PAISAGEM: PREAMAR - METODOLOGIA COMPOSTA DE SETE PASSOS PARA APLICAÇÃO DA ARTETERAPIA PARA IDOSOS



Figura 10 – Ensaio

Curiosamente a palavra PREAMAR que descreve este método pela soma das primeiras letras que compõem seus passos, é usada para definir as marés cheias e altas. Numa vida onde somos todos navegantes, entendemos os idosos, a quem apresentamos afetuosamente este método de trabalho, como seres navegadores de uma maré revolta e de tão cheia, prestes a transbordar. Ao executar todas etapas deste método, composto por sete passos, é possível olhar para o sujeito idoso e compreender a imensidão de cada mar. E, assim, juntos navegamos para, um dia por fim, poder finalmente voar.

- Percepção
- Reconhecimento
- Estratégia
- Afeto
- Mão na Massa
- Análise de Resultado
- Refinamento

4.1 Percepção

História e Existência

Percepção do sujeito e da história pessoal. Trata-se do primeiro item desta metodologia: Falar com o sujeito e com o entorno para conhecer sua história de vida, fatos importantes do seu viver, suas habilidades e seus gostos. Na maioria das vezes é o próprio idoso quem fornece as informações necessárias para um início de trabalho, mas familiares e cuidadores são de grande ajuda para expandir nosso conhecimento. Inadmissível pensar que velhos e velhas possam ser padronizados, pois ao compreender a velhice como algo heterogêneo, percebemos a necessidade de considerar cada idoso um ser único, com sua própria história, desejos e forma única de existência.

O idoso é um sujeito histórico, único e jamais deve fazer parte de padrão de conduta. Ao respeitar a singularidade, projetos eficazes podem ser propostos com uma maior chance de adesão e interesse despertado.

Ao pensar na individualidade do sujeito idoso, Ruth Gelehrter da Costa Lopes, estudiosa do envelhecimento, aponta a necessidade de entender a velhice como algo abrangente e única para cada velho.

A velhice como categoria universal, não existe isoladamente. Existe sim um indivíduo singular, constituído por um organismo biológico, inserido numa determinada cultura e momento histórico, o que conjuntamente, lhe atribui um lugar social com significados específicos. Quando falamos do velho ou do envelhecimento devemos pensar em uma variedade de indivíduos cada qual com sua própria trajetória e, portanto, com características singulares: um ser único em constante processo de transformação. A velhice não é só decorrência final das etapas sucessivas da vida, mas constitui, juntamente com as demais, uma das etapas do processo de desenvolvimento que se inicia com o nascimento e não cessa com o avançar da idade. Não pensamos, exclusivamente, num corpo biológico submetido a alterações decorrente do tempo, mas daquele impregnado de sensações, afetos e emoções. Nesse sentido, o tempo cronológico é diferente do tempo subjetivo. A forma de percorrer o processo de desenvolvimento depende de como as experiências são aprendidas, vivenciadas e elaboradas. Portanto, reiteramos aqui que o processo de envelhecimento é singular. O que dá um sentido único a cada experiência é o resultado das vivências específicas do momento e da sua interação com o já constituído no seu psiquismo. Os graus de conflito que representam avançar na idade e as condutas adotadas estão relacionadas com a trajetória pessoal. (LOPES, 2005, p. 85)

Ao reconhecer as características de cada idoso e ao estabelecer um vínculo afetivo com ele, o Arteterapeuta ganha ferramentas para formular propostas que sejam condizentes com a história apresentada, tornando-se, assim, um facilitador do processo terapêutico para o caminho da percepção e reconhecimento pessoal. É através do trabalho prático que o idoso é “desvendado” já que o objeto produzido, quando elaborado a partir de propostas pertinentes, torna-se expressão do sujeito.

É a vida e a experiência de cada um que deve ser valorizada pelas atividades artísticas.

“Com este trabalho descobri como é importante a vida e a vivência”. Depoimento de Elisa/Zuzima, em carta datada de 2007

Caso Prático:

Elisa fazia parte de um grupo de adultos que buscavam na Arteterapia um meio de reabilitação.

O início do trabalho no setor mostrava cada participante fazendo um determinado tipo de trabalho, propostos pela arteterapeuta anterior.

Com o auxílio de um suporte de madeira, fazia uso do tear de pregos para a confecção de cachecóis, técnica eficaz para trabalhar a atenção e habilidades motoras.

Apesar do envolvimento, demonstrava sentir necessidade de falar de sua história de vida, artisticamente rica e pulsante. O tear era pouco para quem possuía a força da Zuzima pedindo liberdade.

4.2 Reconhecimento

Ao conhecer a história de vida que envolve o idoso que faz parte dos encontros de Arteterapia, é possível identificar eventuais questões ou problemas ligados à velhice. Reconhecer os problemas como angústia, depressão, solidão, abandono, violência, assim como problemas ligados a alguma patologia específica, são então identificados e analisados para que uma estratégia de ação possa ser elaborada. Vale dizer que muitas vezes o idoso chega ao atelier de Arterapia com uma queixa ligada a uma patologia específica que deve ser compreendida, mas sem descartar as queixas subjetivas que fazem parte da problemática.

A partir do caso de Elisa é fácil entender a importância de olhar o sujeito além da patologia apresentada. Olhar para reconhecer a real necessidade de cada velho.

Caso Prático:

Mesmo em grupo, é essencial que o arteterapeuta olhe cada participante de maneira individual. Jamais devemos padronizar o grupo, seja pela idade, seja pela patologia. Cada ser é um ser único e Elisa, demonstrava ser necessário outro tipo de intervenção. O tear de pregos virou tarefa de casa e o atelier passou a ser o espaço propício para reencontrar Zuzima.

As queixas que se referiam a ela eram muito mais de ordem subjetiva do que patológica. Portanto, sem desconsiderar as sequelas deixadas pelo derrame, foi preciso conhecê-la pela sua história para perceber que aquela pessoa não tinha apenas os problemas decorrentes do AVC, ela tinha questões individuais que precisavam ser vistas além da patologia clínica. Ao identificar os problemas que envolvem o idoso, resta ao profissional pensar em uma conduta eficaz para desenvolver um trabalho de Arteterapia que seja mobilizador.



Figura 11 – Tear de pregos adaptado

4.3 Estratégia

- Individualizadas – As estratégias são pensadas individualmente e tem o objetivo de ajudar o idoso a elaborar questões relacionadas a sua problemática no contexto da velhice assim como estímulo cognitivo por meio da Arte e do fazer artístico.
- Relações Sociais – Estratégias pensadas para serem executadas em grupos de idosos possuem o objetivo de inserir o idoso no grupo, interação social, direito à fala e à escuta, compartilhar a vida e a sensação de pertencimento.

Caso prático:

Ao incentivar a fala e o relato de sua história, Elisa foi interagindo com o grupo, ao mesmo tempo em que, clarificava a necessidade de resgatar Zuzima em prol de um novo sentido para a vida presente.

Ao demonstrar interesse na sua história e na sua vivência, o pedido de ter seu acervo pessoal compartilhado com o grupo serviu como estratégia para a realização do trabalho que seria modificador ao trazer de volta Zuzima como potência de vida.

O atelier encheu-se de fotos e objetos referentes à sua história de vida.

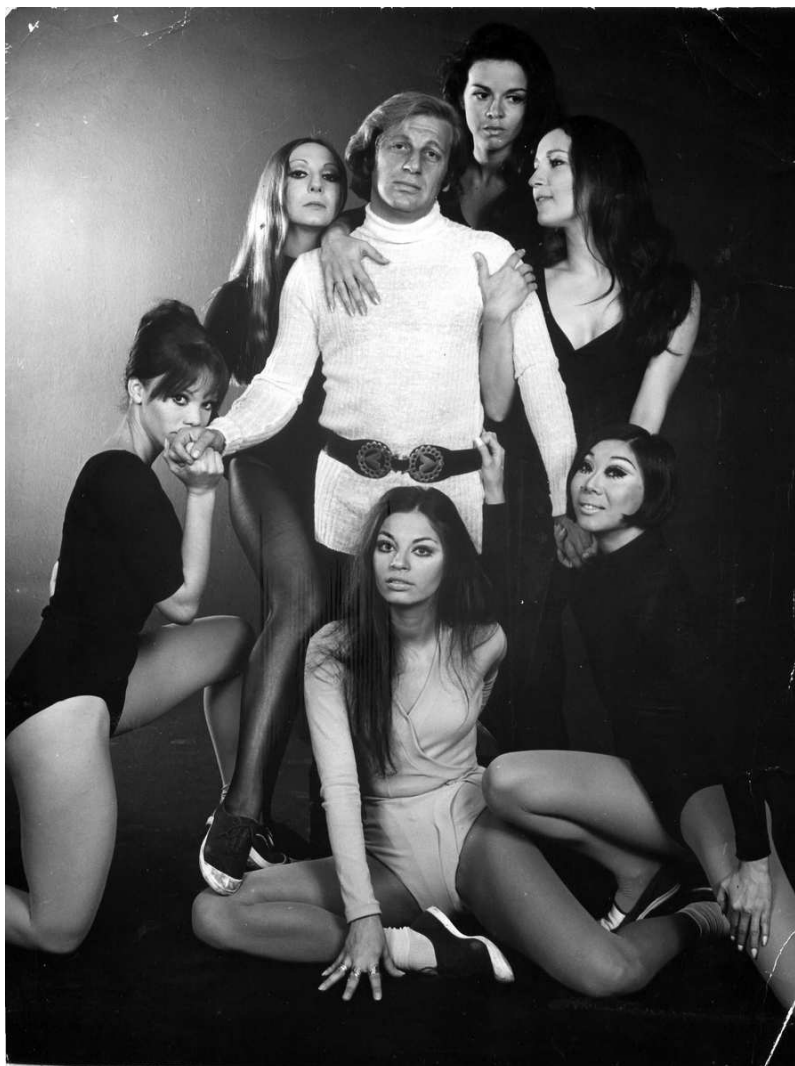


Figura 12 – Com Elenco

4.4 Afeto

Tão importante quanto os materiais, os processos criativos e a motivação, o afeto é fundamental durante o processo terapêutico. É através do fazer artístico que nos deixamos afetar por sensações e percepções. É preciso ser tocado pela proposta e pela própria Arte que facilitará essa entrega, já que a partir do trabalho artístico é possível colocar-se perante o profissional de maneira mais tranquila e mais verdadeira.

A proximidade do Arteterapeuta com o sujeito deve acontecer e se fortalecer a cada encontro. É esta relação afetuosa que rompe barreiras e coloca o profissional emocionalmente vinculado ao idoso. Preservar uma distância, a nosso ver, é manter-se “blindado” de todos os sentimentos e sensações que podem acontecer a favor de um resultado potente e efetivo.

Caso Prático:

Com Elisa aprendemos que o grande envolvimento que tivemos possibilitou o resultado do encontro entre Ela e Zuzima. Seu lado pulsante e vivaz pode ser redescoberto. Foi o afeto da relação que construímos que permitiu a adesão às propostas e ao processo terapêutico. Um distanciamento, qualquer que fosse, teria impedido tamanha cumplicidade que vivenciamos.

Muitos profissionais prezam pela distância preservada, inclusive para não se envolver diretamente com a problemática do idoso. Toda e qualquer relação, para que seja legítima, é necessário um envolvimento total. Apenas tenta-se aprender a distinguir o que é nosso e o que pertence ao outro. Defender-se desta relação, colocar distância e barreiras é impedir de vivenciar uma construção mútua de saberes, de olhares e de vida, o que para nós é engrandecedor. Os benefícios que o afeto nos traz é infinitamente maior que toda e qualquer possibilidade de sofrimento que possamos vir a ter.

Com Elisa aprendemos a importância de deixar-nos afetar por todos os idosos que cruzam nosso caminho e, nós, de coração aberto, colocamos em prática aquilo que foi aprendido.

4.5 Mão Na Massa

4.5.1 Escolha dos Materiais

Ao propor uma atividade artística é preciso, além da criatividade que deve envolver a proposta, uma coerência em relação ao material artístico escolhido. Para isso, fazemos uso do Continuum de Terapias Expressivas, comumente denominado ETC - *The Expressive Therapies Continuum*.

O ETC é composto por quatro níveis de modalidades relacionadas com o desenvolvimento humano e de interação com os materiais artísticos que, teoricamente, refletem os diferentes modos da expressão humana.

Trata-se do nível sensório/motor, Perceptual/Afetivo, Cognitivo/Simbólico e Criativo, criado por Sandra L. Kagin e Vija B. Lusebrink, ambas da Universidade de Louisville, Ky, USA e publicado em 1978 em *"The Arts in Psychotherapy"*. As autoras dizem que o ETC é uma tentativa de examinar a interação da pessoa com os materiais nos diferentes níveis da experiência e da expressão.

Segundo Kagin: "Cada material possui um certo potencial ou direção. As propriedades do Material de Arte impõe limites básicos à experiência, isto é, o material pode ser classificado pela quantidade ou determinado pelas suas habilidades em impor limites" (. . .) é sentido sem nenhum objetivo ou forma especial a alcançar, e possui um certo potencial quanto à maneira e direção em que pode ser utilizado" (1978).

O conhecimento do Arteterapeuta da situação de cada participante fará a proposta artística ser ou não bem sucedida. Sem esse olhar, individual e único, não haverá método de trabalho que garanta a realização da proposta.

Ao escolher o material para ser oferecido ao idoso é preciso saber o efeito que ele causa e se a pessoa que fará uso terá ou não benefícios em usá-lo. Para cada idoso, para cada situação e momento, o material a ser usado deve ser específico e proposital.

Quando pessoas interagem com materiais em atividades plástico-expressivas, cada uma dessas dimensões mobilizará predominantemente um nível de funcionamento humano (sensório-motor, afetivo, perceptivo, cognitivo etc.) e facilitará certas qualidades do processo expressivo (como fluidez, espontaneidade, estabelecimento de limites, diferenciação, figura-fundo etc.), podendo também servir de ponte para outros níveis. Por essas características, são consideradas “potencialidades terapêuticas”. Desta forma, a vivência pessoal e o estudo cuidadoso das propriedades de cada material e técnica com base nesse referencial pode orientar a escolha do terapeuta nas atividades sugeridas. (CIORNAI, 2004, p. 106)

4.5.2 Entusiasmo como motivação

A importância de oferecer, a partir das propostas artísticas, condições de experimentar a sensação de liberdade de expressão faz parte de uma Arteterapia eficaz na sua conduta. Não existe certo ou errado, bonito ou feio e o idoso precisa ter a certeza de que não será julgado pelo que faz.

A estética está, não na beleza, mas no sentido que o trabalho adquire a quem o realizou. É preciso incentivar, com técnicas e um pensar estimulante a transferência de conteúdos significativos para o trabalho artístico proposto. O Arteterapeuta precisa ser um entusiasta da vida. Da vida pela vida, mesmo que esta esteja escondida em algum lugar de difícil acesso. É preciso achar meios para despertar o interesse pelo viver. Cabe ao profissional fazer uso do entusiasmo que por meio da Arte possa atingir os objetivos almejados. No Tratado de Geriatria e Gerontologia (2016), mais uma vez é a filosofia quem nos esclarece, ao analisar o êxito do Deus da mitologia grega Dionísio, a importância do entusiasmo a favor da vida. No capítulo sobre o Envelhecimento nos Caminhos da Filosofia, José Francisco P. Oliveira, nos conta que:

Analisando o êxito de Dionísio na Grécia, vemos que, como todas as comunidades mais originais, os gregos desenvolveram um profundo amor ao primitivo e um imenso desejo à vida, mais instintivo e apaixonado

do que o prescrito pela moral corrente (*op.cit.*). Nem a velhice fazia a razão e o pensar prevalecerem sobre o sentir e o agir.

O homem civilizado, entretanto, se assemelhava ao que consideramos o ideal do idoso de nossos dias. Distinguia-se do bárbaro pela prudência ou, usando um termo mais amplo, pela previdência. Nesse caso, inserimos a questão da temporalidade: aceitar as dificuldades presente por causa das compensações futuras; ou melhor, ter aceitado as agruras do passado em nome da tranquilidade presente.

Pelo que dissemos os adoradores de Dionísio, diferentemente dos ditos civilizados, reagem contra a prudência e a previdência.

Seguindo essa linha, observamos que o ritual báquico produzia o chamado – em um belo achado semântico- “entusiasmo, que significava a entrada do deus adorado no âmago do homem adorador, que acreditava ter se unido a ele. E era isso que fazia a vida não perder o interesse. Entusiasmado, o homem não reconhecia a decadência do corpo e desconsiderava o envelhecimento. (OLIVEIRA, 2016, p. 42)

Portanto, é no âmago de cada idoso que podemos encontrar possibilidades de despertar a Zuzima existente e o entusiasmo pela vida. É a partir do fazer artístico e de suas propostas, capazes de mobilizar conteúdos internos, movimentar sensações, chacoalhar angústias e transformar pareceres em energia pulsante que o idoso é mobilizado a favor da construção de uma velhice. Ao entender seu papel de organizador do diálogo que ocorre entre o profissional e o idoso, o Arteterapeuta deve oferecer motivação necessária para a realização das propostas que devem ser engrandecedoras e estimulantes. O entusiasmo para a criação torna-se a base central do processo terapêutico. Ao descrever a prática da Arteterapia, Selma Ciornai realça a importância de uma relação criativa e motivadora:

Na prática da Arteterapia, esta postura é igualmente presente e necessária, mas com um diferencial: o diálogo dar-se-á no contato pessoal (ao construir-se uma relação acolhedora e confirmadora), mas também no nível da motivação para a criação (quando a relação é estimuladora) e no nível da exploração conjunta dos significados de sons, formas, poemas e imagens criadas. Em vez de se colocar em uma posição de poder, emitindo interpretações e julgamentos sobre os trabalhos de seus clientes, o terapeuta relaciona-se com as expressões artísticas de seu cliente com interesse genuíno e curiosidade, estimulando e facilitando o diálogo do cliente com suas próprias criações. (2004, p. 49)

“Como é maravilhoso poder deparar com pessoas que têm o espírito livre. . . e o que é mais importante, é uma pessoa estimulante. . .”

Depoimento de Elisa/Zuzima, em carta datada de 2007

No atelier de Arteterapia, cabe ao Arteterapeuta incentivar a criatividade e a produção de quem busca neste saber, um meio de pertencimento e ressignificado da vida e da velhice.

Técnicas e materiais são sugeridos de acordo com o objetivo que se pretende alcançar já que os materiais, quando usados adequadamente, tornam-se facilitadores do processo de percepção, pois a imagem facilita a narrativa que por vezes não acontece com facilidade.

Caso prático:

As imagens da Arte produzidas por Elisa no atelier serviram para mostrar a ela a existência de uma possibilidade de elaboração das perdas ocorridas para poder continuar seguindo em frente dando voz aos desejos de vida existente, porém aprisionados em seu corpo debilitado. Um desejo enorme de voltar a se sentir viva por meio da Arte pulsava dentro dela, mostrando que Zuzima continuava existente, dançante e compondo, desta maneira, toda subjetividade que formava a Elisa. Com sabedoria, com histórias, valores, personalidade e vivência ao unir Zuzima com Elisa, os cacos de seu espelho seriam juntados e, como num mosaico, a reconstrução ganharia uma totalidade repleta de significados e anseios para uma nova maneira de existir. Para resgatar a união dessas duas mulheres, após percebê-la e reconhecer sua real necessidade de resgatar a energia vital, sufocada na Zuzima posta de lado pela patologia, a proposta de trabalho trouxe de volta o entusiasmo vivido em seu passado através de inúmeras fotos usadas como matéria-prima para as pinturas e colagens propostas. Sua vida pode então ser compartilhada com o grupo por meio das fotos que contavam a sua história.

De camarote, assistimos ao encontro dessas duas mulheres: Elisa e Zuzima. Encontro registrado pela Arteterapia no Álbum “Elas”.

Ao pensarmos nas estratégias usadas e nos materiais escolhidos, entendemos que as fotos, colagens, interferências artísticas nas imagens entre outras condutas, puderam favorecer a percepção e elaboração de sensações notadas durante o fazer artístico. Ao distanciar-se do objeto construído através da colagem, o conceito de distância reflexiva, muito comum no nível Perceptual/Afetivo aponta para um fazer onde os materiais puderam favorecer o aflorar deste nível do continuun de terapia expressivas. Olhar para as fotos de Zuzima em pleno auge da sua energia vital e apoderar-se deste momento vivido, trazendo para Elisa presente à oportunidade de construção de um novo trabalho artístico, criativo e belo, foi modificador para a sua

vida. Era a energia pulsante de Zuzima canalizada novamente nas mãos e coração de Elisa. A artista continuava a existir e Elisa aos poucos, foi percebendo esta constatação.

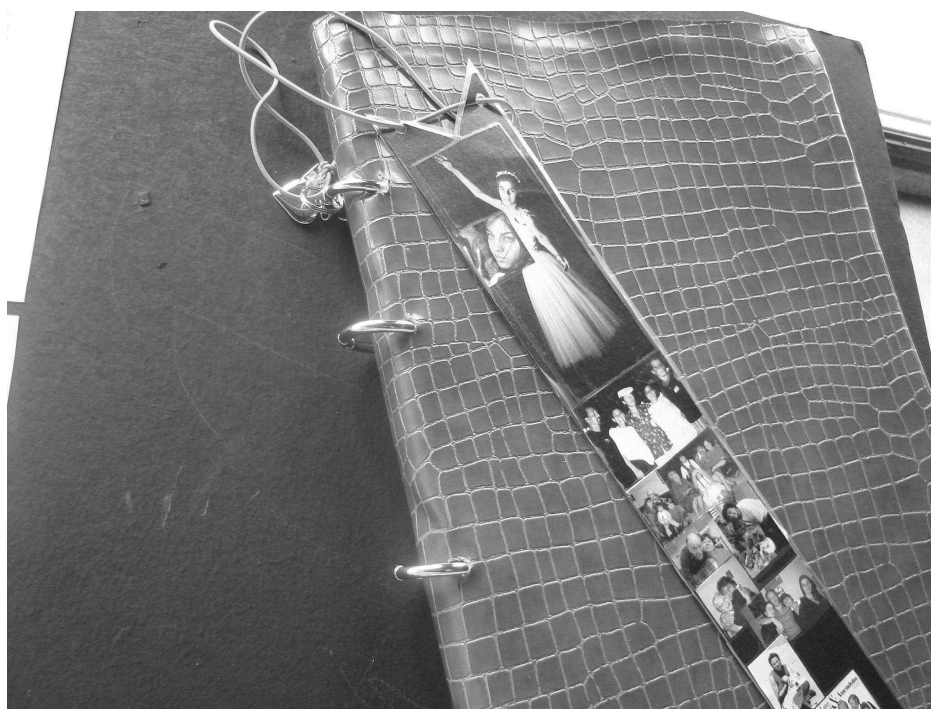


Figura 13 – Álbum Elas

4.5.3 Criatividade em atelier

Quanto mais criativa forem as propostas, maior será o estímulo oferecido por meio do fazer artístico. Poesia, literatura, histórias, Arte e artistas. A Arte com toda sua grandeza servirá como meio de despertar a vida escondida em meio a velhices encolhidas por um viver sufocante. A existência deve ser plena em toda e em qualquer idade. Algo precisava ser feito por Elisa, por Zuzima e por tantos idosos expostos à Arteterapia.

Caso Prático:

Estratégias de resgatar a Zuzima perdida no tempo passado para trazer sua energia de volta para Elisa do tempo presente foram feitas por meio de diversas intervenções artísticas em impressões de fotos de uma época onde a dança era bem mais do que uma profissão. Era, sim, uma maneira de existir no mundo.

A primeira tentativa de intervenção foi através da estampa florida de um vestido que ela usou em um show da Rodhia numa turnê pela Europa. A alegria daqueles momentos foram pintados, nas flores que ganharam muitas cores. Em cada proposta, um pouco da Zuzima se fazia perceber na Elisa.



Figura 14 – Show da Rodhia - Estampa do Vestido

Os trabalhos seguintes foram em cima de fotos de shows em que Elisa interferia apenas nas bordas, jamais na foto em si.



Figura 15 – Interferência apenas nas bordas. Fotos do passado continuavam intactas

As imagens eram clareadas para que Elisa pudesse usar o passado apenas como fundo, mas a interferência acontecia apenas ao redor. Era impossível interferir naquela época da sua vida.

Trabalhando nessas imagens, toda Arte e alegria daqueles momentos foram sendo resgatadas e o efeito na Elisa era perceptível. Zuzima voltava a respirar e Elisa voltava a viver. Chegava ao atelier animada e com muita vontade de trabalhar.

Elisa foi especial. Seu passado ricamente artístico, sua vivência cercada de Arte, dança e música a tornavam diferente e muito envolvente. Envolvimento inevitável, afinal como não se entregar de coração a alguém como ela?

A partir de todas as fotos, ela foi contando toda sua vida, dividindo conosco, que a ouvia com muita atenção, toda sua história. Sua infância e seus primeiros passos como bailarina foram revistos. Trabalho por trabalho Elisa ia reconstruindo e resignificando sua vida. Foi um trabalho de muita confiança. Elisa aceitava as sugestões e ouvia com atenção o que se tinha a dizer e aos poucos foi entendendo que Zuzima também precisava de Elisa e que ela só seria plenamente feliz com a união das duas.

Uma vida inteira dividida conosco. Foi um presente e nós jamais teremos como retribuir tanta confiança. Ao mostrar-se inteiro e disponível, o idoso tem a oportunidade de confiar no profissional que ali está como facilitador de um renascer em vida.

Velhices apagadas podem ser acendidas por vínculo afetoso que engrandecerá as propostas de trabalho. Há quem se iluda acreditando que é o distanciamento que fortalece os laços. Percebemos, em nosso trabalho, que é a proximidade e a entrega que fazem total diferença na atuação.

Toda a riqueza desta relação Arteterapeuta/idoso vem dos laços criados e emaranhados a favor da vida.

4.5.4 A História da Arte

A História da Arte, os movimentos artísticos e os artistas em si tornam-se ferramentas potentes para o trabalho de Arteterapia.

Quanto mais explorada e mais esmiuçada a história da Arte for, mais enriquecida serão as propostas. Oferecer ao idoso a oportunidade de envolver-se com temas culturais importantes enriquece seu repertório, ao mesmo tempo que engrandece o fazer artístico, além de tornar-se uma forma de estimular conversas que desvendem fatos relacionados a vida do idoso. Individualmente, é potente quando existe uma afinidade entre a História da Arte, ou o artista apresentado com a temática do sujeito. Em grupo, é uma potente ferramenta capaz de propiciar a oportunidade de fala, escuta e troca de saberes.

A Arte e seu conhecimento sobre ela faz com que as pessoas envolvidas aprendam sobre um mundo rico em estética e informações. Conhecimento que envolve

seus pensamentos com questões interessantes da nossa história, que podem ser associadas às nossas próprias.

Oferecer o contato com a História da Arte é uma maneira de ampliar o conhecimento dos envolvidos. Um novo saber está diretamente relacionado à capacidade de perceber-se como ser atuante, existente e pensante. Aprender para si, aprender para contar, para filhos e netos. O conhecimento traz amplitude, força e, por meio dele, amplia-se a valorização da vida.

Caso Prático:

A obra da artista contemporânea Sandra Cinto¹ foi apresentada à Elisa. O desenho e a criatividade são o ponto alto do seu trabalho. Nesta fase, a artista interferia com o desenho no seu próprio corpo antes de ser fotografado.

Elisa precisava perceber seu braço esquerdo negligenciado pelo derrame. Braço dormente que tinha movimentos involuntários o que a fez duvidar que fosse possível realizar esta proposta de trabalho.



Figura 16 – Sandra Cinto - "Sem Título" 1997/1998

Mas o braço que se contraía involuntariamente parecia ter resolvido colaborar com a Arte de Elisa. Cada pintura, quando finalizada, levava Elisa a um passeio à procura do lugar ideal para a fotografia final. Trabalho fotografado, as fotos foram reveladas e ampliadas formando um mural que fez parte de uma exposição de Artes, comprovando que a Arteterapia pode se apoderar de questões contemporâneas para reabilitar com eficiência e modernidade.

¹ Para saber mais sobre a artista: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10461/sandra-cinto>



Figura 17 – Sandra Cinto como inspiração

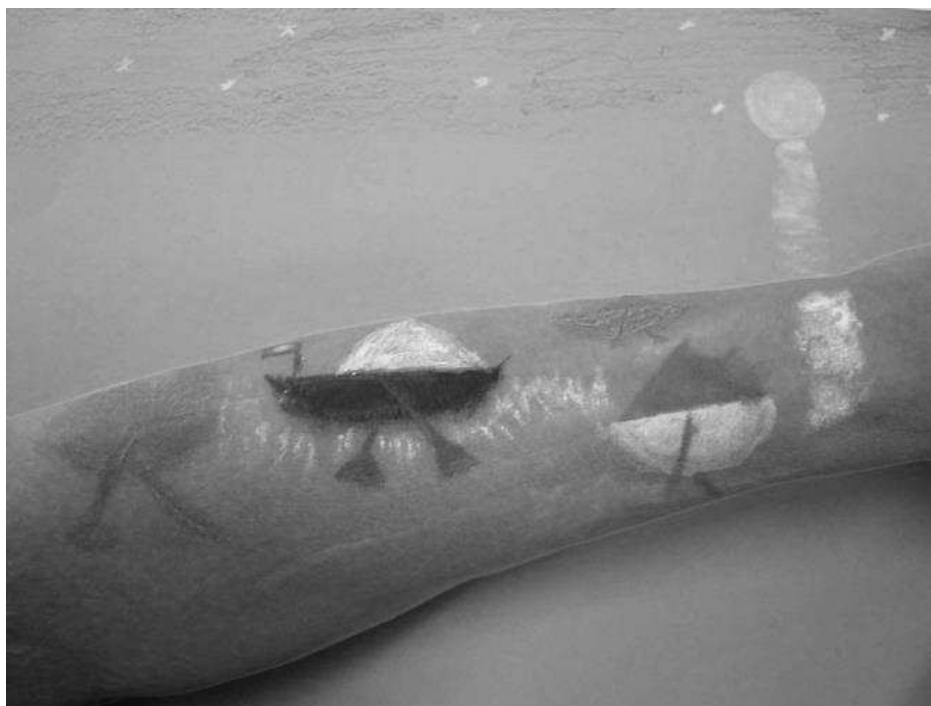


Figura 18 – Navegar



Figura 19 – Cobra



Figura 20 – Folhagem

Os braços pintados e fotografados de Elisa deram ao braço hemiplégico um novo sentido. Suas fotos fizeram parte de uma exposição de Arte em que Elisa teve sua

autoestima resgatada e fortalecida. A comunhão com a Zuzima aconteceu em meio à felicidade de voltar a existir por meio da Arte.

4.6 ANÁLISE DE RESULTADO

Proposta feita e executada chega o momento de analisar o resultado obtido.

O objeto produzido seja em forma de pintura, escultura, fotografia, Artesanato, poesia, escritos etc., nunca devem ser julgados pelo Arteterapeuta que deve abandonar os valores estéticos comumente usados para avaliar trabalhos artísticos em prol de um resultado envolvente e mobilizador de sensações e percepções.

O trabalho prático, neste contexto, deve conter conteúdos que apontem para um deslumbrar da vida almejada pelas velhices comprometidas por um viver que, de uma maneira ou outra, sufoca o idoso o impedindo de valorizar a vida e a velhice vivida. Conversar sobre a velhice e suas questões tão amplas através do objeto produzido é o objetivo principal das propostas em atelier de Arteterapia.

Estéticas são então deixadas de lado como resultado de perfeição, mas buscar o belo em cada trabalho se faz importante, pois o “Eu que fiz” de cada peça produzida tem um significado absolutamente ligado à autoestima e a valorização do idoso.

O Arteterapeuta deve sempre pensar em estratégias que favoreçam e mobilize em contentamento do indivíduo exposto a prática. Análises e conversas apontam o resultado que deve ser compreendido como um passo do caminho a ser trilhado.

Novas propostas virão e independente do resultado, o passo seguinte precisa ser dado.

Caso prático:

Não foi difícil constatar o resultado alcançado com a proposta dada à Elisa, afinal era ela própria quem nos contava as mudanças conquistadas com o trabalho realizado. Seu olho voltou a ser realçado pela maquiagem e o lápis usado para delinear o formato, desenhava no olhar, o prazer de manter-se viva e produtiva. Elisa havia reconquistado sua beleza.

O Álbum Elas foi mostrado para amigos e familiares em uma exposição de Arte que inaugurava o atelier Arte&Inclusão². Durante a vernissage, Elisa irradiava Zuzima e recebia todos seus convidados como uma artista que retoma aos palcos. O que

² O Atelier Arte&Inclusão existe desde 2007 no Museu Brasileiro da Escultura, o MuBE na cidade de São Paulo. Atende jovens e idosos deficientes e teve sua inauguração oficial em 01 de abril de 2008, durante uma exposição de Artes que contou com a participação de Osmar Santos como padrinho. É ministrados pelas Arteterapeutas Juliana Naso e Cris Pomeranz, autora desta dissertação.

não sabíamos era que esta seria sua despedida. Alguns dias depois, a vida veio nos lembrar de que somos finitos. Elisa morre.

Para registrar a emoção que sentiu com a exposição, ela escreve um pequeno bilhete que dizia: Meu AVC não foi para me destruir, mas sim para me descobrir.

Elisa estava em paz. Havia revisto toda sua vida e tivemos o privilégio de presenciar o renascimento de alguém que, segundo suas palavras, havia renascido. Foi preciso renascer para se libertar. Voar longe dos nossos olhos, deixando nosso caminho pavimentado para receber todas nossas futuras paisagens.

“Eu estava morta e renasci! Sou de novo a pessoa que eu sempre fui! Renasci!”

Depoimento de Elisa/Zuzima

4.7 REFINAMENTO

Esta etapa, final em cada processo, é na verdade um recomeço para os trabalhos que virão a seguir.

Após conhecer o sujeito idoso, identificar sua problemática de vida e de velhice, chega o momento de pensar nas estratégias que serão usadas para atingir os objetivos desejados. Após a execução da proposta e da análise do resultado obtido é preciso aprimorar cada fazer e cada passo para que o idoso possa estar inserido em um contexto evolutivo.

Sendo assim, cada trabalho terminado deve ser compreendido pelo Arteterapeuta como um meio de nortear os próximos passos a favor de um entendimento pessoal. O caminho a seguir deve sempre conter novas e criativas propostas capazes de manter o interesse e a motivação pela Arte, pelo processo artístico e pela valorização deste caminhar proposto pela Arteterapia. Um caminhar com descobertas a favor de velhices significativas e vividas em sua essência.

E se envelhecer é uma construção de caminhos, a Arteterapia oferece ao caminhante a chance de resignificar os passos já dados enquanto se constrói um novo caminhar para os passos futuros.

Caso Prático:

Após a exposição de Artes onde Elisa havia mostrado seu percurso na Arteterapia através do “álbum Elas” e de suas fotos conceituais feitas a partir do braço hemiplégico, era visível o resultado obtido com essas intervenções. Seus amigos da

época da dança puderam estar presentes na vernissage e a volta triunfal de Zuzima para a vida de Elisa pode ser comemorada por ela que dizia estar radiante e com a sensação física de quem havia, finalmente, voltado aos palcos. Sim, esta foi sua despedida, e nas poucas semanas seguintes à exposição, Elisa chega ao atelier dizendo desejar dançar novamente. Começávamos, então, uma nova proposta de trabalho que tinha como objetivo refinar o que já havia sido feito. A Vida pedia avanço. Era preciso dar um novo passo.

Elisa estava em paz com Zuzima. Paz conquistada através da Arteterapia que pode ajudá-la na elaboração de toda sua vida. Mas a vida é dinâmica e novas propostas devem sempre ser pensadas para que o idoso envolvido possa dar um pouco mais de si. Sempre.

Elisa queria dançar, rodopiar e este desejo começou a ser realizado em uma grande tela que ela não terminaria.

De mãos dadas, Elisa e Zuzima partiram em um voo repleto de rodopios mostrando que a morte seria o refinamento máximo para alguém que teve a chance de estar, plenamente em paz com este viver poético que lhe foi ofertado.

Para o profissional, a dor da partida só pode ser superada pela certeza da total entrega de afetos.

Borboleta liberta. O voo agora se faz solo.



Figura 21 – Última Dança

“Eu imagino que um anjo seja assim . . . livre, livre, simplesmente livre”.

Depoimento de Elisa/Zuzima, em carta datada de 2007

Com criatividade, estímulo de vida e motivação é possível a nós, Arteterapeutas, tornarmo-nos anjos de quem busca na Arte um caminho de libertação, afinal nos é dada a condição de ter, nas mãos, uma ferramenta poderosa para aprimorar vidas e

velhices que padecem com o viver. Ao consultar o dicionário de símbolos de Chevalier, nos deparamos com a seguinte definição de anjos:

Seres intermediários entre Deus e o mundo, mencionados sob formas diversas nos textos arcádios, ugaritas, bíblicos e outros (...) outros, ainda, vêm nos anjos símbolos das funções divinas, símbolos das relações de Deus com as criaturas, ou, ao contrário (mas os opostos coincidem na simbólica), símbolos de funções humanas sublimadas ou de aspirações insatisfeitas e impossíveis. Para Rilke, de modo ainda mais amplo, o anjo simboliza *a criatura na qual surge já realizada a transformação do visível em invisível por nós executada*. (...) O anjo, em sua qualidade de mensageiro, é sempre portador de uma boa notícia para a alma. (2003, p.60)

Portanto, como um anjo, nós Arteterapeutas, podemos ser mensageiros da divindade existente no âmago de cada velho e velha que cruza nossos caminhos profissionais.

A partir da Arteterapia e do método que aprendemos com o afeto de Elisa e Zuzima, é possível nos lançamos em altos voos de mãos dadas com o senhor e com a senhora, com todo e qualquer idoso. Essa é a nossa maneira de pensar a vida. Conhecer para voar. E voar cada vez mais alto enquanto envelhecemos, no singular e no plural. Eu, nós e nossas borboletas.

Elisa mostrou não apenas um método de intervenção capaz de favorecer os idosos expostos a Arteterapia, como também uma maneira de afastar de si a ausência de realizações e de desejos.

O idoso é um ser desejante de existência e esta é muitas vezes deturpada por velhices mal elaboradas. A Arte quando bem explorada pela Arteterapia, serve como uma reação às velhices estarecidas por um viver abandonado de prazeres.

Os próximos capítulos irão mostrar ao leitor o método PREAMAR de Intervenção de Arteterapia replicado em outras situações. É a potência de vida de Zuzima replicada em diversas velhices.

Idosos que participam de um Centro Dia Público e idosos que fazem parte do Projeto Faça Memórias, tem, através da metodologia elaborada pela vivência com Elisa, suas intervenções enriquecidas pela Arteterapia sugerida pelo método aqui apresentado.

5 QUINTA PAISAGEM: VELHICE E ARTETERAPIA NA TEIA DE SIGNIFICADOS**Figura 22 – Elisa**

Ao refletir a velhice a partir dos conceitos do antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989) faz-se necessário compreender os princípios da teoria interpretativa da cultura. Geertz defende que o conceito de cultura é semiótico, ou seja, que o ser-humano é significante como natural condição.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao assumir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (GEERTZ, 1989, p. 4)

Ao pensarmos o comportamento humano como uma ação simbólica em que a procura por significados faz parte da natureza, a Arte aparece como um meio de cumprir a existência. Ao significar os trabalhos propostos em atelier de Arteterapia, ao interpretar a Arte feita, o velho torna-se artista por alguns instantes e exerce por meio da sua expressão, o âmago de um viver absoluto, capaz de dar sentido às velhices, decifrar o fazer enquanto significa a própria vida.

No livro “A Interpretação das Culturas”, Geertz escreve um capítulo sobre a Briga de Galos Balinesa onde ele e sua esposa visitam uma aldeia pequena cujos moradores os tratam, a princípio, como seres invisíveis. Pensamos, então, nas velhices desprezadas socialmente e na necessidade de existência desses velhos.

Geertz descreve a situação em que o desprezo aos estranhos fazia parte da cultura do local. Dizia que faziam parte de um estágio denominado pelo autor como “estágio do sopro do vento, um estágio muito frustrante e enervante, em que se começa até a duvidar se se é verdadeiramente real” (p.186).

Enquanto caminhávamos sem destino, incertos, ansiosos, dispostos a agradar, as pessoas pareciam olhar através de nós, focalizando o olhar a alguma distância, sobre uma pedra ou uma árvore, mais reais do que nós. Praticamente ninguém nos cumprimentava, mas também ninguém nos ameaçava ou dizia algo desagradável, o que seria mais agradável do que ser ignorado. Quando nos arriscávamos a abordar alguém (e numa atmosfera como essa a pessoa sente-se terrivelmente inibida para isso), essa pessoa se afastava, negligente, mas definitivamente. (GEERTZ, 1989, p. 185)

Inúmeras velhices vivem o estágio de sopro do vento e têm na Arteterapia uma possibilidade de engrandecer o envelhecimento.

Geertz relata uma briga de galos que acontece na cidade e que mais do que um evento, a luta carrega símbolos e interpretações que serviram de dados para que o antropólogo estudasse a cultura do lugar. Claramente notamos o ser-humano existindo através da simbologia que ele atribui às coisas vividas e percebidas por ele. Mais uma vez citando Max Weber, Geertz afirma que a imposição do significado na vida é o fim principal e a condição básica da existência humana (p. 200). No caso da briga de galos, ela é muito mais do que apenas um jogo, mas ela permite ao balinês, verificar a dimensão de sua própria subjetividade. Conta Geertz que:

Na medida em que assiste a uma luta após outra, com a assistência ativa de um proprietário e de um apostador (pois a briga de galos não tem maior interesse como esporte para o simples espectador do que o *croquet* ou a corrida de cães), ele se familiariza com ela e com o que ela tem para transmitir-lhe, da mesma forma que o ouvinte atento de um quarteto de cordas ou o apreciador absorto de uma natureza morta torna-se aos poucos familiarizado com eles de maneira tal que eles também abrem sua subjetividade para ele mesmo.

Entretanto, através de outro desses paradoxos que perseguem a estética, ao lado dos sentimentos pintados e dos atos inconsequentes, e porque essa subjetividade não existe propriamente até que seja organizada dessa forma, as formas de Arte originam e regenera a própria subjetividade que elas se propõem exibir.

Quartetos, naturezas mortas e brigas de galo não são meros reflexos de uma sensibilidade preexistente e representa analogicamente; eles são agentes positivos na criação e manutenção de tal sensibilidade. (GEERTZ, 1989, p. 211)

Portanto, a subjetividade é encontrada no sentido dado às coisas. Fazer Arte, se envolver com ela, nada mais é do que significar para se constituir. Desta forma, velhos e velhas podem dar novos olhares à velhice enquanto participam de propostas engrandecedoras e que mobilizam o pensar e a consciência sobre o envelhecimento. Criando uma outra subjetividade, os velhos vão criando sujeitos e velhices atuais.

5.1 Arte Conceitual: A Velhice como Conceito

A Arte Conceitual é um movimento artístico que teve seu auge na década de 70 nos Estados Unidos e Europa, cuja Arte abre mão do formalismo do fazer e passa a dar maior importância para a ideia e o conceito.

As expressões da Arte Conceitual são variadas e diversos recursos são usados. Fotografia, instalações, vídeos, performances etc. são fortemente explorados e teve Marcel Duchamp como seu principal precursor. Através de sua obra, Duchamp questionou a própria obra de Arte colocando o seu conceito em prova: “O que faz um objeto ser obra de Arte?”, “Qual a importância do gesto do artista na obra de Arte?”.

Duchamp foi duramente criticado ao enviar um urinol de porcelana branca como obra de Arte a um Salão de Artes¹. Através desta peça, o artista trabalhava fortemente o conceito da Arte muito mais do que o objeto em si.



Figura 23 – Fonte - Duchamp

Com Duchamp, discutir conceitos e ideias torna-se o coração deste movimento artístico cujos significados pulsam sem preocupação com a estética. Foi Duchamp quem revoluciona e dita o ritmo da Arte para o resto do século XX e para os tempos futuros. Incontestável sua importância.

Enquanto isso, em meio a uma explosão de conceitos expressos como obra de Arte, o Brasil era endurecido pela ditadura, cujo domínio do poder militar era contestado enquanto as ideias de Simone de Beauvoir repercutiam no viver feminino ao buscar liberdade por meio da realização de seus direitos. Nesta época, os primeiros movimentos de mulheres passam a existir aqui no Brasil para favorecer a luta da sua emancipação. Ao pensarmos que as mulheres jovens dos anos 70 são as idosas da

¹ Em 1917, com o pseudônimo de R. Mutt, Marcel Duchamp enviou para o Salão da Associação de Artistas Independentes um urinol de louça, utilizado em sanitários masculinos, com um título sugestivo de “Fonte”.

atualidade, a construção de um entendimento em relação à sociedade ao longo da vida, e a busca pelos direitos de uma vida com mais igualdade, certamente é refletida nessas velhices atuais. Mas será que estes conceitos de vida se tornaram suficientes para modificar os conceitos de velhice vividos por essas jovens da década de 70? Idosas da atualidade que nos mostram um envelhecer feminino, já que são as mulheres quem constituem a maioria dos velhos.

Nicodemo e Godoi apresentam um estudo de caso sobre a feminização e direitos de mulheres idosas por meio da análise de duas mulheres que entre os anos 60 e 70 lutavam por igualdade. O estudo questiona quem foi a jovem que gerou esta idosa que desempenha um papel forte na atualidade.

Aquela mulher que se sentia submissa, sob a autoridade familiar, tratada com a severidade do patriarcado, sujeita à submissão da sociedade, tanto social como politicamente, se rebelou e emitiu seu grito de liberdade dentro dos parâmetros de regras familiares estipulados na época. Liberdade que se apresenta nos dias de hoje, seja pela quebra de convenções, seja pela opção de criar novos horizontes. Esta se faz presente tanto nas mulheres jovens quanto nas mulheres idosas. Exemplos constantes são apresentados, seja na opção de como desenvolver o papel de avó, como na opção de, após enviudar, tentar um novo relacionamento, ingressar em partidos políticos, sociais e educacionais. (NICODEMO; GODOI, 2010 P.51)

Na velhice, percebemos a importância de continuar a luta pela garantia dos direitos sociais. O tema se modifica, mas a luta continua a se fazer necessária. Dar voz ao idoso em situação de vulnerabilidade social foi uma contribuição dada por meio dos princípios da Arte Conceitual, oferecida durante as aulas de História da Arte. Voz a favor deste movimento que busca a valia dos direitos de respeito e dignidade a toda e qualquer velhice. A nós, profissionais, a certeza de que ao oferecer condutas que favoreçam o agir em prol das velhices, estaremos contribuindo com a modificação de um longeviver que reverencia a valorização da própria velhice. Que Duchamp possa servir de inspiração para que o conceito de velhice possa ser repensado e modificado.

Caso Prático:

Idosos em situação de vulnerabilidade social compõem o Centro Dia Público que oferece em sua grade horária intervenções feitas a partir de propostas de Arteterapia e História da Arte. A primeira unidade favorecida pela prefeitura de São Paulo na gestão de Fernando Haddad, foi o Centro Dia do Bom Retiro, precursor dos outros quinze instalados na cidade de São Paulo até então. Os Centros Dia cumprem as propostas da Política Nacional do Idoso, cuja Portaria 46/2010/SMADS – tipificação da Rede Socioassistencial esclarece sua função:

O centro dia do idoso é um serviço destinado à atenção diurna de pessoas idosas em vulnerabilidade social e com graus diferenciados de dependência físico e/ou cognitivo, que necessitam de uma equipe multidisciplinar para prestar serviço de proteção social especial e de cuidados pessoais, fortalecimento de vínculos, autonomia e inclusão social, por meio de ações de acolhida, escuta, informação e orientação. Caracteriza-se por ser um espaço para atender idosos que possuem limitações para realização das atividades da vida diária (AVD) que convivem com suas famílias, porém não dispõem de atendimento em tempo integral no domicílio. (PORTARIA SMADS 946/2010, item 8)

Trinta idosos são acolhidos em cada Centro Dia público, cujo critério de inclusão especifica as seguintes características dos participantes:

- Pessoas idosas com 60 anos ou mais;
- Ambos os sexos;
- Residir na área de abrangência do serviço;
- Incluídos no Cadastro Único;
- Prioritariamente idosos Beneficiários de Prestação Continuada – BPC/LOAS;
- Idosos em situação de risco pessoal e social (fragilidade nos vínculos familiares, negligência, abandono, violência física, psicológica, econômica);
- Ter familiar e /ou cuidador responsável;
- Assinatura do Termo de Consentimento pelo responsável;
- Estar ciente (familiar ou cuidador) das visitas domiciliares conforme Termo de Consentimento;
- Familiares e/ou responsáveis que estejam prioritariamente trabalhando e não possuam ninguém que cuide do idoso em sua ausência;
- Idoso cujo familiar também é idoso e não reúne condições de ser cuidador em período integral;
- Grau de dependência leve ou moderado segundo a escala de Avaliação Multidimensional do Idoso – AMPI;
- Sem comprometimento cognitivo ou com comprometimento leve ou moderado.

Expostos ao ensino da História da Arte, Arteterapia e atividades diversas cujo objetivo é engrandecer percepções de saberes, estes novos conhecimentos irão refletir na dignidade da existência recuperada por esse serviço público. Os Centros Dia cumprem seu papel oferecendo aos idosos envolvidos condições de empoderamento que se dá a partir da exposição de suas velhices a novas maneiras de vivenciá-las.

Idosos em situação de vulnerabilidade social foram convidados a participar de um projeto sobre Arte Conceitual que teve sua proposta apresentada durante uma aula de História da Arte. A obra da artista Vera Holtz² serviu de inspiração para o projeto com os idosos do Centro Dia Bom Retiro – convênio União Brasileiro Israelita do Bem Estar Social, Unibes, com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, SMADS. Vera é uma artista conhecida do público pela dramaturgia que a torna um rosto familiar aos idosos que acompanham seu trabalho na televisão. Artista criativa e contemporânea, ela desenvolve um trabalho conceitual em que o uso do seu rosto promove, através das expressões e das produções elaboradas e captadas em fotografias, conceitos sugeridos pelas performances visuais obtidas pelas lentes dos fotógrafos. Em sua página em uma rede social, Vera surpreende nossos olhares por meio de uma sutil ousadia de ideias que geram ao espectador um certo incômodo pelas reflexões propostas.

Dar voz aos idosos no momento da produção artística foi essencial ao executar a proposta de inseri-los em um projeto de Arte Conceitual que fala de temas ligados ao envelhecimento. Todos eram convidados a discutir o conceito por trás de cada ideia sugerida para as fotos e essa era a maneira de participarem como “pintores que pintam uma tela, ou escultores que amassam a argila”. Formular ideias e interpretá-las com novos significados é o fazer artístico da Arte Conceitual cujo projeto tinha como objetivo estimular o ser idoso como alguém participante da sua atualidade. Apresentar meios de expressão que fujam dos padrões comumente existentes nas atividades artísticas é uma maneira de estimular o pensamento para o novo.

Mostrar a Arte moderna e a Arte conceitual é uma maneira de inserir a velhice no mundo contemporâneo, enquanto temas ligados ao envelhecimento eram discutidos e tidos como um dos objetivos principais do trabalho.

A proposta buscava, na Arte Conceitual, novas maneiras de expressão para que as opiniões pudessem ser ditas por quem vive a condição de ser velho. As imagens produzidas e conceituadas serviram como novas maneiras de significância e foram interpretadas por esses velhos que tiveram na Arte Conceitual uma subjetividade coletiva construída por meio deste trabalho.

² Ver página oficial da artista página no facebook: <https://m.facebook.com/veraholtzoficial/>

O encontro aconteceu no dia seguinte da aula de História da Arte cujas fotos eram produzidas e os temas encenados pelos idosos que participavam como “modelos fotográficos”. Os que assistiam, participavam, ora com olhares, ora com sugestões. Desta maneira, as fotos foram feitas e esta foi a proposta que sentimos maior envolvimento. Por tratar-se de um trabalho ousado, percebemos que muitos “abraçaram” a ideia.

Na semana seguinte, durante a aula de História da Arte, novamente foi apresentado a Arte Conceitual como tema. À Duchamp coube apenas a introdução da aula cujo foco principal foi o resultado do trabalho dos próprios idosos. As imagens foram projetadas e todos puderam se ver como que em um cinema. Aproveitamos para contar que nossas fotos não participariam da Mostra de Arte da Terceira Idade que estava por acontecer por não terem sido compreendidas pela organização, como Arte. Questionaram o fato dos idosos não terem sido os fotógrafos quando na verdade, eles foram convidados a participar como agentes visuais dos conceitos discutidos e elaborados.

Após dividir com eles nossa frustração, uma senhora expõe um conselho que jamais esqueceremos:

- Não queira que pessoas que não estudam a História da Arte compreendam isso tudo que fizemos.

Ao pensar em suas palavras percebemos, com nitidez, o resultado do trabalho gerando novos significados na vida de todos eles. Para esses idosos, tão frágeis socialmente, através da Arte, todo o afeto.

O resultado aqui apresentado acompanha legendas para que os temas explorados possam ser claramente percebidos.

Vale dizer que como material artístico, as fotos falam por si só e as legendas não fazem parte da apresentação. Ao expectador cabe a tarefa de conceituar à sua maneira. Sua interpretação, particular e única, faz parte do significado interpretado por sua percepção.

E já que somos seres classificadores na nossa condição, que as velhices possam encontrar, na Arteterapia, possibilidades de gerar novos significados interpretativos que apontem caminhos a favor da construção de velhos mais modernos e mais potentes para viver a velhice.

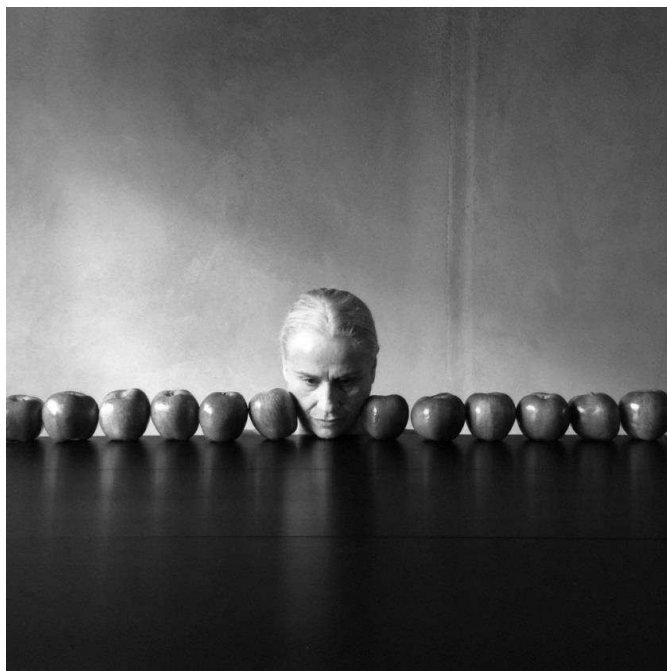


Figura 24 – Fotos conceituais de Vera Holtz serviram como inspiração para o projeto com os idosos de Centro Dia Público.



Figura 25 – Infantilização



Figura 26 – Estereótipos da Velhice



Figura 27 – Direito a voz



Figura 28 – Só é pipoca quem passa pelo fogo



Figura 29 – Viva o Presente



Figura 30 – Compreender o mundo que envelhece



Figura 31 – Idosos Desejantes



Figura 32 – Meu nome é Maria

Fotos feitas³, projetadas a eles para mais uma vez poderem estabelecer relações entre conceitos e interpretações. Chegou o momento de dar cor à ideia por meio de um aplicativo que transforma fotos em desenhos.

O encontro no atelier do Centro Dia do Bom Retiro parecia uma festa. Folhas impressas com suas fotos desenhadas foram entregues e, mais uma vez o tema pode ser trabalhado, ao colorir, esfumazar, realçar e modificar não apenas o trabalho. Era perceptível o toque colorido que aquele momento ganhava.



Figura 33 – Direito a Moradia

Esta atividade, repleta de envolvimento e entusiasmo, aponta a execução dos sete passos de uma metodologia que se mostra eficaz quando aplicada individualmente ou em grupo de idosos. Ao analisar as atividades realizadas nesta proposta, percebemos a sequência do método aplicado.

³ Os idosos participantes assinaram termo de autorização de uso de imagem

5.2 Método PREAMAR Aplicado a Idosos em Situação de Vulnerabilidade Social

- 1) Percepção – idosos em situação de vulnerabilidade social que frequentam Centro-dia Público. Carência de vida e de afeto.
- 2) Reconhecimento – necessidade de resignificar suas vidas e velhices ao mesmo tempo em que precisam fortalecer vínculos sociais, pertencer ao grupo e expressar seus desejos e opiniões.
- 3) Estratégia – trabalhar a Arte Conceitual, movimento da História da Arte, como meio de dar novos significados ao envelhecimento.
- 4) Afeto – vínculos afetivos garantem adesão à proposta. Confiança mútua que assegura a possibilidade de elaborar conceitos, significar e executar a expressão. Com base no afeto estabelecido, idosos se lançam com maior facilidade a viver a Arte Moderna.
- 5) Mão na massa – idosos elaboram os conceitos das propostas apresentadas e participam da produção do ensaio fotográfico. Entusiasmo como motivação, História da Arte e artistas foram explorados mediante o uso da fotografia que foi usada como meio.
- 6) Análise de Resultado - A participação animada do grupo de idosos e o encantamento que o resultado visual do conceito elaborado gerou, asseguram um resultado positivo da proposta.
- 7) Refinamento – Pensar em novas propostas que possam dar continuidade aos conceitos de velhice discutidos neste trabalho. Novas possibilidades de significar a existência de cada um desses idosos serão oferecidas por meio da Arteterapia.

Com Geertz é possível analisar a cultura a partir da proposição de que o pensamento humano é essencialmente uma atividade social (1989, p. 149). Portanto, a Arteterapia é uma ferramenta facilitadora para a compreensão das velhices assim como uma prática a favor das condutas de significação da vida para os velhos que, envolvidos neste fazer, possam encontrar meios de interpretar o mundo para existir inserido no tempo de agora. A partir de propostas audaciosas conceitualmente é possível incluir, por meio do pensar, os idosos em um cenário social e atual.



Figura 34 – Não ao isolamento!

6 SEXTA PAISAGEM: O EXERCÍCIO DA CIDADANIA



Figura 35 – Braços Abertos

A educação é a possibilidade de enfrentamento de uma realidade indesejável para quem envelhece e para quem vive a velhice. É também uma oportunidade de modificar as paisagens impostas pela vida no caminho da demência.

É preciso pensar em atitudes que modifiquem esta estrutura preconceituosa na qual a sociedade foi estabelecida e fincada com seus princípios injustos e desfavoráveis a quem depende de ações acolhedoras e positivas de outros, para existir como sujeito idoso. Entender e perceber a demência como uma complexidade que avassala idosos e familiares em uma dor fincada na perversidade do sistema social, econômico e político em que estes velhos vivem.

É por meio de ações educativas que surge uma provável possibilidade de mudança. Segundo Freire, “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (2015, p. 96). Somente através da educação oferecemos condições de modificar o rumo dessas velhices fragilizadas, repletas de esquecimento e isolamento. A partir da compreensão deste tipo de velhice, podemos, por fim, pensar em interferências modificadoras de condutas.

Idosos com problemas de esquecimento podem e devem exercer a autonomia que lhes restam, mesmo que dentro de um limite imposto pela demência. Ensinar cuidadores, familiares e profissionais que lidam com essa situação a incentivar o exercício desta autonomia, faz-se importante para a prática do existir deste sujeito envelhecido, como descreve Demo:

É parcial a ótica que fica somente na solução dos problemas materiais de sobrevivência, porque sem a participação dos interessados teríamos mero assistencialismo paliativo, bem como é parcial a postura apenas política, porque pobreza consciente ainda é simplesmente pobreza. Neste sentido, conscientizar uma comunidade é somente uma parte do processo de desenvolvimento. Se ficar só nisso, será a próxima desilusão. (1986, p. 73)

6.1 Faça memórias: Intervenções Inovadoras a favor dos Idosos com Alzheimer e Outras Demências

Um exemplo de intervenção a favor da cidadania dos idosos com demência é o Projeto Faça Memórias. Como já assinalado, o Faça Memórias é um “curso especial” para idosos com perda de memória. Trata-se de uma intervenção não medicamentosa na qualidade de vida dos idosos com demência. Inspirado no Meet me at MoMA do museu de NY, o programa que acontece semanalmente faz uso das obras de Arte expostas como estímulo de memória, além das atividades artísticas desenvolvidas no atelier do museu¹. O programa é referência quando se fala em novas abordagens para

¹ Foi idealizado e é desenvolvido pela arteterapeuta Cristiane Pomeranz, autora desta pesquisa, pela também arteterapeuta Juliana Naso e pelo olhar da orientadora pedagógica Maria Rita Rayel.

lidar com a Doença de Alzheimer.

O Faça Memórias existe desde 2009 e é aplicado no Museu Brasileiro da Escultura, MuBE, na cidade de São Paulo, como decorrência natural do atelier de Arte & Inclusão, fundado em 2007 no mesmo museu, e que até hoje atende com uma proposta de intergeracionalidade, diversas pessoas, vítimas de AVC, Doença de Alzheimer, paralisia cerebral e outras patologias.

Apreciar uma obra de Arte trabalha áreas que permanecem intactas mesmo que a demência não permita que este olhar seja verbalizado e compreendido. Possibilitar aos idosos com Alzheimer a oportunidade de interagir com a Arte é uma prazerosa maneira de oferecer estímulo cognitivo, fazendo com que a doença passe a ser mais branda e digna, pois esse tipo de velhice é envolta não apenas pelo esquecimento como também por algo próximo a um desprezo coletivo.

Para proteger o idoso das crueldades sociais existentes, O Marco Político do Envelhecimento Ativo em Resposta à Revolução da Longevidade² foi projetado para que as pessoas realizassem seu potencial de bem-estar físico, social e mental ao longo de toda vida e que participassem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades (p.13). O Marco Político do Envelhecimento Ativo serviu como base para que diversas políticas públicas fossem elaboradas favorecendo, inclusive, idosos que envelhecem envoltos no esquecimento e é referência para os tomadores de decisões do país. Desde a publicação do Marco Político do Envelhecimento Ativo, algumas questões como os direitos do idoso, o prolongamento da vida profissional, a aprendizagem ao longo da vida, a qualidade de vida de idosos frágeis e dependentes e daqueles que estão no final da vida, se tornaram mais proeminentes (p.14).

Ser ativo socialmente é requisito básico de ser cidadão, mas as condições são inacessíveis e não facilitam o viver para esses idosos, incapazes, por suas questões cognitivas, de atuar sua existência de acordo com suas possibilidades. É preciso e fundamental que a sociedade perceba a importância de se reorganizar para acolher os idosos que envelhecem nessas condições e que afetam todo envolto, fragilizados pela demência, fazendo valer os pilares que sustentam o Marco Político do Envelhecimento Ativo: Saúde, Aprendizagem ao longo da Vida, Participação e Segurança e Proteção.

O Faça Memórias é um programa condizente com a intenção do Marco Político do Envelhecimento Ativo ao favorecer idosos com demência possibilitando a oportunidade de manterem-se ativos e socialmente vivos, fazendo-se jus aos pilares descritos no documento.

E se o Marco Político do Envelhecimento Ativo fala em Participação, o Faça

² Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil), atualizou o Marco Político do Envelhecimento Ativo, publicado em 2002, pela Organização Mundial de Saúde. Rio de Janeiro, julho 2015

Memórias enquadra-se neste tópico ao colocar o idoso com diagnóstico de perda de memória como um ser atuante socialmente. Fechar as portas das atividades sociais para essa velhice é compactuar com a doença e não com a vida. É reforçar sua condição de não cidadão quando deveríamos nos educar para incentivar o exercício da cidadania desses velhos. O Faça Memórias tem como proposta mostrar o idoso atuante. Diferente da maioria dos idosos com Alzheimer, os participantes do Faça Memórias têm a oportunidade de serem indivíduos existentes socialmente. Portanto, neste caso, enquanto ativo a doença não destrói o sujeito social pois ele continua exercendo sua cidadania e convivendo em sociedade, o que é a essência do ser-humano.

Segundo Demo (1986),

A conquista da participação admite inúmeras concretizações históricas, inclusive as violentas, se os opressores forem também violentos. Mas há as formas lentas e profundas de conquista, como é o processo educacional, a ativação comunitária baseada na identificação cultural, etc. Em todo caso, não existe por descuido ou por comodidade. Precisa ser conscientemente construída. Será suada. É luta no sentido do esforço aí investido. (p. 69)

Profissionais que trabalham com o envelhecimento precisam ter em mente a importância de lutar contra uma sociedade opressora e tirânica em prol de todos os tipos de velhices, como bem escreve Paulo Freire (2015):

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (p. 60)

6.2 O Idoso como Cidadão

Ao falar de velhos é preciso perceber as enormes possibilidades de viver a velhice. Falamos de diversas maneiras de existir. Velhices com toda sua diversidade que torna o envelhecimento algo complexo e digno de cuidado.

Chama-se a atenção para a importância de se manter existindo como indivíduo e como alguém que constrói a sua história até o fim da existência.

É fundamental ser velho sem perder o direito de ser cidadão já que é por meio da participação que existimos como seres sociais. É preciso envelhecer sem se tornar invisível. Tornar-se velho e se assumir como sujeito e não apenas como um ser passivo.

A omissão apaga o indivíduo da sua condição de existência em prol do desejo de não se tornar um estorvo a seus familiares. Velhos, então, se anulam e passam a despedir-se da vida enquanto vivos.

O mundo que não compreende o envelhecer é uma sociedade que fecha as portas para quem não se enquadra nos padrões de existir. O que se espera é uma sociedade justa. Mas ela é perversa.

Famílias sofrem. Cuidadores afetivos tem seus relacionamentos sociais prejudicados pela demanda existente da doença e os idosos são condenados ao isolamento imposto pela demência e pela sociedade. O esquecimento social torna-se cruel e muito maior do que o esquecimento patológico.

É preciso repensar a velhice quando esta não é a desejada por todos. Devemos aprender a olhar o velho com demência sem temer o “provável espelho” que esta velhice possa representar. É fundamental oferecer condições para este idoso ser participativo e que consiga exercer sua autonomia de existência, mesmo que debilitada. Pedro Demo (1986) nos fala dessas barreiras que a própria sociedade impõe a quem não se enquadra naquilo que é esperado.

Temos muito mais a teoria dos obstáculos à participação, encarnados nas questões do poder e da desigualdade. Tanto é assim, que assumimos como ponto de partida a não participação, ou a tendência histórica de coibir a conquista por parte dos interessados de seu espaço próprio de definição. A participação aparece muito mais na órbita da utopia, no bom sentido, ou seja, como componente irrealizável da realidade. (DEMO, 1986, p. 67)

6.3 Arteterapia para Florescer Paisagens

Temas oferecidos enriquecem, culturalmente, a vida dos idosos que se envolvem com a Arteterapia. Novas maneiras de perceber a realidade podem ser deslumbradas e é desta forma que a “Aprendizagem ao Longo da Vida” a qual se refere o Marco Político do Envelhecimento Ativo é posta em prática. Atelier tem cheiro de tinta. Tem desordem envolvente por descontrair e diluir a amargura.

Uma pintura de praia, quando oferecida com criatividade, pode se transformar na “Praia de Caymmi” e o ambiente se enche de música. Leques viram a brisa do mar. Areias e conchas formam o cenário enfeitado com cangas e chapéus. Faz-se a pintura. Faz-se a sensação. O mar é o personagem principal. O protagonista é o idoso.

Angústias, então, dissolvem-se em pinceladas. Um novo mundo é construído e sentimentos são elaborados. Mesmo que inconscientemente e efêmero. O idoso passa a ser um ser atuante e encontra no atelier de Arteterapia a possibilidade de participar de um grupo que se une, para ser socialmente ativo e para exercer, assim, sua cidadania.

Portanto, oferecer ao idoso a oportunidade de se envolver com temas inteligentes é fundamental para todos os tipos de velhices. O Idoso é um adulto que envelheceu e jamais deve ser tratado como criança, mesmo que haja alguma demência instalada. O Velho tem sua história e esta deve ser respeitada.

Sua força, sabidamente usada para camuflar suas fraquezas, formaram um sujeito digno de respeito e que deve ser intelectualmente valorizado. Sempre. Independente de sua classe social.

Idosos em condições de vulnerabilidade sentem-se valorizados com o aprendizado. Seja ele qual for, mesmo que, posteriormente, tudo seja esquecido pela doença que o impede de manter um registro sobre aquilo que foi dito e feito. Se o momento foi engrandecedor é isso que importa para esse tipo de vivência. Incluir o ensino da História da Arte, assim como poesias, histórias e técnicas expressivas diversas é uma maneira de valorizar as velhices e os velhos.

O poeta Paulo Leminski e toda sua irreverência, foi tema de trabalho em grupo de idosos com demência. A poesia foi lida, declamada e repetida inúmeras vezes. Imagens da lua eram mostradas, e se a lua foi ao cinema, por que não ver retratos de artistas como Gregory Peck, Marlene Dietrich entre outros?

Ilustrações servem para representar aquilo que é dito, ao mesmo tempo que servem de estímulo para a compreensão do tema.



Figura 36 – A Lua de Leminski como inspiração

A Lua Foi ao Cinema

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava para ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor,
que até hoje a lua insiste:
– Amanheça, por favor!

(Leminski, 2013, p.199)

Idosos, mesmo com esquecimento, devem ter o direito de serem expostos a tudo aquilo que os transformem em algo maior. Mesmo que por um rápido instante, como já dito. Para algumas velhices, o esquecimento passa a ser o vilão de uma vida que desmorona enquanto neurônios se degeneram. São idosos que já suportam o bastante e suas angústias e incertezas não devem ser motivo de banalização por meio de propostas que os diminuam além da demência.

Para engrandecer e amenizar a situação, estar com grupos de idosos em exposições de Arte é uma boa conduta. A obra de Arte serve como estímulo de pensamento e torna-se uma poderosa ferramenta a favor da vulnerabilidade cognitiva.

O projeto Faça Memórias, tem como proposta trabalhar a obra de Arte exposta como estímulo cognitivo e faz a diferença na qualidade de vida dos idosos participantes.

Defendemos a ideia de que expor os idosos ao contato com a obra de Arte é de grande valia. O profissional de Arteterapia ganha em cada exposição visitada com grupo de idosos um caminho rico e fértil a ser percorrido já que a obra de Arte dialoga com o expectador. Trata-se de um meio eficaz de garantir ao profissional a oportunidade de dar vez e voz aos idosos que visitam exposições. Costumamos visitar exposições

de Arte com grupos de idosos com problemas de esquecimento e os resultados são sempre surpreendentes. Aos que pensam em deixar os idosos com demência isolados em suas casas, saibam que visitas a museus são eficazes por trabalharem além da socialização, o senso estético que não é afetado pela doença.

Citamos a seguir a exposição do artista Raul Mourão como exemplo de uma visita rica e educadora.

Caso prático:

O que a Arte tem a Ver com a Vida

O espaço que a Arte ocupa na vida da maioria das pessoas, infelizmente, é ínfimo. O entusiasmo que todos dizem que temos, se deve ao fato de ter a sorte de vivermos envolvidas com a Arte. Mas não da Arte como objeto, e sim da sensação que a Arte transmite. Por muitas vezes, nos pegamos dialogando com a impressão que ela nos causa. Então, o objeto ali na nossa frente passa a ser apenas um meio de conduzir a nosso favor, aquilo que nos faz existir neste mundo: O que sentimos. A obra de Arte, segundo Merleau-Ponty em “O Olho e o Espírito” (2013, p.23) desperta e eleva à sua última potência um delírio, que é a visão da mesma e que dá existência visível ao que a visão profana crê invisível. Enfim, o que parece complicado pode ser entendido quando pensamos que olhar o objeto artístico faz nossa visão despertar uma sensibilidade tal, que nos faz enxergar aquilo que não se vê.

Talvez seja isso que nos faz ter tantos devaneios. Percebemos a Arte pois nos dispomos a isso. Lamentamos este mundo cético em que vivemos em que as pessoas olham apenas com os olhos. Pensamos nos idosos que não têm contato algum com a Arte e lamentamos vê-los viver a velhice sem se relacionar com a possibilidade de manter-se vivos na sua essência.

A Arte nos afeta e nos faz reagir com sensações e nunca saímos ilesos a isso. A experiência de olhar uma obra de Arte deveria fazer parte do universo onde vivem os velhos que procuram manter-se existindo apesar dos pesares e das mudanças. A Arte traz em si a maneira única que o artista tem de interpretar o mundo enquanto liberta-se, através dela, do fardo que é viver neste mundo tão penoso.

Viver na Arte, para o artista, é uma forma de respirar sem ser pelo nariz. Se nos fosse entregue uma vara de condão, sairíamos por aí desencantando as pessoas estáticas no pensar, no viver e no envelhecer. Tornaria visível os idosos apagados.

Mostraríamos para Dona Mariazinha que a dor da solidão pode ser amenizada quando apreciamos a Arte, pois em meio a tanta expressão, a solidão pode ser acalantada. Ofereceríamos ao Seu João o deslumbramento de perceber a obra de

Arte sendo a própria vida, desde que ele concretize a grandeza de cuidar de si. Já o Seu Antônio, que vive triste desde que se aposentou, tentaríamos resignificar a vida fazendo Arte e olhando para ela.

Precisaríamos de uma vida toda para despertar os inúmeros idosos que parecem dormir acordados, com o ressalvo que, neste sono não se sonha. Pelo contrário, se desfalecem os desejos.

Ao pensar na vida que exige movimento e nas velhices que precisam de ação no viver, relatamos a experiência que tivemos com um grupo de idosos ao visitar a exposição de Raul Mourão no Museu Brasileiro da Escultura, o MuBE, na cidade de São Paulo (junho, 2016).

O artista carioca faz uso das estruturas usadas para fazer os andaimes das construções, para construir seus objetos de Arte. São construções geométricas enormes que parecem desenhos feitos na aula de geometria. O ambiente do museu, assim como a iluminação, fazem as sombras projetadas nas paredes formarem desenhos que se integram com as estruturas metálicas.

Expor os idosos às Artes contemporâneas é inseri-los no tempo atual e calar a fala que diz: No meu tempo, isso, no meu tempo aquilo. É afirmar, na atitude, que seu tempo é o presente.

Em visita à exposição do artista Raul Mourão, idosos puderam entrar em contato com a temática do artista que tem como proposta integrar o expectador com a obra. Presas por eixos, as formas geométricas se movimentam ao serem empurradas por nós expectadores.

A visita foi facilmente transformada em diversão. Os corpos idosos interferiram na obra. Com dificuldade de levantar as pernas para dar um passo mais alto, Dona Ernestina agarrou-se ao nosso braço para entrar numa das esculturas. Era preciso manter o eixo do seu corpo como o alicerce que a deixaria firme em meio a obra de Arte.

No centro da construção, olhávamos o movimento das formas e sentíamos a vibração vinda da escultura. Tudo a nossa volta era ativo. A obra de Arte imitava a vida. Os olhos de Ernestina pareciam encantar-se com o que acontecia a nossa volta. Seu corpo de 89 anos buscava apoio no afeto de um forte abraço. E, assim, abraçadas, saímos de dentro da obra. Renovadas e felizes.

Era a vida que dialogava ou era a Arte?

A experiência vivida provou que interagir com a Arte pode engrandecer a existência dos inúmeros idosos que buscam viver a velhice. Mover-se se faz necessário em todas as fases da vida que não se basta quando apática e sem nexos. Quando

o viver exige movimento, a Arte de Raul Mourão nos mostra que, muitas vezes, um empurrãozinho pode modificar todo contexto.

Agir com bom-senso e ética é a única maneira de modificar essa cruel realidade. Ponto forte no discurso de Morin, a ética deve ser o fio condutor de todos que trabalham com idosos.

A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes, com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana. (MORIN, 2011, p. 18)

Faz-se necessário entender o idoso e suas velhices diversas, com suas verdades e fragilidades: amplas, múltiplas e ao mesmo tempo únicas e precárias. Respeitar, no outro, o que poderá ser, um dia, familiar no conceito e na condição. Circunstâncias futuras cuja única certeza é a de que nossa fraqueza será posta em prova, devem ser consideradas como algo certo.

É preciso que a sociedade aprenda a respeitar as dificuldades impostas pela doença auxiliando a transformá-las em possibilidades. É necessário poder dar ao idoso que vive no esquecimento o direito de exercer sua existência. Idosos que mantêm sua autonomia, mediante a ajuda de profissionais, resgatam a dignidade e o respeito mesmo que momentaneamente.

Atuando em grupos, o idoso demenciado pode desempenhar sua cidadania e seu viver. Estar incluso em um grupo social permite ao idoso o exercício da cidadania, mesmo que em outra condição. A paisagem em seus caminhos são turvas e a nitidez de pensamento passa a ser fato raro. A sociedade compactua com a inexistência desses velhos que deixam de existir como sujeitos e entregam-se a situação de uma quase morte em plena vida. Oferecer condições favoráveis ao exercício da cidadania para toda população idosa, tendo como princípio o respeito à heterogeneidade da velhice, é uma maneira de educar a sociedade como um todo e clarear o trajeto a ser percorrido oferecendo a esses idosos paisagens como possibilidades. É fazer jus ao Marco Político do Envelhecimento Ativo que favorece todo e qualquer tipo de velhice.

A Arte e a Arteterapia para as velhices com debilidade cognitiva é uma conduta de abordagem inovadora para lidar com a fragilidade social e física na velhice, favore-

cendo o resgate da cidadania e a condição de existir como um ser social nas velhices comprometidas pela demência.

O Faça Memórias é uma proposta inovadora da Gerontologia que usa a Arte e o afeto como meio de inclusão social para a resignificação do sujeito que se perde em meio a doenças como Alzheimer e outras demências. A metodologia PREAMAR aprendida por meio da vivência com Elisa é replicada com os idosos demenciados, favorecendo velhices comumente desprezadas e indignas de investimento e que sofrem por uma ignorância coletiva instalada e vivida por uma sociedade que despreza os velhos e velhas condenados ao não lembrar. Os sete passos que fazem parte do método tem sua execução favorecida por meio de um olhar gerontológico pertinente para a compreensão desse tipo de envelhecer.

6.4 Método PREAMAR aplicado nas demências:

- Percepção

Conversas com o familiar e cuidador esclarecem histórias de vida que muitas vezes, dependendo do grau da demência, não podem ser compartilhadas por eles. É preciso conhecer o sujeito velho para poder elaborar estratégias que possam ter aderência aos participantes.

- Reconhecimento

Este segundo passo da metodologia é fundamental para que o idoso possa se favorecer com as intervenções propostas. Quando o idoso envolvido carrega com ele uma demência ou uma patologia qualquer, o risco de ter sua subjetividade ameaçada é grande devido à tendência que alguns profissionais tem em colocar o olhar médico acima do olhar humano. Para reconhecer é preciso entender que o sujeito vai além da doença.

- Estratégia

Após o reconhecimento do sujeito velho, o passo a seguir deve ser pensado a partir do resultado que se deseja obter. Quando existe alguma patologia ou demência envolvida, é preciso conhecê-la para pensar em estratégias capazes de serem executadas. Faz-se necessário compreender as reais possibilidades de realização. O profissional de Arteterapia, jamais deve insistir nas habilidades já perdidas pela doença. É preciso entender que aquilo que já foi corroído não deve fazer parte da intenção de intervenção. Compreender o que ainda é preservado pela doença, garante ao profissional uma porta de entrada aberta para o sujeito existente além da patologia

- Afeto

Saber que o afeto é preservado pela demência é um acalanto ao profissional que trabalha com idosos que, por sua condição, não conseguem registrar na memória o momento vivido. Na prática, percebemos que a lembrança do que foi feito não perpetua, mas aquilo que foi sentido eterniza-se em forma de bem-estar e calma. Afetar-se, portanto é a palavra de ordem. O profissional de Arteterapia deve estar ciente de que a intervenção proposta irá gerar sensações que apesar de não lembradas estarão registradas em algum lugar. Lugar sutil, capaz de servir como barreira ao devasto causado pela patologia.

- Mão na Massa

Para os idosos com problemas de esquecimento, o fazer artístico deve ser proposto com a intenção de trabalhar as funções prejudicadas pela doença, a autonomia perdida pela situação vivida e a condição de atuar como protagonista de um instante. As propostas não devem menosprezar os idosos que já têm a doença os depreciando. Escolha de temas pertinentes, expostos com nitidez por meio de uma fala limpa e clara devem fazer parte da proposta. É preciso identificar qual tipo de fazer deve ser indicado para que o idoso não se frustre com suas limitações. A escolha dos materiais e técnicas devem favorecer o que ainda é possível ser executado. Poesias, história da arte, visitas a exposições e propostas criativas apresentadas com entusiasmo, devem fazer parte deste fazer capaz de beneficiar, além das funções cognitivas, a condição de existência de um ser ativo capaz de atuar a favor de si. Cabe ao profissional entender qual tipo de velhice lhe é apresentada para poder compreendê-la e respeitá-la.

- Análise de Resultado

Ao término de cada proposta o profissional deve analisar se houve ou não dificuldades para execução e entendimento, assim como o resultado plástico do trabalho feito. É necessário entender que os padrões estéticos relacionados ao belo, aqui cedem espaço a questões muito mais relevantes do que, simplesmente, ser bonito ou feio. A análise de resultado deve estar relacionada ao envolvimento do idoso com a tarefa, ao prazer durante sua realização assim como a percepção do que foi feito e a sensação tida durante a elaboração da proposta. Não há dúvidas de que profissionais que trabalham com demência tem seus valores modificados a cada encontro.

- Refinamento

O refinamento, sétimo passo do método PREAMAR, tem como objetivo oferecer ao idoso envolvido na prática da Arteterapia, uma nova oportunidade de vivenciar algo que continue favorecendo o seu caminhar na paisagem da velhice. Propostas que tragam novos desafios são sempre bem-vindas, mas ao trabalhar com idosos envolvidos em alguma patologia degenerativa, é preciso entender este refinamento como uma nova estratégia capaz de favorecer aquele momento específico, com suas características e peculiaridades e não como um passo a ser dado para superar o passo anterior. A doença é cruel e destrói, pouco a pouco, o que antes era preservado. É preciso estar atento para, profissionalmente, ter um olhar de refinamento para a situação, lembrando que idosos com diagnóstico não devem ser vistos de maneira padronizada. Mesmo que em grupo e com uma mesma proposta, é preciso entender cada velhice ali presente de maneira única e refinar o próximo passo a favor de cada um, respeitando sua atual condição de existência em um viver que atropela toda e qualquer boa intenção do profissional de Arteterapia.

Método descoberto e replicado. Elisa e a bailarina Zuzima abrem o caminho para toda e qualquer paisagem das mais diversas velhices.

6.5 Cenários futuros: Josés, Marias e Elisas

A vivência aprendida e sentida mediante a relação com Elisa ofereceu uma nova paisagem profissional que pode ser percorrida a passos de dança.

A energia modificadora recebida pelo vigor de Zuzima transcendeu o tempo e continua sendo o combustível que necessitamos para atravessar toda e qualquer paisagem profissional que nos é apresentada.

Ao revirmos o baú de registros, anotações, objetos, presentes e relatos, o percurso mostra-se uma continuidade, cada vez mais lapidada, de fatos, interferências e relações que começaram em meio a esta relação de afeto e cumplicidade.

Pudemos perceber, neste trajeto, que Zuzima é uma condição de existência de todo ser-humano. Refere-se ao lado saudável e criativo de cada um que, por decorrência, ora dos efeitos do envelhecimento ora por condições desfavoráveis da própria vida, passa a ser violado por um viver sufocante.

Elisa modificou a paisagem de nossa vida e desenhou o caminho para as paisagens futuras assegurando que vivências potentes não se desfazem no tempo. O trajeto estava pronto para novas Elisas o percorrermos ao nosso lado. A passos de dança, Zuzima se faz presente em todas as novas paisagens.

... ela foi só um começo de uma longa jornada que você ainda tem pela frente!!!! Sei que muitas outras pessoas vão ser abençoadas através da sua paciência... sua paixão... e sua vida!!!!

(texto extraído da carta escrita pela filha da Elisa após sua morte)

Como não sentir a Elisa nele? Um senhor amoroso e muito simpático que frequentava o Centro Dia que acontecia dentro de um Residencial de Idosos de grande porte. Ele participava das atividades de Arteterapia com entusiasmo assim que chegava ao local, começava a fazer as atividades. Era muito comum a fisioterapeuta ir resgatá-lo nas oficinas de Arte quando ela percebia sua ausência no grupo de fisioterapia.

Seu José estava no início da doença de Alzheimer e sabia disso. Com muito bom humor ele, cada vez que se sentia confuso, dizia: Estou ficando goiaba!

Este senhor tinha uma disposição infantil e era isso que nos chamava a atenção.

Sua disposição e vontade de pintar apenas pela alegria do fazer, apontaram uma estratégia de trabalho que favoreceu muito nossa relação: Oferecemos miniaturas de brinquedos em madeira e foi dessa forma que Seu José tornou-se uma espécie de Geppetto³ do Centro Dia.

³ Geppetto do filme Pinóquio: Era um velho madeireiro italiano chamado Geppetto que constrói um boneco de madeira chamado Pinóquio que é trazido a vida pela fada azul.

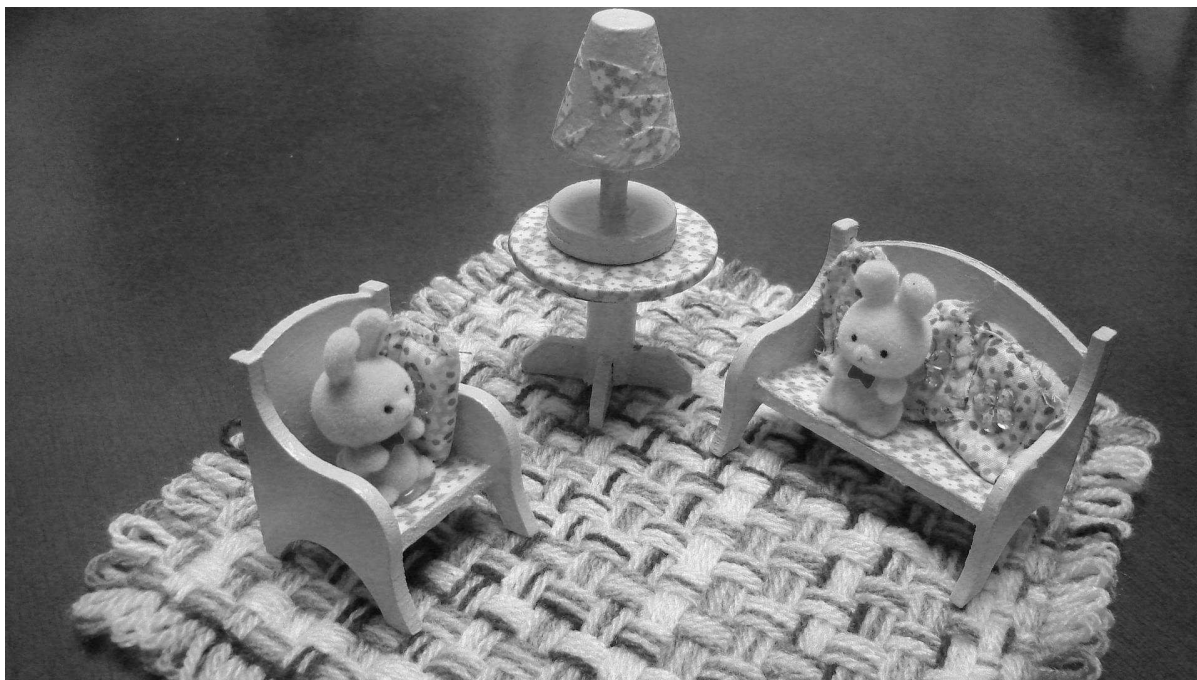


Figura 37 – miniaturas

Seu envolvimento com as atividades contagiava o grupo o que nos levava a fazer um verdadeiro garimpo em lojas de Artesanato para encontrar novidades para ele.

Quando teve uma exposição de Artes da Associação Brasileira de Alzheimer, ABRAZ, Seu José preparou uma miniatura que foi inserida em uma pequena vitrine de madeira também feita por ele. Trabalho inscrito, exposto e Seu José ganhou o primeiro lugar no concurso com prêmio em dinheiro além do mais importante, que foram as flores, que recebeu em casa com um cartão do presidente do Hospital Israelita Albert Einstein o parabenizando pelo ocorrido.

Um dia, ele vem ao encontro da Arteterapeuta com um presente nas mãos. Ele que era judeu, a presenteou com uma medalhinha da Nossa Senhora que é guardada até hoje em um pequeno oratório. Ao recordar essa história, é possível escutar sua fala, nítida e clara como se não houvesse o passar do tempo:

“Queria muito que aceitasse esse presente que eu encontrei, há muito tempo atrás, caído na rua. Sempre guardei essa medalhinha com carinho, mas só hoje fui entender o porquê de tê-la achado. Encontrei essa medalhinha para poder te presentear.”



Figura 38 – Medalha

Quando paramos de trabalhar no residencial, Seu José passou a ser morador de lá. A doença foi avançando e não pudemos fazer mais nada a não ser conviver com a certeza de termos entregue a ele o melhor que podíamos ter feito.

Mais uma vez a vida teve que seguir e o nosso “Eliso, o nosso “Geppetto”, passou a fazer parte de uma vivência passada, porém transformadora da paisagem.

Certo dia, ao encontrarmos sua esposa, soubemos que ele já estava em um estágio tão avançado da doença que já não interagira mais com ninguém.

Sabendo disso, resolvemos visitá-lo, pois precisávamos nos despedir de alguém tão querido e que, ia embora, ainda em vida. Ao chegar ao seu quarto ele estava na cadeira de rodas virado para a janela, como se fosse possível apreciar a paisagem. Trouxemos a cadeira para perto e começamos a falar com ele explicando quem éramos. Seu olhar era vago, vazio e envolto por uma névoa que parece ter se diluído em um momento de realidade quando mostramos a medalha que ele havia presenteado.

A reação de seu olhar revelou que ali, dentro daquele corpo, continuava a existir aquele senhor simpático que soube, um dia, enriquecer nosso caminhar profissional. A doença e sua crueldade aniquilaram Seu José, mas o âmago que o constituía estava lá. Mesmo que sufocado pela degeneração, a Zuzima em forma de Geppetto ainda existia.

6.6 Faça memórias: Intervenções Inovadoras a favor dos Idosos com Alzheimer e Outras Demências

Um exemplo de intervenção a favor da cidadania dos idosos com demência é o Projeto Faça Memórias. Como já assinalado, o Faça Memórias é um “curso

especial” para idosos com perda de memória. Trata-se de uma potente intervenção não medicamentosa na qualidade de vida dos idosos com demência. Inspirado no Meet me at MoMA do museu de NY, o programa que acontece semanalmente faz uso das obras de Arte expostas como estímulo de memória, além das atividades artísticas desenvolvidas no atelier do museu[1]. O programa é referência quando se fala em novas abordagens para lidar com a Doença de Alzheimer.

O Faça Memórias existe desde 2009 e é aplicado no MuBE, como decorrência natural do atelier de Arte & Inclusão, fundado em 2007 no mesmo museu, e que até hoje atende com uma proposta de intergeracionalidade, diversas pessoas, vítimas de AVC, Doença de Alzheimer, paralisia cerebral e outras patologias.

Apreciar uma obra de Arte trabalha áreas que permanecem intactas mesmo que a demência não permita que este olhar seja verbalizado e compreendido. Possibilitar aos idosos com Alzheimer a oportunidade de interagir com a Arte é uma prazerosa maneira de oferecer estímulo cognitivo, fazendo com que a doença passe a ser mais branda e digna, pois esse tipo de velhice é envolta não apenas pelo esquecimento como também por algo próximo a um desprezo coletivo.

Para proteger o idoso das crueldades sociais existentes, O Marco Político do Envelhecimento Ativo em Resposta à Revolução da Longevidade[2] foi projetado para que as pessoas realizassem seu potencial de bem-estar físico, social e mental ao longo de toda vida e que participassem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades (p.13). O Marco Político do Envelhecimento Ativo serviu como base para que diversas políticas públicas fossem elaboradas favorecendo, inclusive, idosos que envelhecem envoltos no esquecimento e é referência para os tomadores de decisões do país. Desde a publicação do Marco Político, algumas questões como os direitos do idoso, o prolongamento da vida profissional, a aprendizagem ao longo da vida, a qualidade de vida de idosos frágeis e dependentes e daqueles que estão no final da vida, se tornaram mais proeminentes (p.14).

Ser ativo socialmente é requisito básico de ser cidadão, mas as condições são inacessíveis e não facilitam o viver para esses idosos, incapazes, por suas questões cognitivas, de atuar sua existência de acordo com suas possibilidades. É preciso e fundamental que a sociedade perceba a importância de se reorganizar para acolher os idosos que envelhecem nessas condições e que afetam todo envolvimento, fragilizados pela demência, fazendo valer os pilares que sustentam o Marco Político: Saúde, Aprendizagem ao longo da Vida, Participação e Segurança e Proteção.

O Faça Memórias é um programa condizente com a intenção do Marco Político do Envelhecimento Ativo ao favorecer idosos com demência possibilitando a oportunidade de manterem-se ativos e socialmente vivos, fazendo-se jus aos pilares descritos no documento.

E se o Marco Político do Envelhecimento Ativo fala em Participação, o Faça Memórias enquadra-se neste tópico ao colocar o idoso com diagnóstico de perda de memória como um ser atuante socialmente. Fechar as portas das atividades sociais para essa velhice é compactuar com a doença e não com a vida. É reforçar sua condição de não cidadão quando deveríamos nos educar para incentivar o exercício da cidadania desses velhos. O Faça Memórias tem como proposta mostrar o idoso atuante. Diferente da maioria dos idosos com Alzheimer, os participantes do Faça Memórias têm a oportunidade de serem indivíduos existentes socialmente. Portanto, neste caso, enquanto ativo a doença não destrói o sujeito social pois ele continua exercendo sua cidadania e convivendo em sociedade, o que é a essência do ser-humano.

Segundo Demo (1986),

A conquista da participação admite inúmeras concretizações históricas, inclusive as violentas, se os opressores forem também violentos. Mas há as formas lentas e profundas de conquista, como é o processo educacional, a ativação comunitária baseada na identificação cultural, etc. Em todo caso, não existe por descuido ou por comodidade. Precisa ser conscientemente construída. Será suada. É luta no sentido do esforço aí investido. (p. 69)

Profissionais que trabalham com o envelhecimento precisam ter em mente a importância de lutar contra uma sociedade opressora e tirânica em prol de todos os tipos de velhices, como bem escreve Paulo Freire (2015):

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (p. 60)

ÚLTIMA PAISAGEM: A VELHICE COMO CENÁRIO**Figura 39 – Idosas em Atelier de Arteterapia**

A terra e a vida parecem-lhe pesadas, e é isso o que quer o espírito do pesadume! Aquele que, porém, deseje ser leve como uma ave deve amar-se a si mesmo: assim predico eu.

Claro, não é amar-se com o amor dos enfermos e dos febricitantes; porque nestes até o amor próprio cheira mal.

É preciso aprender a amar-se a si próprio com o amor são, a fim de aprender a suportar-se a si mesmo e a não rondar fora de si. (NIETZSCHE, 1999 p.167)

Amar a Si em Meio às Rugas e às Dores

A velhice é instalada e com ela a mudança de paisagem é evidente no caminho que precisa ser percorrido.

O corpo sofre transformações trazidas pelo tempo e é desta forma que a paisagem atual começa a ser desenhada. É este o instante em que nos deparamos com o resultado das construções feitas ao longo da vida. Saberemos suportar essa constatação? Nossas escolhas e atitudes reforçam o tipo de velho que nos tornamos em meio às perdas sociais e individuais. O fim do caminho começa a surgir no horizonte como uma paisagem real. Envelhecer é, portanto, complexo e exige a presença inteira do sujeito velho na paisagem. Não é possível mais estar inserido no cenário através da própria sombra. É imprescindível tomar parte do todo até o fim da última paisagem.

Friedrich Nietzsche, filósofo prussiano que viveu entre 1844 até 1900, nos auxilia na compreensão das velhices. Reflexões instigadas pela professora Silvana Tótora, nos fizeram relacionar o pensamento de Nietzsche com questões familiares ao longeviver.

Nietzsche nos fala da vida como vontade de potência ao mesmo tempo em que aponta o Niilismo como uma vontade de nada, ou seja, a construção de ideais de vida que julgam e desvalorizam a existência. O fracasso dos ideais conduz a um cansaço e um desencanto, muito comumente observado em algumas paisagens da velhice.

Suas ideias mostram a crueldade como história da cultura que atravessa o corpo, modifica o ser e constitui os diversos tipos de indivíduos. O Niilismo ativo seria uma modalidade de Niilismo que levaria a destruição dos valores contrários à vida podendo gerar uma transvaloração dos valores existentes. Por sua vez, o nada de vontade, ou Niilismo passivo seria o nada levado às últimas consequências, transformando-se em forças destrutivas de si. São os velhos que vivem uma vida reduzida a um esperar pela morte enquanto recusam qualquer tipo de energia vital que possa ser transformada em potência de vida. Matam-se aos poucos a cada dia por meio de ações e pensamentos que colaboram para o fim da existência ainda em vida.

Para Nietzsche o corpo tem história e é um conjunto de relações de afeto, impulso e forças que se modifica o tempo todo ao ser atravessado pela cultura. Mas numa cultura doente, isto é, fraca em valores da potência da vida, uma crueldade

atravessa o corpo e as velhices. É preciso ser velho e ter energia para inverter o sentido das forças que destroem a vida e o viver, como o vento que alimenta o fogo. É por meio da Genealogia da crueldade que Nietzsche vai compreender a cultura, a mesma que estilhaça corpos sem potência de vida, entregues ao niilismo. Mas a vontade de potência é a força que nos impulsiona a viver e é a partir dessa força que o homem se torna um avaliador, capaz de avaliar, medir e compreender quais forças o destrói e quais forças o potencializa. É preciso distingui-las.

Ao envelhecer, a perspicácia desta vontade de potência se faz necessária para nos tornarmos gestores de nossas próprias forças.

Para o filósofo, o médico de si é aquele que consegue interpretar as forças tornando-se capaz de medi-las e diferenciá-las para então superá-las. Para Nietzsche o homem não é uma meta, ele é uma ponte para ser superado, portanto é preciso interpretar as forças que nos atravessam entendendo que as forças reativas também podem ser dominantes.

Com base nessas colocações do filósofo médico podemos refletir acerca do caso de Elisa. Seu corpo sofria as transformações dadas pelo tempo e pelas forças que o atravessavam. Seu Acidente Vascular Encefálico afetou aquele ser aniquilando sua potência vital. Viver tornou-se um fardo como se todo peso viesse da própria vida.

E nós... arrastamos fielmente aquilo que nos carregam sobre duros ombros e por áridos montes! Se suamos, dizem-nos: "É verdade: a vida é uma carga pesada!" A única coisa pesada, porém, para o homem levar é o próprio homem! (NIETZSCHE, 1999, p.167)

E levar a si tornou o caminhar de Elisa difícil de ser trilhado. Era necessário suavizar o caminho a ser percorrido oferecendo condições de reverter sua atual condição. A Arteterapia foi um meio de entregar a ela a chance de transformar as forças reativas dominantes que conduziam a uma desvalorização da vida em novas forças ativas que pudessem criar um personagem mais potente: eis que em meio aos escombros emergiu Zuzima.

A Arte para Elisa era um meio de espiritualizar-se e se opor aos afetos decadentes. Sempre foi e continuava sendo um meio de trazer para si a produção dela própria como obra de arte.

Nietzsche nos fala da necessidade do homem de encontrar um sentido para o seu sofrimento e, dessa busca, pode emergir valores idealistas que desvalorizam a vida. Porém, se essa busca de sentido for o da vida é possível combater o niilismo. Por

meio da Arte foi possível a Elisa encontrar um estímulo a favor da vida e um meio de mudança de atitude perante o viver e o longeviver. Tratava-se de um meio de afetar-se plenamente para ampliar sua potência de vida. A Arte foi o percurso de Elisa para se libertar do niilismo. Ao ser afetada pelos trabalhos sugeridos, ela trazia a Zuzima como potência de vida, ultrapassando os valores da decadência e ganhando forças para enfrentar a difícil situação imposta pela doença.

De pessoa doente, passa a ser novamente saudável já que inventa, por meio da Arte, a cura para si e utiliza os acasos ruins para se tornar forte e potente.

A filosofia é um modo de vida e Nietzsche vivia sua filosofia cujos princípios, Elisa, intuitivamente, soube se apoderar.

Vida como Vontade de Potência, Zuzima como condição da própria cura, capaz de tirar as sequelas impostas pelo derrame do foco principal. Elisa, por meio da Arte torna-se médica de si curando a si própria e se tornando, finalmente, diferente da situação de decadência que a doença lhe trouxe e se apropriando das potências da vida que lhe animara.

Nietzsche nos fala do ideal ascético como expressão humana da vontade de nada e do niilismo reativo que busca um sentido para o seu sofrimento. Como afirma o filósofo em Genealogia da moral (§ 1, § 28, DIII), “a vontade humana (. . .) *precisa de um objetivo* - e preferirá ainda *querer o nada a nada querer*” (grifos do autor).

Contudo, Elisa buscou um sentido na arte, mas não um ideal ascético, mas uma nova possibilidade de vida e não uma simples reação à velhice ou à doença. Velhos não reagem ao viver, mas assim como Nietzsche soube fazer, deveriam combater as formas de niilismo. A Arte é uma forma de potência e um estimulante da vida capaz de provocar algo a favor do viver e do envelhecer. Segundo o filósofo, apenas a Arte é capaz de oferecer forças para o enfrentamento das dores da vida. Velhos e velhas podem ser favorecidos já que o corpo, agora envelhecido, percebe seus limites enquanto mantém os desejos de vida como potência. Viver é afetar-se e ganhar, com o tempo, um saber ao interpretar as forças que nos atravessam. O sim ou o não dão a vez ao talvez e a paisagem na velhice ganha nuances que outrora eram imperceptíveis.

A Arte nos aproxima do pensamento de Nietzsche ao mostrar cores, transformando-se em outras tonalidades com uma sutileza tênue.

Vida como vontade de potência para todas as velhices e a paisagem que um dia teve cores contrastantes, passa a colorir o cenário com nuances capazes de gerar uma calma nunca antes vivida. O sim e o não saem de cena. Talvez a vida possa, na velhice, ser ainda maior. Talvez os velhos possam reconhecer mais facilmente as oscilações de forças para favorecerem-se delas. Talvez a velhice possa ser a coroação da vida. Sem o sim? Sem o não? Talvez.

Tu si che me fai male, me stringe le ali

L'asciami anch io sono figlia di Dio.

Tereza pentita arrosi .

Dischiudera le dita e l'inseto fugi.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Maria Célia de. Velhice: uma nova paisagem, São Paulo : Ágora, 2017.
- AMARAL, Aracy A. Arte e Sociedade no Brasil, vol 2: de 1957 a 1975- São Paulo: Callis Editora Ltda, 2006
- AMARAL, Aracy A. Arte e Sociedade no Brasil, vol 3 de 1976 a 2003- São Paulo: Callis Editora Ltda, 2009
- BEAUVOIR, Simone. A Velhice- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990
- BRASIL. Portaria 46/2010/SMADS ,Política Nacional do Idoso, 2015
- CIORNAI, Selma (org). Percurso em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia – São Paulo, Summus, 2004
- CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE F. Elizabeth; ARCURI, G.Irene (organizadoras). Velhice envelhecimento complex(idade) – São Paulo, Vetor, 2005
- DEMO, Pedro. Participação é Conquista, Noções de Política Social Participativa – Fortaleza, EUFC, 1986
- DICIONÁRIO de símbolos: (mitos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números), Jean Chevalier– Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- FABIETTI, Deolinda M.C.F. Arte Terapia e Envelhecimento, 2003 - Dissertação de Mestrado em Gerontologia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte- Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979
- FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito - São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010
- FOULCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão- Petrópolis, Editora Vozes, 2014
- FRANCISQUETTI, Ana Alice. Arte-Reabilitação: representação gráfica da dor – Revista Arte-terapia Reflexões, 2002; 5: 30-40
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015
- FREITAS, Elizabete Viana de; PY Ligia. Tratado de geriatria e gerontologia -
- FRONTEIRA DO PENSAMENTO. Dica de leitura. disponível em: <http://www.fronteiras.com/entrevistas/gilles-lipovetsky-os-paradoxos-que-enfrentamos-e-os-valores-que-nos-movem> Acesso em: 01/05/2017

- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- GIACOIA Junior, Oswaldo. Nietzsche – São Paulo – Publifolha, 2000
- GOLDFARB, Delia Catullo. Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998
- HERRERA, Hayden. Frida: a biografia – São Paulo: Globo, 2011
- KAGIN, S. & LUSEBRINK, V., *The Expressive Therapies Continuum, Arte Psychotherapy*, vol.5, pp.171-180, Pergamon Press, New York, 1978.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Artmed; UFMG, 1999.
- LEMINSKI, Paulo. Múltiplo Leminski. Curitiba, PR: Museu Oscar Niemeyer, 2013
- LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia /Paulo Leminski. São Paulo: Campanhia das Letras, 2013
- LEMOS, Daniela de et al. *Velhice. Revista Virtual Textos & Contextos*, n. 4, 2001.
- MERCADANTE, Elizabeth Frohlich; BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. Envelhecimento ou Longevidade? – São Paulo: Paulus, 2009
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O Olho e o Espírito. São Paulo, Cosac Naify, 2013
- MONTEIRO, Marli Piva. O Tempo Foracluído Da Psicanálise - 2011
- MOREIRA, Denise Ardo. O olhar de quem já viu muito. O idoso como fruidor nas mediações culturais em artes plásticas. 2008. Dissertação de Mestrado em Gerontologia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- MORIN, Edgar, 1921. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2011
- NERI, Anita Liberalesso- A formação Gerontológica no Brasil - A TERCEIRA IDADE – Serviço Social do Comércio – São Paulo, Volume 17, nº 35, fevereiro 2005 disponível em :https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/54042998-ac39-4be3-9805-7dbbec50fc38.pdf
- NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. Rev. Ciênc. Ext. v.6, n.1, p.43, 2010.<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143244/ISSN1679-4605-2010-06-01-40-53.pdf?sequence=1>
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra – São Paulo – Editora Martin Claret Ltda, 1999
- NIETZSCHE, Friedrich. Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e

desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003

NIQUETTI, Ricardo. Deleuze e a Velhice: Uma Política dos Encontros. 2015. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O Livro da Filosofia / (tradução Douglas Kim). São Paulo : Globo, 2011

Oliveira Carla Montefusco de. Revista Eletrônica Inter-Legere – Método e Sociologia em Weber– Número 3 (JUL/DEZ 2008)

Revista Kairós: gerontologia / Núcleo de Estudo e Pesquisa do envelhecimento. Programa de Estudos Pós –Graduados em Gerontologia – PUC-SP. Ano 1 n. 1 (1998)- São Paulo: EDUC, 1998 v.4 – n.1

ROSSEL, Herrera; Teorias Sociológicas do envelhecimento - 2004 -disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2583/10/Teorias%20Sociológicas%20do%20envelh>

SILVA, Anna Cruz de Araújo Pereira da. Vulnerabilidade Humana e Envelhecimento: o que temos haver com isso / São Paulo: Portal Edições: Envelhecimento, 2015

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda. Teorias Sociológicas do Envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. P. 47-57.

TÓTORA, Silvana. Velhice: Uma estetica da existência. EDUC-Editora da PUC-SP, 2016.